

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ANE BRISCKE PRATES

**“AQUI É GUERRA TODO DIA”:  
JUVENTUDE E COTIDIANO EM UM BAIRRO POPULAR DE PORTO ALEGRE– RS**

Porto Alegre  
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ANE BRISCKE PRATES

**“AQUI É GUERRA TODO DIA”:  
JUVENTUDE E COTIDIANO EM UM BAIRRO POPULAR DE PORTO ALEGRE-  
RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre  
2020

## Ficha Catalográfica

P912a Prates, Ane Briske

Aqui é guerra todo dia : juventude e cotidiano em um bairro de Porto Alegre - RS / Ane Briske Prates . – 2020.

109.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Fernanda Bittencourt Ribeiro Ribeiro.

1. Territórios. 2. Violência. 3. Juventude. 4. Políticas Públicas.  
5. Sociabilidade. I. Ribeiro, Fernanda Bittencourt Ribeiro. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

ANE BRISCKE PRATES

**“AQUI É GUERRA TODO DIA”:  
JUVENTUDE E COTIDIANO EM UM BAIRRO POPULAR DE PORTO ALEGRE-  
RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Defesa em: 31 de março de 2020

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

---

Prof. Dr. Airton Jungblut

---

Profa. Dra. Luísa Dantas

Porto Alegre  
2020

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que atravessam nossa trajetória e agradeço a todas e todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha trajetória acadêmica e contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar agradeço aos idealizadores e executores do Programa universidade para Todos (PROUNI), política pública de acesso ao ensino superior, que oportunizou o meu ingresso a uma universidade de qualidade como a PUCRS, onde tive acesso a uma educação de excelência, convivi com professores e professoras extremamente qualificados e humanos, os quais agradeço imensamente. Sem tal política, jamais estaria escrevendo uma dissertação e pleiteando o título de mestra em Ciências Sociais.

Faz parte deste corpo docente a orientadora deste projeto, professora Dr<sup>a</sup> Fernanda Bittencourt Ribeiro, profissional ímpar, que além de excelentes aulas sobre teorias antropológicas, etnografia e etc., foi fonte de orientações preciosas e constante estímulo, os e-mails finalizados com “ siga em frente” foram um diferencial na manutenção do ânimo para a escrita.

Agradeço as integrantes da banca de qualificação e defesa deste projeto, professora Dr<sup>a</sup> Lucia Helena Muller, mais uma professora que marcou minha trajetória e cativou pelo amor a profissão e a antropologia. Professora Dr<sup>a</sup> Luisa Dantas agradeço pela contribuição a banca de qualificação e defesa, sou grata aos seus comentários e sugestões, Professor Dr<sup>o</sup> Airton Jungblut, muito obrigada pela leitura e participação na banca de defesa.

Sou grata também a todos integrantes do IDADES grupo de pesquisa e estudos em antropologia, reflexões e críticas.

Os agradecimentos vão também aos apoiadores e apoiadoras de todos os momentos, meus pais, Marguita e José Carlos. Aos meus irmãos, Felipe e João. Agradeço a Diana, minha cunhada e mãe dos presentes mais importantes que ganhei durante o mestrado, meus sobrinhos Bernardo e Pietro.

Agradeço as parceiras criadas ao longo do mestrado, e sou grata a todas as colegas que de alguma maneira contribuíram para desenvolvimento da pesquisa, Ana Karina, Josiane, Santiago obrigada por todas as trocas e cooperação.

A Amanda e Natane agradeço pelas trocas teóricas e de vida, pela disposição em dividir dúvidas e celebrar vitórias. Junto ao Lucas Schleicher, vocês são mais do que um grupo de amigos, são Família.

Priscila Susin, obrigada por cada palavra, pela leitura terna deste trabalho, pelas dicas e traduções. Obrigada Caroline pela tua alegria contagiante, Gabriela pela delicadeza e Gislaine pela parceria e apoio.

Sou grata aos amigos que o mestrado me deu, Ariely, Roger. Ao Alexandre Guilhão que também começou a fazer parte de minha vida a partir da pós graduação obrigada pelas catarses diárias, pelo amor e solidariedade.

Por último agradeço ao Pedro, meu filho, minha inspiração e fonte de animo constante. Tua inteligência e sagacidade me ensinam muito, e sempre. Tua curiosidade me mantém atenta e disposta ao aprendizado. Tua sensibilidade, e bondade renovam minha fé no futuro diariamente.

<sup>1</sup> **“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”**

**“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”**

Para mim o amor da antropologia tornou-se uma relação na qual quando eu atinjo o rochedo eu não o quebro através da resistência do outro, mas num gesto de espera eu permito o conhecimento do outro me marcar. (DAS, 2007, P. 17; tradução FERNANDES, 2016).

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é descrever diferentes dimensões do cotidiano de jovens que moram em um bairro popular na região centro-sul de Porto Alegre e que têm suas rotinas marcadas pela “guerra” deflagrada por grupos criminosos que disputam o controle da venda de ilícitos na região. Fazendo uso do conceito de “pedaço” (MAGNANI,2006), busco mostrar como nesse lugar o espaço público ganha características de privado, criando fronteiras fortemente controladas que limitam tanto a circulação, quanto o acesso a políticas públicas por parte dos jovens. A questão da violência emergiu intensamente durante o trabalho de campo, diferentes eventos fizeram com que tanto minha atenção, quanto a dos interlocutores se voltassem a situações de violência ocorridas na região, desta forma, as análises realizadas tem na violência uma categoria analítica que serve como “enquadramento” (BUTLER, 2015) para reflexões. Busco ainda realizar a análise das formas de sociabilidade derivadas deste contexto e a emergência das tecnosociabilidades (ESCOBAR, 1994) atravessadas pela violência e parte inegável do cotidiano juvenil.

**PALAVRAS CHAVE:** territórios, violência, juventude, políticas públicas, sociabilidade , tecnosociabilidade.



## ABSTRACT

This research objective is to describe different dimensions the daily lives of young people who live in a low-income neighborhood in the south-central region of Porto Alegre, and who have their routine marked by a “war” triggered by criminal groups that dispute the control of the illicit drug trade in the region. Using the concept of “piece” (MAGNANI, 2006), I try to show how, in this territory, the public space is characterized by private dynamics, creating highly controlled restrictions that limit both the circulation and the access to public policies by young people. The issue of violence emerged intensely during fieldwork, when different events brought situations of violence to my attention and to the attention of the young interlocutors. In this way, the analysis presented are framed by the category “violence” (BUTLER, 2015), and by the observation of “forms of sociability” derived from the researched context and considering the emergence of a “techno-sociability” (ESCOBAR, 1994), marked by violence and an undeniable part of the youth routine.

**Keywords:** territories; violence; youth; public policies, sociability, techno-sociability.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
A PESQUISA DE CAMPO E O PROCESSO ETNOGRÁFICO .....	13
O RETORNO COMO PESQUISADORA E O LIVRO DA CRUZEIRO .....	15
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO E ENQUADRAMENTOS CONCEITUAIS.....</b>	<b>21</b>
1.1 ITINERÁRIOS DE PESQUISA: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A COPA DO MUNDO.....	23
1.2 POR DENTRO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA JUVENTUDES .....	32
1.3 A CRUZEIRO EM PEDAÇOS .....	40
<b>2 JOVENS MORADORES DA CRUZEIRO E AS METÁFORAS DE GUERRA ...</b>	<b>44</b>
2.1 “NÃO DÁ PARA FAZER NADA QUE JÁ QUEREM CHAMAR A POLÍCIA” – METODOLOGIA DE TRABALHO .....	47
2.2 O INICIO DA GUERRA NA CRUZEIRO.....	54
2.3 AQUI É GUERRA TODO DIA: COTIDIANO E VIOLÊNCIA NA CRUZEIRO...	62
2.4 NARRATIVAS PÚBLICAS SOBRE A GUERRA.....	68
<b>3 AS LADAIAS DA CRUZEIRO: JUVENTUDES, SOCIABILIDADES E REDES SOCIAIS.....</b>	<b>72</b>
3.1 ROLÊS, ENCONTROS E FORMAS DE LAZER .....	82
3.2 OS ENVOLVIDOS .....	86
3.3 AQUI NINGUÉM É VÍTIMA .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>

## LISTA DE SIGLAS

<b>AMOVICS</b>	Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul
<b>CRAS</b>	Centro de Referência em Assistência Social
<b>DECA</b>	Departamento Estadual da Criança e do Adolescente
<b>DEM HAB</b>	Departamento Municipal de Habitação
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>FASC</b>	Fundação de Assistência Social e Cidadania
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IML</b>	Instituto Médico Legal
<b>ONG</b>	Organização Não-governamental
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PAEFI</b>	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos
<b>PAIF</b>	Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias
<b>PSB</b>	Proteção Social Básica
<b>PRONACI</b>	Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania
<b>PROCEMPA</b>	Cia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre
<b>PUCRS</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<b>SCFV</b>	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
<b>SMURB</b>	Secretaria Municipal de Urbanização
<b>SUAS</b>	Sistema Único de Assistência Social
<b>TE</b>	Trabalho Educativo
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

### FIGURAS NO CORPO DO TEXTO

Figura 1: Lixo acumulado em esquina na Avenida Moab Caldas.....	17
Figura 2: Visão parcial da Cruzeiro. ....	21
Figura 3: À direita o Postão, importante conquista para os moradores da região, ao centro se vê uma obra inacabada. ....	25
Figura 4: Crianças brincando em entulhos e restos de obra na Avenida Moab Caldas. ....	25
Figura 5: Imagem aérea da zona sul da Capital. Em destaque, a Avenida Moab Caldas e as avenidas localizadas no entorno do Estádio Beira-Rio.....	27
Figura 6: Avenida Moab Caldas durante as obras para a copa 2014.....	29
Figura 7: Imagem do perfil do Twitter "Ladaias da Cruzeiro". ....	75
Figura 8: Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook. ....	93
Figura 9: Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook. ....	94
Figura 10: Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook. ....	94

### TABELAS NO CORPO DO TEXTO

Tabela 1: Tabela de autoria da autora. ....	28
Tabela 2: Apresentação dos interlocutores. ....	37

## **INTRODUÇÃO**

### **A PESQUISA DE CAMPO E O PROCESSO ETNOGRÁFICO**

A presente pesquisa transcorreu o período de nove meses, que compreenderam os anos de 2017 e 2018, durante este período visitei semanalmente um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) localizado na região Centro-Sul de Porto Alegre conhecida como Grande Cruzeiro. Os interlocutores da pesquisa são jovens meninos e meninas na faixa etária de 15 a 18 anos e são oriundos de camadas populares.

O trabalho de campo para esta investigação traz momentos e narrativas em que situações de violência ocorridas na região da Grande Cruzeiro eram tanto relevantes quanto constantes para os jovens interlocutores. Esta constância fez com que minhas análises, por consequência, se voltassem a essa temática. Assim, as narrativas dos jovens sobre violência tornaram-se “enquadramentos” (BUTLER, 2015), a partir dos quais busco articular dados de campo a teorias antropológicas, a fim de compreender experiências relacionadas ao tema da violência, mas também ao cotidiano destes jovens na região.

Esta etnografia valoriza, portanto, aspectos da cotidianidade e do ordinário das relações e contextos observados, entendendo que, “escrever sobre a cidade é debruçar-se sobre o cotidiano das pessoas e da vida ordinária dos indivíduos” (KOURY, 2008, P.7). Além de autores que abordam o cotidiano, a antropologia urbana mostra-se uma importante base teórica. Busco analisar, especificamente, como se configuram algumas formas de sociabilidade entre jovens em um contexto urbano e periférico contemporâneo, marcado pela guerra do e ao tráfico de drogas indicando maneiras como os indivíduos se deslocam, estabelecem aproximações, criam estratégias de vida (SIMMEL, 1987).

Recorrendo ao conceito de sociabilidade, busco também descrever as redes e formas de sociabilidade juvenil que emergem no âmbito da Cruzeiro, observando como os jovens (re) significam suas ações cotidianas (SIMMEL, 1983). A sociabilidade, segundo Simmel, é também “uma forma lúdica de socialização” que permite aos sujeitos enfrentar aspectos do cotidiano que se apresentam de maneira dolorosas (SIMMEL, 2006). A partir das observações dentro de uma política pública voltada para jovens e momentos de lazer na comunidade, trago a discussão a ironia, a “zueira” e a brincadeiras como

ferramentais que proporcionam alívio a esse cotidiano e configuram uma importante forma de sociabilidade entre os interlocutores.

A vila<sup>1</sup> onde se deu a observação é *locus* de constantes conflitos armados, tanto entre policiais e traficantes, quanto entre diferentes grupos criminosos que atuam no varejo de drogas ilícitas na região. Estes conflitos, que têm por objetivo delimitar os territórios de atuação dos grupos criminosos, configuram novas relações com o espaço público, deflagrando uma “guerra” dentro do espaço da vila. O conceito de território passa ter fundamental importância, sendo visto aqui, como uma categoria sócio espacial que rege as vidas e os trajetos percorridos pelos jovens e demais moradores da Cruzeiro, trazendo impedimentos à circulação, acesso a políticas públicas como serviços básicos de saúde e educação e aparelhos urbanos, e a políticas de assistência social.

As principais perguntas que permeiam esta pesquisa, portanto, são: i) de que maneira viver em um bairro que abriga constantes disputas por territórios afeta o cotidiano de jovens moradores?; ii) que tipos de sociabilidades emergem na convivência dos jovens com esses conflitos?

O texto é composto por três capítulos. O primeiro, intitulado “Contextualização do trabalho de campo e enquadramentos conceituais”, conta um pouco sobre a história da Cruzeiro, narra meus encontros com essa localidade e traz os principais conceitos trabalhados na pesquisa. O segundo, “Jovens moradores da Cruzeiro e as metáforas de guerra”, se refere à metodologia do trabalho com juventudes e discute os diferentes aspectos da guerra deflagrada na Cruzeiro e os múltiplos sentidos do conflito e os usos da narrativa de guerra enquanto política pública de segurança. Já o terceiro capítulo “As ladaias da Cruzeiro: juventudes, sociabilidades e redes sociais” trata sobre as sociabilidades e tecnosociabilidades observadas e que são oriundas do contexto estudado.

Além de buscar soluções aos problemas de pesquisa, a escolha da temática dessa dissertação é bastante pessoal e se deve a minha atuação enquanto educadora social, tendo presenciado inúmeras vezes meus educandos e

---

<sup>1</sup> Por uma questão regionalista, o termo vila é utilizado. Este termo corresponde ao que chamam de favela, morro ou comunidade. Uma área urbana desprivilegiada quanto à infraestrutura e equipamentos urbanos. Segundo Valladares que pesquisou regiões parecidas como a Cruzeiro categorias como essa são bastante difundidas de modo a estigmatizar tais lugares, é comum que tais lugares sejam vistos como “*locus* da pobreza e da marginalidade, a degradação moral e até mesmo sanitária” (VALLADARES, 2005, P.4).

educandas impedidos de frequentarem a escola ou o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos em decorrência da violência.

Todos os dias, depois de ir embora do trabalho, ouvia indagações quando chegava em casa ou na faculdade sobre como eu conseguia trabalhar em um lugar onde havia tanta violência e morte, como eu não adoecia ou pedia demissão. Todos os dias, contrariamente à tentativa de responder essas questões, me perguntava: Por que a preocupação era tão grande comigo que ia embora todos os dias e não com quem ficava lá?

É válido salientar que esta pesquisa não tem nenhuma pretensão holística, e tão pouco busca fazer generalizações ou afirmações conclusivas sobre o que é ser jovem na periferia. Trago uma perspectiva acerca de seus cotidianos construída a partir de diferentes momentos de minha trajetória profissional e como pesquisadora que se cruzaram com esse território. O primeiro retrata uma estudante que estava conhecendo as formas de fazer pesquisa e trabalho de campo; o segundo traz minha experiência profissional como educadora social, onde pude viver o cotidiano no bairro como trabalhadora; o terceiro momento se refere ao (re) encontro com o lugar já como pesquisadora, onde pude colocar alguns acontecimentos sob uma análise em perspectiva, aliando estes encontros, suas temporalidades e todas as experiências que deles surgiram. Para isso faço uso de diferentes cenas etnográficas para elucidar os tópicos a serem discutidos. A primeira cena é trazida no próximo subtítulo, onde narro o ingresso em campo e alguns momentos significativos desse reencontro com a Cruzeiro.

## **O RETORNO COMO PESQUISADORA E O LIVRO DA CRUZEIRO**

Em junho de 2017 volto mais uma vez a Vila Cruzeiro. Há alguns anos venho me relacionando com este espaço da cidade, este ano, ao contrário dos demais, o encontro não se deve a nenhuma coincidência.

De minha casa até a Cruzeiro, percorro pouco mais de 20 quilômetros, é preciso pegar dois ônibus e o trajeto dura cerca de uma hora e meia, o que me dá tempo suficiente para perceber as nuances da paisagem e na infraestrutura urbana, e cada acréscimo de precariedade que os cinco quilômetros que distanciam a vila do Centro da cidade agregam ao caminho. Os prédios e ruas asfaltadas dos bairros centrais dão espaço a casas sem reboco, as ruas ficam

mais estreitas e esburacadas, e tem-se ainda a visão das obras inacabadas na Avenida Moab Caldas<sup>2</sup> que dão um aspecto desolador ao percurso.

Durante 2015 fiz este mesmo trajeto todos os dias, enquanto trabalhei como educadora social numa instituição que oferece atendimentos a crianças e jovens da região (aqui referida como “ONG<sup>3</sup>”), já em 2017, me vejo uma vez mais fazendo o mesmo trajeto, e tendo mais uma vez a ONG como destino. A paisagem pouco mudou com o passar do tempo, e mesmo estando habituada, ainda são muitos os estranhamentos que sinto ao voltar a este lugar.

As idas a campo mostram que as distâncias entre mim e a Cruzeiro, não se dão apenas pelos quilômetros que nos separam. O picho<sup>4</sup> no muro em frente à parada do ônibus onde desço todos os dias exemplifica a principal delas. No muro lê-se a mensagem: “Proibido fazer mão! Sob pena de linchamento<sup>5</sup>”. A mensagem deixada por uma das facções criminosas que atuam naquele espaço, objetiva explicitar práticas que não são bem vistas dentro da vila<sup>6</sup>, o que deixa claro que neste espaço, o Estado não é o único que tem poder de impor ordem.

Após o trajeto habitual até a Cruzeiro, me dirijo a ONG e me encaminho diretamente para a sala do Trabalho Educativo. Encontro Nairóbi, educador social responsável pela turma do TE, enquanto esperamos a turma chegar, o ajudo a organizar a sala colocando as cadeiras em círculo, opção que segundo ele, favorece o diálogo, já que permite que todos se vejam. Um a um os jovens educandos vão chegando, João estava entre eles, sentei-me ao seu lado e ficamos conversando enquanto esperávamos os demais.

A atividade planejada para este dia, tem como objetivo dar continuidade ao trabalho já iniciado na semana anterior, quando os jovens foram introduzidos ao

---

<sup>2</sup> A ampliação da Avenida Moab Caldas aconteceu devido a Copa de 2014, a obra foi iniciada, mas nunca chegou a ser concluída.

<sup>3</sup> Com a finalidade de preservar a instituição e os interlocutores da pesquisa, o nome da instituição foi omitido, bem como todas as identidades dos que de algum modo participaram desta pesquisa.

<sup>4</sup> Picho corresponde ao ato de pichar. Vem de pichação e se refere à ação, visto por muitos como arte, de deixar mensagens pelos muros da cidade.

<sup>5</sup> Fazer mão, é referência ao assalto tipificado como “mão grande”, refere-se ao ato de roubar alguém que passa na rua. A proibição de crimes praticados na Cruzeiro vem dos atores do tráfico de drogas que não querem a atuação da polícia que inviabiliza seus negócios.

<sup>6</sup> O regramento do espaço por grupos envolvidos no varejo de drogas ilícitas e sua ascensão enquanto agentes normativos na Cruzeiro será melhor desenvolvido ao longo do trabalho.



conceito de *advocacy*<sup>7</sup> e como proposta para finalização da atividade, precisaram pensar um projeto com o objetivo de modificar alguma realidade no bairro onde vivem.

Assim que todos jovens chegaram, o educador sugeriu que a turma deveria ser separada em dois grupos. Dada a grande quantidade de problemas levantados e diferentes linhas de atuação propostas na semana anterior, Nairóbi sugeriu que os educandos elencassem prioridades, dando atenção a dois problemas que fossem considerados mais urgentes, de modo que cada grupo concentrasse forças para desenvolver um projeto.

Entre os seis jovens que integravam o primeiro grupo, ficou decidido que o plano de ação deveria atentar ao acúmulo de lixo pela vila. A Cruzeiro não conta com coleta de lixo em todas as ruas, menos ainda com coleta seletiva, sendo bem comum que o lixo se acumule em frente às casas, fique empilhado aos montes em esquinas ou em terrenos baldios. Os jovens propunham que além de uma boa limpeza, era preciso conversar com os moradores e desenvolver uma consciência maior sobre prejuízos dessa condição. Na figura 1, podemos ver a situação do lixo na região que persiste até os dias atuais.

**Figura 1: Lixo acumulado em esquina na Avenida Moab Caldas.**



**Fonte:** Sul21. Imagem de Carol Ferraz/Sul21, 2019.

---

<sup>7</sup> Advocacy é uma prática política levada a cabo por um indivíduo, organização ou grupo de pressão no interior de instituições do sistema político, ou comunidade e que tem como finalidade influenciar a formulação de políticas públicas e a obtenção de recursos públicos.

Já entre o segundo grupo que conta com três jovens, decidiu-se que era necessário atuar em uma região da vila conhecida como Sepé<sup>8</sup>, a região também chamada de “Cracolândia”, concentra um grande número de usuários de drogas, principalmente *crack*<sup>9</sup>, além disso, é conhecida também por ser uma área de prostituição. A ação proposta visa levar preservativos e folders informativos, buscando falar sobre prevenção e auto cuidado para as meninas e mulheres que se prostituem no local. O grupo que escolheu atuar na região da Sepé era formado por João, Carolina e Isir. No momento que a atividade havia começado, estava sentada ao lado de João, por esta razão fui convidada a fazer parte de seu grupo.

Durante os debates para decisão do tema e de como seria a atuação do grupo, os jovens admitiram que para realizar uma ação qualificada, deveriam, em primeiro lugar, conhecer as pessoas com quem pretendiam trabalhar e para isso precisariam pesquisar, levantar um bom número de informações, para tanto decidiram montar um questionário para realizar entrevistas. Nesse momento Carolina e João lembraram que eu mesma havia chegado a Cruzeiro me apresentando como pesquisadora, por isso, me pediram para ajudá-los a pensar as questões.

Devido a minha ligação passada como educadora social na instituição onde se dá a pesquisa, já cheguei a campo sendo conhecida por alguns jovens do TE, tendo sido, inclusive educadora de parte da turma poucos anos antes. Ao longo de todo processo da etnografia, fui chamada de "Sora", e o “detalhe” de ter me apresentado como pesquisadora tinha até então passado despercebido. Mesmo tendo falado sobre o trabalho de campo e a dissertação, a mensagem absorvida foi basicamente que havia voltado para fazer um trabalho para a faculdade.

O conflito de nomenclaturas, educadora ou pesquisadora, ficou evidente quando João e Carolina, me perguntaram novamente o que eu estava fazendo na Cruzeiro. Carolina, quase gritando, disse que gostaria de saber o que eu estava fazendo "de verdade" ali. Nesse momento, devido ao elevado tom de voz de Carolina, a turma toda, que contava com nove jovens, parou para ouvir. Voltei a

---

<sup>8</sup> A região fica localizada na rua Sepé, que além de endereço, é sinônimo de alguém muito pobre ou malvestido. Lembro que, por vezes, fui chamada assim pelos jovens, pela minha resistência ao uso de roupas de marcas famosas, por exemplo.

<sup>9</sup> Esquina da zona sul se transformou na cracolândia – Reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/amp/2015/09/esquina-da-zona-sul-de-porto-alegre-se-tornou-uma-cracolandia-4846133.html>. Consultado em 21 de julho de 2018.

explicar que estava realizando uma pesquisa. Conteí que se tratava de uma dissertação, o que em alguma medida, não deixava de ser um trabalho para a faculdade, e que assim como eles, eu estava preocupada em conhecer um grupo específico de pessoas. A principal diferença de nossos trabalhos é que após o trabalho de campo, eu teria que escrever sobre o que observei naquele lugar, sobre o que vi e ouvi sobre o que estar lá me fez pensar, então esse documento seria lido e avaliado por alguns professores, e que ao contrário do projeto da Sepé ou sobre o lixo acumulado, meu trabalho não tinha como objetivo primeiro tornar-se um plano de ação.

Enquanto explicava o que estava fazendo “de verdade” na Cruzeiro, João chegou rapidamente a uma conclusão sobre a razão de minha presença: “ah bom, Sora!” Então tu vai escrever um livro sobre a Cruzeiro!” (Diário de campo, julho de 2018).

Imediatamente, João e Isir começaram a me contar histórias do bairro. Ambos pareciam bastante empolgados, satisfeitos por falar com alguém que estava realmente interessada no que tinham a dizer. As histórias sobre o tráfico de drogas e a violência frequente na vila foram as primeiras a serem mencionadas pelos meninos. João afirmou que poderíamos até gravar as conversas um dia, se isso fosse me ajudar. Entre risos, comenta que iríamos todos morrer se ficássemos falando apenas sobre os traficantes ou pontos de vendas de drogas, mas que tudo bem, poderia me falar mesmo assim, ia contar “quem manda na vila”. Carolina, contudo, não concordou, e foi bastante enfática ao demonstrar sua insatisfação. Segundo ela, essa não era a história que deveríamos contar da Cruzeiro. Narro o diálogo que se seguiu:

**João:** Sora, a senhora pode escrever um livro sobre como está a Cruzeiro hoje, a senhora vai morrer depois, mas pode. Eu posso contar umas coisas para a senhora.

**Carolina:** Não, Sora! A senhora tem que escrever um livro sobre como a Cruzeiro era antes disso tudo começar, sobre como a gente vivia feliz e tinha churrasco na rua todo dia.” (Diário de campo, julho de 2018).

Logo que comecei a pesquisa era uma dúvida frequente dos jovens o que me levou a voltar, e o que estava fazendo lá. Sempre disse que estava realizando uma pesquisa para minha dissertação, o que sempre souu como algo insignificante para aqueles jovens. Segundo Carolina, “não tem razão de ficar

estudando depois da faculdade”, já Isir disse que “na família, o pessoal dele nem chega ao segundo grau”. Deste modo, é compreensível que falar sobre o mestrado e a dissertação não fizesse muito sentido, deste então, os jovens trataram meu trabalho como pesquisa para escrita de um livro que contaria a história da Cruzeiro.

Acredito que a conversa sobre o livro diz muito sobre o campo, pois traz justamente a ambiguidade que encontrei junto aos jovens e sobre as imagens da Vila. O breve excerto traz uma imagem sobre o que os jovens pensavam que eu queria saber sobre a vila, a violência e o tráfico de drogas, isso corrobora com as imagens massivamente veiculadas nos meios de comunicação, a lembrança de Carolina sobre os tempos em que havia mais liberdade nos mostram que a violência não é a única realidade existente num ambiente periférico, não devendo ser a única a ser registrada.

Outro ponto importante, é que este excerto traz de certa forma os jovens como colaboradores da pesquisa. E é desta forma que os encaro, entendendo-os como sujeitos que contribuíram com a decisão sobre a maneira que a narrativa do trabalho seria conduzida. Tendo suas histórias valorizadas, sem explorar unicamente uma face de suas vidas, resistindo a criar uma imagem unificada e engessada sobre a figura do pobre e da pobreza.

Os jovens tiveram liberdade para discutir tanto minha presença, quanto aspectos que seriam abordados no texto, proporcionando ao trabalho de campo momentos únicos. Fui "zuada", e alvo de piadas ao longo de todo processo etnográfico, e acabei optando por trazer ao texto alguns destes momentos, mesmo que tenham sido constrangedores de algum modo. A opção por descrevê-los se dá principalmente porque dizem muito sobre o campo e a juventude pesquisada, embora me coloquem numa situação difícil, mostram aspectos importantes da relação que se estabeleceu durante a pesquisa.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO E ENQUADRAMENTOS CONCEITUAIS

**Figura 2:** Visão parcial da Cruzeiro.



**Fonte:** Sul 21. Imagem de Guilherme Santos/Sul21, 2017.

Desde a Escola de Chicago, os estudos urbanos baseados em observações nos bairros tiveram grande destaque no campos das Ciências Sociais. No Brasil, pesquisas deste gênero ganharam força a partir dos anos 80 (FONSECA, 2004), de acordo com Koury, os pesquisadores brasileiros perceberam a importância dos bairros na sociabilidade das pessoas, entendendo este espaço "como o lugar onde se dão relações de extrema pessoalidade" (KOURY, 2015), vendo os bairros como o lugar onde são tecidas as relações passíveis de observações micro sociais. O bairro passa então a ser um lugar privilegiado para observação do cotidiano.

A região onde se deu a esta pesquisa é conhecida como Grande Cruzeiro ou Vila Cruzeiro se localiza no bairro Santa Tereza, e está situada em uma região de relevo elevado na região Centro-sul de Porto Alegre, ficando há cerca de cinco quilômetros do centro da capital gaúcha.

Durante longo período, a região foi ocupada por chácaras e matas virgens, com o passar do tempo, ganhou prédios que atualmente são considerados históricos, como o solar da Travessa Paraíso, que serviu de charqueada durante o

século XIX e que, desde 1977, está tombado como patrimônio cultural, e o Asilo Padre Cacique, em funcionamento desde 1881<sup>10</sup>.

A paisagem antes tomada de matas foi aos poucos cedendo lugar, a partir da década de 1950, a inúmeras empresas de comunicação. Devido a sua posição geográfica que privilegia as transmissões, o Santa Tereza foi ocupado por empresas de rádio e televisão, o que promoveu o desenvolvimento da região. Além do número significativo de trabalhadores destas empresas que passaram a morar na região, um grande número de trabalhadores informais também passou a fixar residência no bairro. Desde então, o bairro passou a misturar uma parcela de moradores de camadas mais abastadas que moram em boas residências ou em condomínios fechados, e moradores de classes populares que se distribuíram pela encosta dos morros e outras áreas não urbanizadas.

No que se refere a ocupação dos bairros periféricos, Teresa Caldeira (1984) lembra que nessas regiões deu-se primeiro a ocupação e só depois, com o tempo, e devido a disputas políticas e engajamento da população deu-se a urbanização destas áreas. Segundo a autora:

A ocupação da periferia deu-se em geral sem planejamento, gerando um espaço confuso e mal equipado. A regra parece sempre ter sido a de ocupar primeiro e cuidar da infraestrutura depois, ficando o primeiro passo por conta da iniciativa privada e o segundo, presumivelmente, por conta do poder público. (CALDEIRA, 1984, P. 19).

Dado que essa urbanização “planejada” tem sido negligenciada ao longo dos anos, a Grande Cruzeiro possui características do que o IBGE (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística) chama de “aglomerados subnormais”. Porto Alegre, segundo a mesma fonte, tem 1.484.941 habitantes, sendo que 11% dessa população vive em áreas que se enquadram nestas características:

(...) conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). (IBGE, 2010).

A Grande Cruzeiro não é considerada um bairro oficial de Porto Alegre, mas sim um complexo de vilas, sendo considerado o mais populoso da capital gaúcha, compreendendo mais de 40 vilas, a maior parte delas irregulares. Não há limites

---

<sup>10</sup> No livro Memórias dos Bairros, os autores Fátima Ávila e Jeferson Rasquim Araújo (2006) pode-se obter maiores detalhes sobre a história da Cruzeiro.

geográficos concretos, ruas ou pontos de referência que precisem seu início e fim, mas entende-se que a chamada Grande Cruzeiro está situada entre os bairros Santa Tereza e Medianeira.

A região representa 4,64% da população do município, com densidade demográfica de 9.590,62 habitantes por 14 km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 4,13%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,83 salários mínimos<sup>11</sup>. De acordo com o último Censo a região conta uma população de cerca de 65 mil habitantes, e quase metade dessa população, em torno de 25.967, era de crianças e jovens de zero a dezenove anos (Censo, IBGE, 2010).

Situada em uma área de preservação paisagística, segundo o Plano Diretor de Porto Alegre, a Grande Cruzeiro nunca teve um plano de urbanização e regularização, sendo sempre ocupada de maneira irregular. Pensando a partir destes dados, podemos ver a Cruzeiro como lugar da precariedade, sobre isso, Teresa Caldeira traz uma importante reflexão:

Entre explicações globais para um tipo de espaço, entendido sempre pelas suas carências, e interpretações para a atuação seus moradores, invariavelmente analisada pelo aspecto político, restava para mim espaço para grandes dúvidas: o que acontece todos os dias nesses locais tão inóspitos e miseráveis? Como o espaço é usado pelos moradores? Qual é, enfim, a vida que transcorre nesses bairros de periferia? E não era só isso: quem são essas pessoas que passaram a ser qualificadas pelo espaço que ocuparam na cidade ou pelo tipo de comportamento político? Sabia que eram trabalhadores pobres, explorados e, em geral, engajados nas mais variadas ocupações. No entanto, como seria a sua vida cotidiana? Quais os seus gostos, seus valores? O que pensam da sociedade em que vivem do governo que os dirige e também do vizinho do lado, do namorado da filha? (CALDEIRA, 1984, p. 8-9).

Para que o mínimo de infraestrutura chegasse a Cruzeiro, foi preciso muita organização por parte dos moradores da região, através de mutirões e associação “baseadas em lutas coletivas, união e solidariedade, na busca por melhorias nas suas condições de vida” (BARBOSA, P. 12, 2015), um breve histórico desta organização é o que descrevo no próximo subcapítulo.

## **1.1 ITINERÁRIOS DE PESQUISA: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A COPA DO MUNDO**

---

<sup>11</sup> Fonte FFE RS (Fundação de economia e estatística do rio Grande do Sul - Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/20170209relatorio-analise-socioeconomica-da-cidade-de-porto-alegre-12017.pdf> (Consultado em 21 de junho de 2018)).

Os moradores da Cruzeiro tem um histórico significativo de engajamento em movimentos sociais de luta por moradias , por políticas públicas e urbanização na região. Considerando os dados apresentados até aqui, a lentidão do poder público para melhoria da infraestrutura da região, podemos compreender a necessidade deste engajamento. Desde as primeiras ocupações, a comunidade, que primeiramente organizava-se em mutirões para abertura de ruas e construção de casas, entendeu que era preciso permanecer unida para a aquisição de verbas para construção de escolas, creches e postos de saúde.

A pesquisadora Patrícia Barbosa, realizou etnografia para sua pesquisa de doutorado em Serviço Social na Cruzeiro, a pesquisadora traz a importância da AMOVICS (Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul) e conclui que a associação foi uma importante agregadora dos moradores e responsável por muitas conquistas para a região, mostrando que a união entre os moradores além de grande se faz muito necessária.

A Região da Grande Cruzeiro conta com uma longa história associativista, onde as associações de moradores tem atuação essencial na organização de vida da comunidade. (...) os moradores se uniram, abriram, pavimentaram e arborizaram ruas, canalizaram esgotos e criaram o sistema de coleta de lixo. Abriam escolas, creches e igrejas, mas, acima de tudo, construíram seus sonhos, conforme nos relevam em suas narrativas: *“o lugar é agente que faz”!* (trecho extraído da entrevista com Dona P.S. D, moradora da Vila Cruzeiro do Sul há 50 anos). (BARBOSA, P. 12, 2015).

Durante minha experiência como educadora social, tive a mesma impressão. Tendo pedido que os educandos realizassem um trabalho de pesquisa junto aos moradores mais velhos da região, notei que os materiais obtidos através das pesquisas trouxeram relatos desses antigos mutirões, das primeiras reuniões para a construção da AMOVICS até as reuniões para definição do Orçamento Participativo<sup>12</sup>. As falas recolhidas apontam para um grande orgulho de morar na Cruzeiro, principalmente pelas conquistas resultantes dessa organização, como a

---

<sup>12</sup> O Orçamento Participativo (OP) desde 1989 consiste em um processo dinâmico de decisão da população sobre as prioridades de investimentos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Instrumento político que assegura a participação direta da população na definição das prioridades do orçamento público surgindo como resposta aos limites da democracia representativa, combinando características desta com outras da democracia direta, modernizando a relação entre o Estado e a sociedade através de um novo modelo de gestão democrática. (Fonte: Observa Poa - Disponível em: [http://www.observapoa.com.br/default.php?p\\_secao=52](http://www.observapoa.com.br/default.php?p_secao=52). - Acesso em 21 de junho de 2018).



aquisição de um posto de saúde que é modelo em diversos atendimentos, conhecido como Postão, bem como escolas e creches na região.

**Figura 3:** À direita o Postão, importante conquista para os moradores da região, ao centro se vê uma obra inacabada.



**Fonte:** Sul 21. Imagem de Guilherme Santos/Sul21, 2017.

**Figura 4:** Crianças brincando em entulhos e restos de obra na Avenida Moab Caldas.



**Fonte:** Sul 21. Imagem de Guilherme Santos/Sul21, 2017.

Durante o processo que antecedeu a realização das obras para a Copa de 2014, um novo movimento que contou com centenas de pessoas precisou acontecer. O movimento que começou em 2012 foi chamado “Chave por Chave” e

consistiu-se em uma resistência frente às inúmeras violações de direitos que aconteceram durante as obras. Dentre as ações, os moradores decidiram não sair de suas casas enquanto outro imóvel não fosse dado no lugar; com a frase “sem casa nova ninguém arreda o pé”<sup>13</sup>, moradores da região conseguiram, em alguma medida, garantir que seus direitos fossem respeitados.

A época, a prefeitura ofereceu três alternativas aos moradores que aceitassem sair de suas casas: aluguel social de até R\$ 500,00; alojamento em “casa de passagem”, que seria uma espécie de abrigo provisório onde viveriam muitas famílias juntas até que as novas moradias ficassem prontas (a Prefeitura e demais órgãos responsáveis nunca delimitaram o terreno onde as casas ou apartamentos seriam construídos); ou um bônus moradia, em que a administração municipal liberaria de R\$ 45 mil até R\$ 52 mil (o mesmo valor de uma casa no programa Minha Casa Minha Vida) para financiar um imóvel encontrado pela família, que deveria ter escritura e uma série de outras exigências legais - missão quase impossível, já que com esse valor, dificilmente as famílias encontravam residências que se enquadrassem nas determinações exigidas. O movimento contou com moradores, advogados e arquitetos solidários ao movimento, e com o Comitê Popular da Copa, conseguindo adiar as remoções, e dando fôlego para negociações mais justas. Segundo entrevista ao site do comitê, Claudia Favaro relata:

“A casa de passagem é um abuso. É um imóvel de 4x3m em que muitas vezes eles colocam uma família de dez pessoas durante dois anos. O bônus moradia praticamente obriga o morador sair da cidade, pois não se compra imóvel com escritura em lugar nenhum por esse valor. E o aluguel social, por esse valor, só se consegue imóvel em locais muito afastados da região onde eles estão” (FAVARO, 2012).<sup>14</sup>

Foi devida a esta movimentação que conheci a Cruzeiro no segundo semestre de 2013. Nunca tinha ouvido falar do bairro, até que, devido as obras que estavam acontecendo em Porto Alegre para a Copa do Mundo que se realizaria em 2014, muitos moradores da Cruzeiro começaram a ser removidos dali para serem realocados em outros bairros da cidade, ou até mesmo em outros municípios.

---

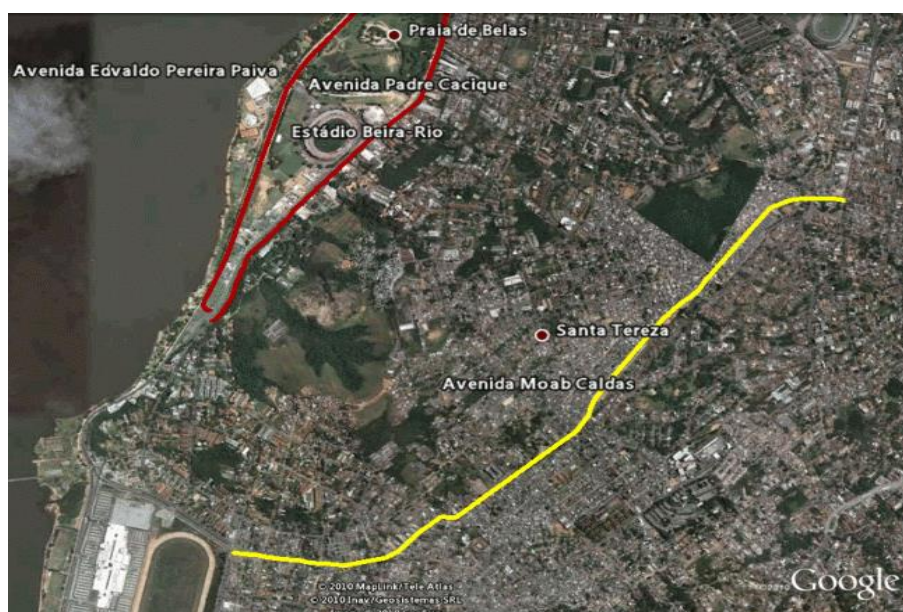
<sup>13</sup> Fonte: Comitê Popular da Copa - Disponível em: <https://apublica.org/2013/02/chave-por-chave-porto-alegre-copa2014/>(Consultado em 21/06/2018).

<sup>14</sup> Fonte: Comitê Popular da Copa – Disponível em: <https://apublica.org/2013/02/chave-por-chave-porto-alegre-copa2014/> - Acesso em 21 de junho de 2018.

Neste ano, estava vinculada a Graduação em Ciências Sociais da PUCRS, cursava uma disciplina do currículo cujo objetivo era a prática da pesquisa de campo. Dada a grande movimentação da cidade em prol da realização do megaevento, escolhi dar foco aos impactos da Copa na cidade, mais especificamente a questão das remoções que estavam acontecendo nos bairros onde ocorreriam as grandes obras. Devido a grande mobilização de moradores e militantes pelo direito à moradia que vinha acontecendo na Cruzeiroia, decidi que lá seria um local adequado ao desenvolvimento da pesquisa.

As remoções se concentrariam na Rua Moab Caldas, uma das principais da região. O objetivo da obra era a duplicação da via a fim de facilitar o acesso ao Estádio Beira Rio, que seria palco de dois jogos na capital gaúcha.

**Figura 5:** Imagem aérea da zona sul da Capital. Em destaque, a Avenida Moab Caldas e as avenidas localizadas no entorno do Estádio Beira-Rio.



**Fonte:** Comitê Popular da Copa, Montagem: Cristiano Martins.

Na Figura 5 vemos a extensão da obra que é considerada a mais complexa a ser realizada. A duplicação da Avenida Moab Caldas, conhecida também como Avenida Tronco que ainda hoje está em execução, conta com grande investimento federal, e de acordo com o Portal da Transparência PROCEMPA (Cia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre), o montante da obra gira em torno de 129 milhões de reais.

**Tabela 1:** Tabela de autoria da autora.

Obras Copa 2014 (R\$)	Valor do financiamento (R\$)	Valor da contrapartida (R\$)	Total do Investimento (R\$)	Total das Desapropriações (R\$)
RS - A.01 - Corredor Moab Caldas/Avenida Tronco	129.300.000,00	4.300.000,00	133.600.000,00	19.959.000,00

**Fonte dos dados:** Olha a Copa. Disponível em: [olhapracopa.wordpress.com/](http://olhapracopa.wordpress.com/)  
Acesso em 30 de março de 2018.

De acordo com a Prefeitura de Porto Alegre, o objetivo encurtar o trajeto do Centro da cidade até o estádio Beira Rio. O site “Olha a Copa”, vinculado ao Comitê Popular da Copa e a movimentos sociais, entrevistou órgãos da prefeitura responsáveis acerca das justificativas para a obra:

A Capital gaúcha já trabalha para melhorar o trânsito e a infraestrutura de transporte público para sediar a Copa de 2014. Uma das obras prioritárias é duplicação de 3,5 quilômetros da Avenida Moab Caldas (conhecida como Avenida Tronco, seu antigo nome), do bairro Azenha até a Zona Sul. Durante a Copa, devido à exigência da FIFA de somente permitir em um eixo de um quilômetro no entorno do estádio a presença de pessoas que possuem ingresso, ela absorverá o tráfego de veículos que normalmente utilizariam as avenidas Edvaldo Pereira Paiva e Padre Cacique. A avenida também é a principal alternativa para desafogar o trânsito nas vias de entorno do Beira-Rio, que congestionam em dias de jogos. A obra da Avenida Tronco prevê duplicação da avenida para duas pistas em cada sentido, a construção de ciclovia e de corredor de ônibus, entre outras. (Olha a Copa, 2014).<sup>15</sup>

Para a realização da pesquisa, fui acompanhada por um grupo de colegas à região, e decidimos começar pela Avenida Moab Caldas. Nos concentramos neste local porque era onde estava localizado o maior número de residências a serem removidas. Em uma primeira visita, tentamos conversar com representantes da Prefeitura que tinham montado um escritório na região, as secretarias responsáveis de forma direta pelas obras tinham seus representantes alocados quase que permanentemente neste escritório para as negociações com os moradores, e resoluções simples relativas à obra, era ali também que eram feitas negociações com moradores onde as famílias que seriam removidas poderiam optar entre o bônus moradia e o aluguel social.

<sup>15</sup> Fonte: Olha a Copa, <https://olhapracopa.wordpress.com/> - Acesso em 10 março de 2019.

Chegar naquele bairro pela primeira vez foi bastante impactante. O cenário era desolador, havia muitas máquinas e pessoas trabalhando; algumas casas já estavam completamente destruídas, mas os escombros permaneciam; havia muito lixo, e as casas que ainda restavam de pé estavam marcadas com números vermelhos pintados pelo DEMHAB, indicando quem deveria sair. Não conseguimos fazer o que tínhamos nos proposto, pois nenhum representante da Prefeitura aceitou conversar conosco, sendo solicitado que agendássemos uma entrevista via *e-mail*.

**Figura 6:** Avenida Moab Caldas durante as obras para a copa 2014.



**Fonte:** Guilherme Santos/Sul21, 2017.

Voltamos à comunidade poucos dias depois, desta vez, optamos por andar pela comunidade, ter uma dimensão do impacto da obra (as figuras 3, 4 e 5 mostram o cenário atual na vila, ainda há restos de obras, materiais deixados pelo caminho que servem de diversão para as crianças). Além disso, buscamos aplicar instrumentos sócio antropológicos, conversar com líderes comunitários, no intuito de reunir o máximo de informações. Através de indicações de moradores, descobrimos o endereço de um líder comunitário que poderia nos ajudar bastante com a pesquisa. No endereço indicado encontramos uma pequena sapataria que tinha a fachada pintada de branco e um grande portão de grades enferrujadas, ao entrar, encontramos uma peça pequena e escura de chão batido, atrás de mais grades, estava um senhor baixinho, gordo, de cabelos já bem embranquecidos, a única iluminação da peça era fornecida por uma instalação precária, uma lâmpada

pendurada por um longo fio vermelho e empoeirado que ia do teto até quase encostar-se ao balcão de atendimento.

Assim que entramos na sapataria nos anunciamos e dissemos que estávamos procurando o “seu Leonardo”. Fomos recebidos de maneira bastante hostil, o senhor nos atendeu de maneira debochada, perguntou-nos de onde éramos e o que queríamos ali. Uma vez que respondemos que éramos estudantes da PUCRS e queríamos conversar sobre as obras e remoções, ouvimos que não tínhamos nada para fazer ali, ainda mais sendo “riquinhos da puc”, segundo seu Leonardo, aquele não era nosso lugar. Sob muitos risos fomos mais uma vez mandados embora. Insistimos, voltamos a explicar nossas intenções e a situação foi aos poucos se tranquilizando. Como que um teste, Seu Leonardo fez questão de saber com quem estava falando, fazendo-se valer, além de consultas a nossos documentos e crachás, da leitura minuciosa de nossas linhas das mãos<sup>16</sup>. Uma vez que sabia do nosso presente, passado e futuro, informando-nos sobre nossos infortúnios amorosos, sucessos e insucessos profissionais, deu-nos uma entrevista muito rica de informações sobre a comunidade e os atores envolvidos nos processos de remoções.

Mais tarde, Seu Leonardo nos contou que a recepção hostil serve para espantar políticos mal-intencionados, jornalistas e pesquisadores que enviesavam as informações. Muitas vezes, informações dadas pelos moradores acabam voltando-se contra a comunidade, líderes comunitários e os movimentos sociais. Anos de atuação em movimentos sociais pró-moradia já haviam lhe ensinado que era preciso conhecer muito bem as pessoas para quem dava informações, principalmente num momento tenso como aquele.

Apesar da precariedade encontrada no lugar, peculiaridade das condições de vida de alguns de seus moradores e de todas as ressalvas que recebemos sobre a violência ao comunicar ao professor e demais colegas nossa decisão por este lócus de pesquisa, estávamos tranquilos em relação à nossa segurança. Mesmo que a imagem da região fosse (e ainda seja) recorrentemente ligada aos conflitos entre grupos criminosos vinculados ao tráfico de drogas, contrariando todas estas afirmações, fomos bem recebidos, convidados a entrar nas casas,

---

<sup>16</sup> Seu Leonardo é quiromancista, fez a leitura das mãos de todos que estavam realizando a pesquisa neste dia. De acordo com ele, e a título de curiosidade e relato de uma bela história de campo, eu serei bem-sucedida em minha carreira profissional, mas jamais terei sucesso no amor.

tomamos café, sentamos e conversamos por horas nas calçadas do bairro, o que nos fez desconfiar do alarde quanto aos perigos que encontraríamos.

Porém neste mesmo dia, no fim da tarde, fui abordada por um homem que disse que deveríamos ir embora. Ele apenas chegou perto, falou quase ao pé do meu ouvido e se retirou. As palavras dele foram: “Vai embora, aqui não é o teu lugar!”. Estava em frente a um bar cheio de homens fazendo churrasco na calçada, bebendo cachaça e cerveja. Olhei para todos, como que procurando alguma resposta para aquele momento tenso e inusitado, alguns me olhavam em silêncio, outros apenas disseram para que não me importasse com o que aquele homem dizia, pois ele era um bêbado.

Saí da frente do bar e fui ao encontro de meus colegas. Contei-lhes o que havia acontecido, e por via das dúvidas decidimos que era melhor não arriscar, e fomos embora. Acabamos por não retornar ao local depois desse episódio, especialmente devido à orientação recebida pelo nosso professor da disciplina que nos disse para levarmos em consideração avisos desse tipo.

Minha inquietação foi grande em relação à situação. Pensei inúmeras vezes que era absurdo que alguém simplesmente nos mandasse embora, principalmente em se tratando de um espaço público. Até hoje, considero aquele dia como um importante marcador para o meu interesse no desenvolvimento desta pesquisa.

Já no que se refere às obras, nunca foram terminadas, as imagens das figuras 2, 3, 4 e 6, mostram a Cruzeiro atualmente. De acordo com reportagem do jornal sul 21<sup>17</sup> o único legado da copa, foi a desestabilização de uma comunidade inteira, além ter deixado um cenário de guerra no lugar. De acordo com reportagem da Zero Hora<sup>18</sup> a duplicação da Avenida Tronco é considerada uma das mais complexas. Desde que a obra começou, em março de 2012, 1,3 mil famílias já foram removidas. Ainda faltam 195 famílias que tem processos de remoção em andamento. A Prefeitura estima que apenas uma parte do trabalho seja parcialmente concluído em julho de 2022, a conclusão definitiva não tem previsão.

---

<sup>17</sup> Vila Tronco: 'As casas foram sendo demolidas deixando um Iraque no lugar'. Disponível em: <https://especiais.sul21.com.br/gentrificacao/vila-tronco-as-casas-foram-sendo-demolidas-deixando-um-iraque-no-lugar/> - Acesso em 20 de março de 2019.

<sup>18</sup> Obras inacabadas da Copa de 2014 estão R\$ 43,8 milhões mais caras em Porto Alegre. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/03/obras-inacabadas-da-copa-de-2014-estao-r-438-milhoes-mais-caras-em-porto-alegre-cjth3uzfh03dr01k0g8lutbgj.html>. Acesso em 20 de março de 2019.

## 1.2 POR DENTRO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA JUVENTUDES

Devido à precariedade urbanística e baixa renda dos habitantes, a Cruzeiro é observada pela ótica da vulnerabilidade, por isso, há um grande número de Organizações não governamentais (ONG'S) e instituições públicas que prestam serviços às crianças e jovens moradores da região e arredores, oferecendo um extenso trabalho comunitário junto às famílias com vistas à assistência social. A maior parte destas instituições funciona com verbas oriundas de parcerias público-privadas e constituem-se em centros de atendimento educacional e cultural. Muitas destas instituições têm origens religiosas, e a maior parte delas seguem doutrinas cristãs católicas.

Desde 2010 a Cruzeiro também é um “território da paz”<sup>19</sup>, o programa implementado pelo PRONACI (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) nas regiões que concentram grande número de homicídios nas metrópoles, além de policiamento ostensivo, garantiu a comunidade um acréscimo ao número de locais para atendimento de crianças e jovens através de parcerias com ONG'S, criação de Centros da Juventude, com o objetivo de dar formação profissional, socioeducativa e atendimento multidisciplinar aos jovens e suas famílias.

No ano de 2015, voltei a Cruzeiro para trabalhar em uma destas instituições, tendo sido contratada para atuar como educadora social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) que por coincidência se localiza na extensão da Avenida Moab Caldas.

Esta pesquisa se deu, podemos afirmar, no âmbito de uma política pública voltada para infâncias e juventudes. Neste sentido, é relevante conceituar os serviços oferecidos, seus objetivos e atores.

O SCFV é um serviço da Proteção Social Básica (PSB) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que é ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado

---

<sup>19</sup> O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania é um programa de governo federal, implementado durante o governo Lula, que tem por objetivo diminuir os indicadores de criminalidade nas regiões metropolitanas mais violentas do Brasil. Em Porto Alegre, foram instituídos Territórios da Paz nos bairros Santa Tereza, Restinga, Lomba do Pinheiro e Rubem Berta.



às Famílias e Indivíduos (PAEFI). Segundo a página da FASC<sup>20</sup> (Fundação de Assistência Social e Cidadania) de Porto Alegre:

A Proteção Social Básica tem como objetivo a prevenção de situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Presta atendimento e acompanhamento sócio assistencial a famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social decorrente da fragilização de vínculos familiares, da pobreza, ausência de renda e acesso precário ou nulo aos serviços públicos. (FASC, PORTO ALEGRE. Acesso em 10 de março de 2019).

A instituição em que trabalhei é uma dentre muitas executoras desta política na região da Cruzeiro, oferecendo atendimento idêntico em outros bairros periféricos de Porto Alegre. A instituição conta com educação infantil em turno integral, turno inverso à escola para crianças e adolescentes de 6 a 18 anos, além de projetos de capacitação profissional para jovens e adultos, grupos para a terceira idade e orientação psicossocial a famílias.

Na Cruzeiro, desde muito cedo, a maior parte dos jovens têm suas trajetórias atravessadas pelas instituições de assistência social, estas entidades sociais (FOUCAULT, 2012) são responsáveis por boa parte da socialização de jovens e crianças da Cruzeiro. De acordo com a coordenadora do SCFV

“A instituição é bastante presente na vida das famílias da região, tendo tanta importância quanto à escola, fornecendo um lugar de aprendizado e segurança, além de apoio às famílias, jovens e crianças da vila, protegendo as crianças e jovens de “perigos” como crime, tráfico de drogas e violência”. (Coordenadora da ONG, Diário de Campo, julho de 2017).

Segundo Claudia Fonseca, entre as camadas populares da sociedade, a família e a escola não se configuram como espaço único voltado ao cuidado das crianças e jovens. É comum atribuir-se o trabalho a outros espaços a função de socializar, e nas palavras da autora preparar para a vida. (FONSECA, 1994, P. 1).

Para entender (...) os grupos populares do Brasil urbano, é necessário refletir sobre o processo amplo de socialização que, neste contexto, prepara a criança para a vida, dotando-a de conhecimentos úteis e integrando-a às redes sociais adequadas. (...) no Brasil contemporâneo, onde — para uma vasta porção da população — não há nem estabilidade salarial, nem escola de qualidade, emerge uma visão de mundo em que, logicamente, outras formas de socialização — emprego e "circulação" social — permanecem tão adequadas quanto a escolarização como preparo de jovens e crianças para a vida adulta. (FONSECA, 1994, P. 2).

---

<sup>20</sup> FASC – Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?p\\_secao=115](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?p_secao=115) - Acesso em 10 de março de 2019.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) realiza atendimentos na região desde 1976. Segundo o site da instituição executora desta política, a referida ONG, são mais de 600 famílias atendidas, 400 mil atendimentos ao ano, contando atualmente com 52 funcionários; são oferecidas atividades artísticas, culturais, de lazer e esportivas, conforme a idade dos usuários, além das atividades a instituição oferece refeições para as crianças e adolescentes. Além das atividades, a instituição garante a crianças e adolescentes em situação de extrema vulnerabilidade as principais refeições do dia.

De acordo com a instituição, a ação proposta “é uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares”<sup>21</sup>. As atividades são acompanhadas por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais das áreas de esportes, nutrição, pedagogia, psicologia e serviço social, e educadores sociais em uma das regiões de maior exclusão social de Porto Alegre. De acordo com a página da instituição na internet:

Procuramos garantir que todos, sem distinção, tenham as OPORTUNIDADES necessárias para desenvolver seus potenciais e, com isso, mudar suas realidades e perspectivas. A partir dessa transformação, um FUTURO MELHOR é possível, e essas pessoas passam a ser AGENTES DE MUDANÇA também em suas famílias e comunidades. (Página da ONG na internet, acesso em 18 de outubro de 2018).

Os atendimentos que não são realizados por psicólogos ou assistentes sociais são realizados por educadores (as) sociais. A profissão de educador social, apesar de não regulamentada, ganha força a partir dos anos 90, segundo o sociólogo Santiago Pavani Dias isso se deveu ao aumento de parceiras público-privadas, principalmente na execução de políticas públicas com vistas a garantias de direitos e a assistência (DIAS, 2018). A atuação dos educadores sociais tem ampla relação com a necessidade de enfrentamento as dificuldades de uma realidade comum no Brasil, a pobreza e a ausência de garantias de direitos a parte considerável da população. Segundo Dias:

Práticas educativas que podem ser categorizadas/descritas como Educação Social já acontecem no Brasil – e no mundo – há muito tempo. Elas surgem de necessidades sociais decorrentes do esgarçamento do tecido social, do enfraquecimento das relações sociais de apoio mútuo ou de violação de direitos, muitas vezes associados a processos de urbanização, de industrialização ou de conflitos bélicos, imersos nas

---

<sup>21</sup> Por questões de segurança dos interlocutores da pesquisa, o site da instituição lócus desta pesquisa não será disponibilizado. Deixo entre aspas todos excertos retirados da página da instituição.

especificidades de cada contexto. Particularmente na América Latina, e no Brasil, as origens da figura da(o) Educadora(or) Social e suas práticas se entrelaçam com o fenômeno dos movimentos sociais populares. As ações formativas e a identidade de Educadoras(es) Populares, bem como sua referência teórica na Teologia da Libertação, suas pautas nas lutas por garantia e ampliação de direitos e sua preferência política declarada pelos “esfarrapados do mundo” influenciaram, em boa medida, a imagem/autoimagem de Educadoras(es) Sociais. (DIAS, P.19, 2018)

Atuavam como educadores sociais na instituição historiadores (as), sociólogos (as), pedagogos (as), professores (as) de artes e assistentes sociais em formação. Nem todos faziam parte de movimentos sociais ou tinham uma clara ideia da atuação, como a descrita por Dias, sendo a forma de atuação junto a crianças e jovens sempre motivo de disputas. Quando atuei como educadora social, minha competência era ministrar aulas-oficina<sup>22</sup> para adolescentes<sup>23</sup> que tinham entre 12 e 14 anos de idade. As oficinas tinham como objetivo trabalhar conceitos de cidadania, mundo do trabalho, gênero e sexualidade e outras temáticas que os educandos (as) eu, conjuntamente, achássemos interessantes. Além das oficinas conduzidas por mim, os jovens tinham oficinas de informática, artes, dança, esportes e meio ambiente. Os serviços buscam constituir um espaço de convivência, que dê formação voltada à participação e cidadania, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das crianças e adolescentes, a partir dos interesses, demandas e potencialidades de cada etapa de suas vidas.

A ONG atende os mais variados perfis de crianças e adolescentes, deficiências físicas e mentais, retirados do trabalho infantil, submetidos a violações, crianças e jovens em situação de acolhimento institucional, outras têm pais e mães que trabalham o dia inteiro e precisam de um lugar para deixar seus filhos e filhas.

Para ingressar na instituição é preciso preencher formulários, passar por entrevistas com psicólogas e assistentes sociais, e aguardar vagas, não havendo distinção quanto à renda dos inscritos. Geralmente as crianças que ingressam na

---

<sup>22</sup> Oficina é um modelo didático que coloca o aluno como protagonista da própria construção do conhecimento. A aula-oficina privilegia a construção de uma aula inicialmente organizada por um tema e um conjunto de objetivos a serem atingidos com o debate em sala de aula, presa pelas atividades lúdicas, práticas e tem foco inteiramente na construção do aluno. (Info escola – Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-aula-oficina-um-novo-modo-ensinar> - Acesso em 8 de janeiro de 2020).

<sup>23</sup> Comumente usarei o termo de adolescência, apenas para estar em consonância à semântica usada nas políticas de assistência que se referem a adolescentes como público alvo. Minha opção metodológica é pelo uso do conceito de juventudes. No decorrer do texto estas escolhas serão evidenciadas.

educação infantil, passam por processo de sorteio, dada a grande procura por vagas. Uma vez que entram na instituição, geralmente permanecem por muitos anos. Alguns dos jovens que participam da pesquisa estão na ONG desde os três anos de idade.

As atividades propostas visam contribuir para redefinir vivências de isolamento e de violação de direitos, visando propiciar experiências que favoreçam o desenvolvimento de sociabilidade e prevenção de situações consideradas de risco social. O serviço é ofertado através de entidades parceiras e nos CRAS de Porto Alegre:

Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um serviço complementar ao PAIF e desenvolve atividades voltadas à prevenção de situações de vulnerabilidade e risco social. É um serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com seu ciclo de vida, com o objetivo de: valorizar a cultura de famílias e comunidades locais pelo resgate de suas culturas e a promoção de vivências lúdicas; desenvolver o sentimento de pertença e de identidade; e promover socialização e convivência. (FASC, PORTO ALEGRE. Acesso em 10 de março de 2019).

O Serviço oferecido a adultos e pessoas idosas é o SAF (Serviço de Atendimento Familiar), ainda segundo a FASC, a função do SAF é:

Realizar ações a famílias que precisam de cuidado, com foco no acesso a informações sobre questões relativas à primeira infância, à adolescência, à juventude, ao envelhecimento e às deficiências, a fim de promover espaços para troca de experiências, expressão de dificuldades e reconhecimento de possibilidades. O serviço é referenciado nos CRAS, executado apenas pela rede conveniada. Assegurar espaços de convívio familiar e comunitário e o desenvolvimento de relações de afetividade e sociabilidade. (FASC, PORTO ALEGRE. Acesso em 10 de março de 2019).

A presente pesquisa se deu com jovens que frequentavam, no âmbito do SCFV, o serviço conhecido por "Trabalho Educativo", aqui mencionado sempre como "TE", o serviço atende jovens de 15 a 18 anos incompletos. Suas premissas são:

O desenvolvimento socioeducativo voltado à formação profissionalizante. Possibilita reconhecer o trabalho e a educação como direito de cidadania e desenvolver conhecimentos sobre o mundo do trabalho e competências específicas básicas. (FASC, PORTO ALEGRE, Acesso em 10 de março de 2019).

De acordo com a instituição, o compromisso do TE é formar jovens protagonistas e tenham condições de ingressar no mercado de trabalho, o que possibilitará uma oportunidade de enfrentamento a vida precária. A maior parte dos jovens que frequentam a turma, estão há anos na instituição, possuindo amplo

conhecimento da gramática de direitos. A trajetória de vida destes sujeitos é atravessada pelas bases desta política pública, tendo suas identidades marcadas por experiências que buscaram construir um senso de cidadania, os diferenciando de outros jovens que escolheram outros caminhos disponíveis na comunidade, como ingresso a mercados ilegais. Os jovens que participaram desta pesquisa configuram o *ethos* do trabalhador, buscam melhoria de vida por vias lícitas. Embora façam uso de categorias do mundo do crime, evoquem a violência como forma de solucionar conflitos, há uma clara rejeição a quem escolhe, por exemplo, “o mundo do crime”.

Antes de dar seguimento as reflexões, apresento uma tabela em que descrevo de maneira breve algumas características de cada um dos interlocutores da pesquisa. Busco trazer um pouco de suas vidas, mesmo que sem aprofundamento, já que alguns ganharão uma descrição mais aprofundada ao longo do texto. Nenhuma entrevista formal foi realizada para esta pesquisa, estes são excertos de autodescrições dos jovens em momentos de apresentações informais, aliadas a algumas informações que foram compartilhadas pelo educador da turma ou coordenação da instituição.

Todos os nomes dos jovens foram alterados, e os novos nomes foram escolhidos por eles próprios. Em alguns momentos, há histórias que se referem também a mim, e de certa forma, são ofensivas, não omiti estes momentos, por acreditar que eles dizem muito sobre o campo, sobre a relação dos jovens comigo que sempre oscilou entre a amizade e a hostilidade.

**Tabela 2:** Apresentação dos interlocutores.

NOME	IDADE	SÉRIE	ETNIA (AUTO DECLARADA)	
<b>Isir</b>	16 anos	8º ano Ensino Fundamental. Estuda em uma escola Municipal na Cruzeiro.	Negro	É evangélico, ouve funk escondido, mora com o pai e a mãe e mais três irmãos. Apesar de ser um dos mais velhos da turma, é muito baixinho; o chamam de criança, é o preferido das meninas. Apesar de sério é muito debochado, mas bastante gentil e educado.
<b>Breno</b>	15 anos	6º ano Ensino Fundamental. Estuda em uma escola Municipal	Negro	Mora com a mãe, mais um irmão e três irmãs. Tem orgulho de ser conhecido por seu passado “encapetado”, quando segundo ele, aprontava muito e jogava pedras nas pessoas e nos ônibus; é gay e diz a todos que tem problemas emocionais, se corta, já

		na Cruzeiro.		levou facas e outros objetos cortantes para a instituição; sua mãe é constantemente chamada para conversar sobre o comportamento do filho, mas pouco faz, tem mais filhos, todos frequentam a instituição e têm problemas bem parecidos.
<b>Felipe</b>	16 anos	1º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, na região Central de Porto Alegre.	Branco	É considerado o pegador da turma e se orgulha muito disso. É inteligente e conhece muito de informática, sempre é solicitado pelos demais colegas nas oficinas de informática para ajudar em qualquer eventual problema.
<b>João</b>	16 anos	2º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, ainda na região Sul.	Negro	É considerado o mais inteligente da turma, é filho de uma funcionária da instituição e ao que tudo indica será contratado como estagiário na ONG. Adora ir à Cidade Baixa porque não gosta de funk e reclama da falta de opções de lazer que não sejam os bailes dentro da Cruzeiro. João também joga futebol americano.
<b>Moisés</b>	15 anos	8º ano Ensino Fundamental. Estuda em uma escola Municipal na Cruzeiro.	Branco	Nunca quis me contar sobre sua família. Moisés sempre se mostrou calado e bastante apático, raramente participa das atividades propostas.
<b>Juliano</b>	18 anos	Não estuda.	Negro	Está em situação de rua. De acordo com a idade, está quase saindo do TE. A demora em relação ao seu desligamento se deve à extrema vulnerabilidade em que o jovem se encontra, além disso, Juliano tem uma deficiência mental que nunca foi investigada. Ele não foi alfabetizado e frequenta as casas de seus colegas para se alimentar, principalmente a casa de Josefa. Os colegas temem muito pela vida de Juliano, pois ele ama correr, e está sempre fazendo isso pelo bairro. O medo se deve ao fato de que ele pode ser confundido com alguém em fuga, outra preocupação justifica-se por Juliano receber muitos convites para trabalhar fazendo “correrias” para traficantes, já que sua condição, o faz ser encarado como “inocente demais” para diferenciar o certo do errado, de acordo com seus colegas.
<b>José</b>	18 anos	3º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, ainda na região Sul.	Negro	Assim que terminar o terceiro ano, será desligado da instituição, está muito triste com isso. José joga futebol, jogou nos times de base do Inter, mas devido a uma fratura que não teve condições suficientes para tratar, perdeu a vaga no time. Isto o deixou muito revoltado, e dificultou bastante sua relação com colegas e educadores da ONG, José também está fazendo curso de marceneiro e tentando voltar a jogar, agora no São José de Porto Alegre.
<b>Leonardo</b>	15 anos	6º ano	Negro	Pouco se interessa pelos estudos; namora Mariana, que também frequenta o TE, os

		Ensino Fundamental Estuda em uma escola Municipal na Cruzeiro.		dois brigam muito e constantemente faltam por isso. Para namorar Mariana, Leonardo teve que pedir permissão aos traficantes do Buraco Quente, lugar onde a menina mora, e local dos contra, já que ele mora numa área de outra facção.
<b>Mariana</b>	15 anos	8º ano Ensino Fundamental Estuda em uma escola Municipal na Cruzeiro.	Branca	Mora com a mãe, que é separada e visita sempre o pai, com quem faz muitos passeios e de quem recebe muitos presentes, o que deixa Leonardo enciumado. Mariana terminou com Leonardo, começou a namorar um homem com o dobro de sua idade, de quem acabou engravidando, o que a fez interromper os estudos.
<b>Pedro</b>	15 anos	9º ano Ensino Fundamental, Estuda em uma escola Municipal na Cruzeiro.	Branco	Está no último ano do ensino fundamental, mora com a mãe e um irmão que também frequenta a ONG. Foi meu aluno na época em que trabalhei na instituição, seu maior orgulho era contar sobre o dia em que ele e outro colega me jogaram pedras.
<b>Josefa</b>	15 anos	1º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, na região Central de Porto Alegre.	Negra	Quer trocar de escola, ficar mais perto do Centro; quer circular pela cidade e conhecer mais pessoas. Mora com a mãe que é responsável pela alimentação quase que diária de Juliano, de acordo com Josefa, a mãe do jovem é "usuária" <sup>24n</sup> e nunca cuidou do filho. Como já o conhecem há anos acabam o recebendo em sua casa na hora das refeições. A jovem é muito inteligente e pouco conversou comigo ao longo do trabalho de campo.
<b>Carolina</b>	16 anos	1º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, ainda na região Sul.	Considera-se "morena", segundo ela, para negra não serve.	Estuda no Centro, mora com a mãe e uma irmã mais nova. Carolina foi minha aluna e sempre me deu muita abertura, tendo me levado em sua casa e me convidado inúmeras vezes para conhecer o salão de beleza de sua mãe, que segundo Felipe, é o melhor de toda Cruzeiro. Carolina é referida em diversos momentos desta pesquisa, pois sempre esteve disponível para trocas e conversas. Essa proximidade me fez virar seu "diário", já que segundo ela, eu era uma adulta confiável, que não se impressionava com as histórias que ela contava e que não faria um escândalo. Para ela fui até o Posto de Saúde perto da ONG para buscar preservativos, já que ela tinha receio de fazer isso sozinha, mesmo que sua mãe soubesse que ela não era mais virgem, ela tinha medo de encontrar alguém conhecido e virar fofoca dentro do bairro.

<b>Hillary</b>	16 anos	2º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, na região Central de Porto Alegre.	Negra	Mora com sua mãe e é filha única. É a única no TE a ter um Iphone, o que é motivo de grande status entre os jovens da turma; é muito dedicada às atividades, se expressa muito bem e se aproximou bastante de mim ao longo do trabalho de campo, tendo me convidado à sua casa. Lá conheci sua mãe e pude ouvir bastante sobre a história de ambas.
<b>Joana</b>	15 anos	1º ano Ensino Médio. Estuda fora da Cruzeiro, na região Central de Porto Alegre.	Negra	Estuda no Centro de Porto Alegre; mora com o pai e a mãe, tem uma irmã pequena, a principio irá sair do TE, pois conseguiu um estágio em um órgão público. Joana e Hillary são as únicas que manifestaram o desejo de seguir os estudos e entrar em uma graduação.
<b>Guga</b>	15 anos	8º ano Ensino Fundamental. Estuda fora da Cruzeiro, ainda na região Sul.	Negro	Guga é gay. Breno e ele não se gostam, pois, segundo Breno, Guga é “uma bicha fiasquentá”. Segundo Guga há diversas razões para não gostar de Breno também, não me falou nenhuma. Como ele entrou no TE já na metade de 2018 não pude conhecê-lo bem, mesmo assim, ele fez questão de avisar que não gosta de mim também, já que me visto muito mal e meu cabelo nem tem luzes.

Fonte: Diário de Campo 2017/2018.

### 1.3 A CRUZEIRO EM PEDAÇOS

Em 2015 enquanto educadora social ouvia com frequência sons de tiroteios, histórias de educandos (as) que relatavam sobre situações de violência ocorridas com conhecidos e familiares “envolvidos” no comércio de drogas, e também era bem comum que entre os educadores houvessem fofocas sobre educandos que seriam “envolvidos” com o tráfico ou eram familiares de traficantes, ou seja, a violência e o tráfico de drogas eram assuntos comuns entre todos na instituição.

Uma das inúmeras experiências durante o período de trabalho na ONG foi marcante para a decisão de desenvolver esta pesquisa. Durante o ano de 2015 presenciei uma série de conflitos que se deram como desdobramentos de disputas territoriais entre grupos criminosos. Essas disputas por territórios e biqueiras<sup>25</sup> “recortaram” a Cruzeiro em vários “pedaços”, alheios a qualquer regulamentação

<sup>25</sup>Biqueira ou boca é o termo utilizado pelos interlocutores da pesquisa para referirem-se aos pontos de comércio de drogas e ilícitos dentro do bairro.



ou demarcação externa. Elas construíram um novo “mapa” do bairro, onde cada um destes “pedaços” passou a pertencer a uma facção criminosa diferente. Segundo os educandos, havia se instaurado uma “guerra” no bairro, que tinha como principal objetivo a conquista de novos pontos de comércio de drogas.

A comunidade passou a conviver regularmente com toques de recolher; os ônibus que faziam as rotas do bairro começaram a ser impedidos de circular em algumas ruas e os que insistiram em circular foram incendiados como forma de represália<sup>26</sup>. O comércio foi obrigado a fechar as portas; e pelo menos três vezes ao longo deste período, precisamos fechar a instituição antes do horário previsto. Sem ônibus para voltar para casa, era preciso fretar qualquer tipo de transporte ou organizar caronas. Na ONG, só ficávamos sabendo dos toques de recolher quando pais, mães e responsáveis pelas crianças e jovens começaram a buscar seus filhos mais cedo. Escolas e postos de saúde também fechavam, e todas as pessoas que trabalhavam nestes lugares recebiam um prazo para irem para suas casas - ninguém poderia ficar pelas ruas.

Segundo Magnani (2002), a cidade deve ser entendida em uma relação entre observações que acontecem “de perto e de dentro” e “de longe e de fora”. Quando articulamos estas duas formas de olhar para as cidades, podemos entender as lógicas e dinâmicas presentes em cada lugar:

O que se propõe é um olhar de perto e de dentro, (...) a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, P. 18).

Neste primeiro momento, vou olhar para dentro da Cruzeiro, buscando entender o que os conflitos desencadearam. Para interpretar este momento, faço uso do conceito de “pedaço” desenvolvido por Magnani (2002) que trata da relação que se dá entre indivíduos e o espaço. O pedaço acabou se

---

<sup>26</sup> Ônibus incendiados após tiroteio na Vila Cruzeiro em Porto Alegre. Notícia da época sobre os acontecimentos, Jornal do Almoço: Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/onibus-e-incendiado-apos-tiroteio-na-vila-cruzeiro-em-porto-alegre/4496046/> Acesso em março de 2018.

transformando num conceito chave para contextualizar e explicar os acontecimentos na Cruzeiro. De acordo com Magnani (2002), o pedaço pode ser explicado através de dois elementos, um de ordem física, relacionado diretamente ao espaço “configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos” (MAGNANI, 2002, P.19) e outro relacionado ao contexto social “na forma de uma rede de relações que se estendia sobre esse território” (MAGNANI, 2002, P.19). Juntamente com a definição de espaço territorial, o pedaço se revela um local de compartilhamentos simbólicos, que fazem sentido àqueles que são “do pedaço” (MAGNANI, 2002, P.19). De acordo com o próprio autor:

O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se. Pode-se afirmar que, entre os dois padrões paradigmáticos de apropriação do espaço – o privado e o público – existe uma gradação onde é possível distinguir inúmeros arranjos intermediários, escolhas reveladoras da dinâmica urbana: ora é o pedaço com sua lógica particularizante que agrupa os semelhantes e distingue claramente os "de fora" (MAGNANI, 2009, p.19).

As territorialidades que se configuraram de acordo com as articulações das facções se tornaram questões importantes no dia a dia da Cruzeiro. Estas territorialidades “não formais” acabam por ordenar todo o espaço, interferindo no funcionamento de escolas, postos de saúde, e serviços de convivência, atravessaram territorialidades das políticas públicas e reorganizam as rotinas dos moradores da região impondo regras de circulação a todos na comunidade.

Houve uma transformação do espaço público marcada por toques de recolher, fechamento de ruas com entulhos e pessoas armadas verificando quem entra e quem sai do bairro, controlando entradas e saídas e impedindo que moradores passem de um pedaço a outro.

Para uma melhor compreensão da situação que tomou a Cruzeiro em 2015, tomo como exemplo o próprio município de Porto Alegre e sua política de assistência social. A cidade é dividida em nove regiões de atendimento<sup>27</sup>. O sistema de assistência social territorializa seus atendimentos, bem como as políticas assistenciais que oferece, formando redes totalmente vinculadas aos territórios.

---

<sup>27</sup> Região Leste, Região Restinga/Extremo Sul, Região Sul/Centro-Sul, Região Norte/Nordeste, Região Eixo Baltazar / Nordeste, Região Partenon, Região Centro / Ilhas / Humaitá / Navegantes, Região Glória / Cruzeiro / Cristal e Região Lomba do Pinheiro.

Porto Alegre tem ao todo vinte e dois CRAS, à Cruzeiro compreende o CRAS Região Glória / Cruzeiro / Cristal. A população referenciada em uma região deve buscar todo tipo de atendimento exclusivamente em seu território.

A necessidade de atentar a essa questão, se dá justamente nos momentos de conflitos entre facções, pois crianças, jovens e adultos referenciados em um CRAS têm suspensos seus direitos de acessá-lo. Isso se dá, pois é comum que uma rua pertença a uma facção e o CRAS, posto de saúde, escola ou SCFV localize-se em outra rua que, por conseguinte é território de outra facção. Nestas condições, atravessar essas fronteiras traz perigos reais a quem ousar atravessá-las, mesmo que as razões sejam simplesmente ir à escola ou consultar um médico.

Explicando nos termos de Magnani (2002), moradores de um pedaço não acessam nada em um pedaço de outro dono. Um CRAS situado no pedaço de uma facção “X”, terão todos usuários que moraram no pedaço da facção “Y” impedidos de acessá-lo, o mesmo ocorre com qualquer outra política pública, tendo em vista que pedaços adquirem características de espaço privado, os “donos” são responsáveis por dizer quem pode ou não circular entres eles.

Um exemplo bastante ilustrativo desta situação foi trazido pela mãe de uma aluna do TE, narro a seguir conforme diário de campo:

Carolina me convidou a sua casa, disse que sua mãe poderia me contar algumas histórias interessantes e eu poderia dar um jeito no meu cabelo, já que ela é ótima cabeleireira, no caminho da ONG até lá, ela mesma poderia me falar sobre a comunidade. Felipe nos acompanhou, segundo ele, se nós ficássemos andando sem companhia masculina pela vila, eu seria “oprimida”, os caras iam se passar, então ele decidiu ir conosco, pelo jeito que ele ficou parado a porta o tempo todo durante minha conversa com Carolina e sua mãe, acredito que ele estava apenas curioso para saber sobre o que falaríamos.

Chegando a casa simples, que divide espaço com um salão de beleza, fui apresentada a mãe de Carolina, me apresentei, falei sobre a pesquisa que estava fazendo, mas fui interrompida por Carolina que disse para que ela contasse sobre a história de seu pré-natal. A mãe de Carolina contou-me que a última vez que teve um problema sério por causa de uma guerra do tráfico, ela teve seu pré-natal interrompido por não poder ir até o Posto de saúde em que estava referenciada. Ela disse que os guris fecham a rua e não deixam ninguém passar. Ela narra o dia em que precisou pagar por uma ecografia no Centro de Porto Alegre por não

poder ir até o posto, segundo ela, essa foi uma despesa totalmente desnecessária, tendo em vista que ela poderia ter realizado o procedimento gratuitamente no posto. De acordo com ela, “essas coisas do tráfico trazem muito problema para o pessoal da vila, mas é só quando tem guerra.” (Carolina, Diário de campo, setembro de 2018).

Essa lógica geopolítica afeta a vida da comunidade como um todo, gerando impedimentos temporários e, às vezes, permanentes, o que depende das dinâmicas internas de cada facção, mesmo que não sejam marcados de forma visível, os pedaços do tráfico são reais e fazem parte da vida dos moradores da Cruzeiro, “os territórios não são matéria tangível, palpável, mas sim, campos de força” (SOUZA, 1996, p. 97) ou fronteiras de tensão (FELTRAN, 2008). Neste contexto, nota-se a coexistência de dois regimes de controle, os estatais e os do Mundo do crime, e ambos só podem ser compreendidos no contexto da Cruzeiro a partir de sua relação.

Assim, o conceito de território nos ajuda a entender que estas territorialidades funcionam como fronteiras, muitas vezes marcadas por violência e instabilidades provocadas pelos conflitos provenientes do tráfico de drogas, produzindo diferentes formas de relacionar-se com o espaço, além de marcar subjetivamente os indivíduos, produzindo condutas e regramentos que são pertinentes àquele espaço.

## **2 JOVENS MORADORES DA CRUZEIRO E AS METÁFORAS DE GUERRA**

Há anos a discussão sobre juventudes vem ganhando cada vez mais espaço e destaque no Brasil, novas considerações vêm sendo feitas em detrimento de outras mais antigas, e novos pontos são colocados a velhas divergências, como por exemplo, a idade como variável primordial, e visões que se baseavam quase que exclusivamente nos cânones da biologia e da psicologia. O conceito de juventude vem sendo pensado por diferentes áreas do conhecimento, e com isso vem “sofrendo variações diversas o que inclui desde a relação tempo espaço, assim como entre países, regiões, relações de gênero, espaços urbanos e rurais, classe social, cultura e etnia” (OLIVEIRA; ALMEIDA, P. 2, 2014). Do mesmo modo, novos desafios estão postos, colocando mais variáveis

em perspectiva. A juventude pode ser apenas uma palavra (BOURDIEU, 1983), mas é uma palavra carregada de sentidos e traz consigo múltiplas interpretações e arbitrariedades, como diz Bourdieu “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, P.113). De acordo com Gadea, a juventude pode ser vista como uma variedade de mundos, nas palavras da pesquisadora:

As sociedades contemporâneas são demasiadamente diferenciadas e policontextuais, e as experiências dos jovens devem ser analisadas a partir de múltiplas filiações identitárias correspondentes às necessidades e negociações contínuas no seu cotidiano. Múltiplos mundos sociais desenham múltiplas experiências sobre ser jovem. Daí que a singularização das experiências de vida dos jovens remete à especificidade de contextos, às múltiplas oportunidades e estratégias elaboradas para o melhor convívio social, chamando a atenção para os processos de mudança nas sociabilidades e nas formas que elas começam a adquirir (GADEA, 2015, P. 23).

A juventude pode ser vista como uma etapa da vida cheia de rupturas, ritos de passagem e impasses, onde aos poucos abandona-se uma forma de viver, deixa-se de ser criança e vagorosamente adentra-se ao mundo de responsabilidades adultas (PAIS, 1990; 2004). No entanto, não podemos cair em explicações meramente “biologisantes” e deterministas, sendo necessário levar em conta os contextos e as relações que cercam a juventude observada, tendo em vista que o jovem se constrói em relações políticas e sociais e em relação a outras faixas etárias. De acordo com Almeida (2014) a juventude é multisituada, e se relaciona com outros marcadores como: gênero, etnia, classe social. Os jovens e as juventudes devem ser pensados a partir de seus cotidianos, José Machado Pais, pesquisador que se detém ao estudo da juventude há anos corrobora com este pensamento, colocando que é impossível que um único conceito possa abranger as múltiplas experiências de juventudes oportunizadas no Brasil (PAIS, 1990).

Quando se trata de políticas voltadas a juventude, percebemos que há impasses no que se refere a nomenclaturas. Dentro da política pública onde se deu a pesquisa o termo usado para se referir ao público alvo é “adolescente”, isso se dá apenas porque é preciso limitar uma faixa etária para fins de atendimentos, deste modo, usa-se o conceito de adolescência que é mais ligado a questões etárias, biológicas e psicológicas. Nesta pesquisa, abordo os conceitos juventude e adolescência como categorias em definição e estão em disputas permanentes, tanto no campo das ciências, quanto nas políticas públicas. Corroborando com as pesquisas de Melissa Pimenta, que entende que a conceituação de juventude

extravasa marcos tradicionais de transição e evidencia uma pluralidade de situações e condições de vida:

Com efeito, estudos sobre o processo de transição para vida adulta (Camarano, 2006; Pimenta, 2007) têm evidenciado a pluralidade de situações vividas e as variações possíveis, das trajetórias e jovens bem como a heterogeneidade das condições em que vivem os jovens brasileiros, sobretudo no que diz respeito à escolaridade, à inserção no mercado de trabalho, à conjugalidade, à parentalidade e à situação em relação à família, quando se considera a condição de chefe de domicílio ou filhos morando em casa com os pais. A extensão da juventude até faixas etárias mais altas tem se dado em função da ampla constatação de que, atualmente, os jovens vêm ultrapassando os marcos tradicionais de transição para a vida adulta (término dos estudos, ingresso no mercado de trabalho, matrimônio ou formação de união estável, paternidade/maternidade) em idades mais tardias (PIMENTA, 2001, apud PIMENTA, 2014, P. 3).

A juventude é, sem dúvida, uma categoria com muitas possibilidades interpretativas, e há muitas pesquisas que trazem o jovem como temática, tendo como perspectiva de que não há um conceito estático que defina juventude ou o jovem. Para além de uma fase marcada pelo tempo, pelas mudanças fisiológicas, adoto a perspectiva da juventude como uma construção social (ARIÈS, 1978; BOURDIEU, 1983) que possui características singulares em cada contexto, tanto na visão que se constrói sobre o mundo, como no gosto pelas atividades de lazer e padrões de comportamento. Não havendo necessariamente homogeneidade nas diversas formas de ser jovem, se houver algo que pode ser lido como uma constante é o movimento e a fluidez desta experiência. Nesta pesquisa, faço uso deste substantivo no plural, uso “juventudes” por ter justamente essa ideia de movimento e construção permanente de sentidos e significados. De acordo com Oliveira e Almeida, este modo ajuda a evitar que o conceito seja visto de forma estática.

(O uso de juventudes) ajuda a evitar que esse marcador opere como algo associado apenas a uma faixa etária, a uma fase da vida, que pertence a um ciclo universal e imutável. Mais do que a idade, a noção de juventude está ligada a um conjunto de significados, práticas e atitudes. (OLIVEIRA; ALMEIDA, P. 2, 2014).

Quando se trata de juventudes periféricas, é comum vermos associado a elas o conceito de sociabilidade violenta (PAIS, 2004). De acordo com Machado da Silva (2008), as mudanças sociais nas grandes cidades tiveram impactos importantes na vida das pessoas que residem nas regiões mais atingidas pela desigualdade, aumentando a violência nessas regiões e fazendo dela uma rotina. Isso interfere na forma com que os jovens se relacionam. Os jovens que fizeram

parte desta pesquisa vivem essa realidade de violenta e muitas vezes usam de violência para resolverem algumas de suas questões, o que os aproxima da definição da sociabilidade violenta, principalmente quando olhamos para os meninos. No tópico a seguir as especificidades de ser jovem na Cruzeiro serão aprofundadas.

## **2.1 “NÃO DÁ PARA FAZER NADA QUE JÁ QUEREM CHAMAR A POLÍCIA” – METODOLOGIA DE TRABALHO**

Segundo Gilberto Velho (VELHO, 1986) o trabalho do antropólogo na cidade remete ao trabalho de demiurgo, o artesão divino ou o princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica que já existe. Sabe-se que a mesma realidade pode ser vivida e encarada de diversas maneiras e sendo a cultura o emaranhado de sentidos que nós mesmos tecemos, é trabalho do cientista social dar certa ordem a caos e fazer relação entre essas teias, realizando assim um trabalho de tradução e “artesanato intelectual” (WRIGHT MILLS, 1980).

Durante o processo etnográfico desta pesquisa, não me senti como divindade, nem com grandes poderes de organização, a todo o momento durante o campo, fui questionada, observada e entrevistada. A realização da pesquisa foi se fazendo possível graças às possibilidades de eu não ser a única autorizada a questionar sobre suas vidas, tendo a minha própria esmiuçada por eles e elas. Desta forma, optei por refletir sobre essa antropologia que olha para lugares que são difíceis de olhar, que não se poupa, e questiona sempre as relações construídas entre sujeitos e “objetos” na pesquisa.

Permitir-me ser “pesquisada” abriu muitas portas, pois, ser tida como alguém que exclusivamente tira informações foi ser mal visto durante o processo de pesquisa, em detrimento de alguém que também está disposto a ser desvelado e assim se mostra aberto a falar, e assim visto como confiável. Foote White que encontrou um estranhamento semelhante a sua posição em campo, como solução, o pesquisador adotou uma significativa mudança de postura:

Apreendi que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas. Na realidade estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente. Abandonei, portanto, meus esforços de imersão

total”. O pesquisador quase sempre desconhece sua própria imagem junto ao grupo pesquisado. Seus passos durante o trabalho de campo são conhecidos e muitas vezes controlados por membros da população local. O pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado. “(FOOTE WHITE, P. 304, [1943] 2005)”.

Minha primeira intenção de pesquisa tinha como sujeitos as crianças de até 10 anos de idade que frequentavam o Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, mas a coordenação da instituição sugeriu que não era o momento mais adequado. Valendo-se de inúmeros argumentos, tendo como principal, o fato de que o grupo de educadores da instituição estava passando por mudanças, não seria interessante ter uma pessoa estranha durante o processo de adaptação. Sugeriram-me (sugestão que, caso eu não aceitasse, inviabilizaria a pesquisa) que pesquisasse com os jovens do Trabalho Educativo, que tinha as atividades focadas no mundo do trabalho, como por exemplo, inserção no mercado de trabalho, cursos rápidos para uso de ferramentas virtuais, além de oficinas voltadas ao lazer, práticas de cidadania, direitos humanos.

Aderi à sugestão, e tão logo, comecei a visitar semanalmente a ONG para passar as tardes na companhia destes jovens. As minhas observações começaram na primeira semana de trabalho de um novo educador, seu nome é Nairóbi, ele tem em torno de 30 anos de idade, é estudante de Ciências Sociais da UFRGS, casado e pai de um bebê de menos de um ano. Nairóbi passou a ser muito querido pelos jovens, conquistando rapidamente carinho e respeito, o que é fundamental para exercer o trabalho como educador social, que tem a atuação baseada no afeto e vínculo construído com os jovens.

Realizavam atividades de segunda a sexta das 13h30min às 17h, tendo suas atividades escolares pela manhã ou à noite. Na lista de matriculados constam 21 jovens, entretanto em nenhum momento, durante o trabalho de campo, presenciei um encontro onde todos os inscritos estivessem presentes. Em alguns dias de trabalho de campo havia quatro jovens, em outros dezoito. Desde o primeiro dia de pesquisa, os jovens sabiam qual era o objetivo de minha presença, alguns se aproximaram desde o primeiro momento, outros nunca me deram nenhum tipo de abertura. Deste modo, os jovens cujas narrativas foram mais valorizadas na presente pesquisa, foram os que se aproximaram e quiseram conversar comigo.



Comecei o trabalho de campo tendo em mente a descoberta a cerca das territorialidades do tráfico de drogas, pensava em traçar mapas, georeferenciando pontos de venda de drogas, visando realizar uma cartografia detalhada do espaço. Entretanto, durante a pesquisa, notei que os trajetos e os lugares por onde os jovens passavam quando iam e voltavam de suas escolas para suas casas ou mesmo das oficinas do TE mudava conforme as lógicas do tráfico, sendo não sendo possível cartografar estas áreas. Além disso, os jovens não falariam abertamente sobre isso, já que teria um impacto importante nas suas próprias seguranças. O tema dos territórios vinha nas narrativas como algo do cotidiano, mas atravessado por silêncios devido ao perigo de que qualquer informação fornecida por algum jovem fosse interpretada pelos agentes do tráfico como “cagoetagem”<sup>28</sup>.

O que acabou se mostrando cada vez mais importante, e que foi chamando minha atenção durante o período em campo, foi o que o lugar e os territórios causavam nos indivíduos, as moralidades próprias daquele espaço, os modos de construção social da realidade do universo pesquisado (VELHO, 2010, P. 2). Sendo assim, a intenção de identificar a localização de uma biqueira ou outra nos trajetos dos jovens, deixou de fazer sentido. O que passou a ser importante foi perceber as situações nas quais os jovens pareciam desconcertados ou aflitos apenas em notar um movimento estranho na vila, a estratégia para sair da ONG em grupos para garantir a segurança ou a rotina esquematizada para se jogar no chão a qualquer som de algo que parecesse com um tiro.

Não busquei nenhum recorte do público que visasse uma representação equânime do bairro, levando em consideração amostragens e cálculos estatísticos. Conversei com os que quiseram conversar comigo. Os que mais terão "voz" neste texto são duas meninas e quatro meninos, e os motivos de minha escolha são arbitrários talvez de alguns pontos de vista, mas os escolhi, porque eles e elas, de certa forma, me escolheram. Estes foram os que mais se mantiveram próximos durante o processo da pesquisa, sempre foram voluntários e solidários ao responderem minhas indagações (que não foram poucas), e se dispuseram a caminhar pelo bairro e dividir suas vidas comigo.

---

<sup>28</sup> Cagoetar significa entregar alguém, denunciar, isso é muito grave dentro da vila e pode ser passível de sérias punições.

Quando fui “apresentada” aos jovens, não mais como educadora, mas como pesquisadora, e principalmente, como alguém que estava lá para observar, surgiram muitas situações que me fizeram refletir sobre o proceder da pesquisa, tanto sobre as observações, quanto a possíveis entrevistas. Narro uma destas situações:

“Entramos na sala do TE Nairóbi e eu, ele explicou que naquele dia seria eu a responsável pela atividade para o grupo. Eu tinha preparado um pequeno mapa da Cruzeiro; nele constavam as ruas do bairro que iam do Postão até o SCFV, distribuí um mapa em folha A3 para cada um dos jovens presentes, forneci linha e agulha e expliquei que deveriam costurar seus itinerários pelo bairro, lugares que passavam ao ir para a escola, para a ONG, para os postos de saúde, lugares de lazer, casas de amigos e amigas, que seria sinalizado por nós. Antes mesmo de eu terminar de explicar qual era meu objetivo com a atividade, Carolina gritou:

- Tu não tens que dar atividade nenhuma! Ela não é mais educadora, eu não tinha vindo aqui para pesquisar e observar? O que que observadores fazem? Observam né! ”. Motivada pela indagação de Carolina, Joana também resolveu se manifestar, e falou para os colegas: - Essa mulher não vai passar atividade né? Nem falar? “Ela está aqui para observar e observador não fala.” (Diário de Campo, agosto, 2017).

Mesmo a contragosto a turma realizou a atividade, fizeram corpo mole, inventaram trajetos, disseram que moravam em ruas que não moravam, mas mesmo assim, essa cena em especial me fez refletir muito sobre a metodologia usada ao longo da pesquisa. Baseada nisso, decidi não realizar nenhuma entrevista, tendo me focado em participar com a turma das atividades propostas, criar vínculos e estar presente sempre que possível, valorizando antes de qualquer coisa o “estar com” os jovens. (PEIRANO, 2014). Esta possibilidade me fez perceber muitas questões extremamente importantes sobre o campo, uma delas, foi o fato de num primeiro momento, eu estar olhando apenas para o lugar, suas demarcações e querendo “ouvir a geografia” mais do que as pessoas.

Além desta cena, houve outros momentos em que os jovens se manifestaram acerca da inconveniência de estarem sendo observados e frequentemente questionados, por coisas comuns de suas rotinas. A exemplo trago o dia que estava indo com Carolina até sua casa, acompanhada de Felipe. Também estava conosco a irmã mais nova da jovem, uma menina de cinco anos

que é aluna da Educação infantil na ONG, e por quem Carolina é responsável por levar e trazer da instituição, já que sua mãe, que as cria sozinha, é proprietária de um salão de beleza e trabalha o dia inteiro. De acordo com Carolina:

"às vezes dá preguiça de contar as histórias para ti, Sora. Tudo tu pergunta o porquê, tudo a gente tem que explicar, não sei onde que vive essa mulher que não sabe de nada..." (Diário de Campo, outubro, 2017).

Já segundo Felipe, era preciso tomar muito cuidado com as palavras quando eu estava por perto, já que ao ouvir qualquer palavra diferente começariam as indagações:

"Ah, mas que droga, tudo tu quer saber, Sora. Não dá para falar nada perto da Sora que ela já pergunta" (Diário de Campo, agosto, 2017).

Minha presença junto aos jovens sempre teve um caráter ambíguo. Em alguns momentos os jovens se mostravam bastantes abertos para conversar e partilhar informações comigo, mas também foram constantes as afirmações acerca da inconveniência de minha presença, além de minha ignorância, como foi ilustrado. João e Felipe me contaram histórias sobre as recorrentes entrevistas realizadas com eles, tanto no SCFV, como em suas casas. Sempre havia alguém perguntando sobre suas vidas e fazendo questionamentos que segundo João, "eram "ridículos":

Perguntam coisas tipo: "O que comem?" ou "Quantas refeições fazem por dia?", "Quantas geladeiras vocês têm em casa?" ou "Quantas televisões?". Bah isso é muito ridículo. (Diário de Campo, agosto, 2017).

Tal narrativa não me soou estranha; é fato sabido que a pobreza já foi amplamente pesquisada, principalmente nas Ciências Sociais (FONSECA, 2017). Em se tratando de políticas públicas, a aplicação de questionários sócio econômicos, que contém questões exatamente iguais as mencionadas por João são muito comuns. Não é raro haver um ar inquisidor sobre as famílias e sobre os jovens, sendo comum que alguns agentes de assistência social operem quase que como polícia das famílias (FONSECA, 2017).

Mesmo que hoje já não haja tanto interesse nas pesquisas que tem a questão da classe como ponto principal de análise (FONSECA, 2006), ainda temos as políticas de assistência social, que buscam justamente estas informações, vistas como "ridículas" por João para realizarem seu trabalho. O

problema disso, é apontado por Taniele Rui que menciona o caráter doutrinário e vigilante que as políticas públicas podem adotar, corroborando por sua vez para a potencialização da imagem negativa da pobreza, associando-a à desordem e ao perigo as pessoas e os espaços. (RUI, 2012, P.32), sobre os jovens as indagações constantes parecem soar como desconfiança, sendo Adorno, isso é muito comum, e os jovens facilmente recebem a pecha de “massa suspeita” (PINHEIRO, ADORNO 1993).

Segundo Valladares (2005), há uma concepção no imaginário social bastante preconceituosa sobre a periferia e seus habitantes, de acordo com a autora:

Constituídas na percepção social como “margens” da cidade, enquanto território da violência e de uma sociabilidade avessa às normas e valores dominantes, as favelas são habitadas por uma população identificada por esta designação que a encompassa e que essencializa uma diferença desta em relação ao restante da população da cidade, bem como de seu local de moradia em relação aos bairros, que encontra expressão nas políticas de segurança pública ali praticada. (VALLADARES, 2005, P.3)

João faz queixas constantes sobre o julgamento que, segundo ele, os jovens sofrem, sendo por morarem numa região empobrecida da cidade ou por serem negros, os principais alvos das reclamações são agentes de polícia, mas os atores das políticas de assistência social, mesmo na ONG, não ficam de fora, segundo o jovem: “não dá pra falar nada que já querem chamar a polícia”.

Dentre todas as associações sobre a juventude, a que melhor corresponde ao contexto observado é a elucidada por Sérgio Adorno e Paulo Sérgio Pinheiro, já no início dos anos 90. Segundo os autores, comumente os jovens são vistos como massa suspeita, potencial ameaça até mesmo algo a ser evitado e temido (PINHEIRO, ADORNO, 1993). De acordo com Adorno e Pinheiro, há muito mitos sobre as periferias e seus moradores:

Fala-se com frequência de crianças e adolescentes como responsáveis pelo crescimento da violência, em especial dos crimes violentos como homicídios. Na mídia impressa e eletrônica, cotidianamente, veiculam-se imagens que mostram indivíduos, nesses grupos etários, cometendo audaciosas ações, cada vez mais precocemente. Trata-se de imagens que destacam preferencialmente crianças e adolescentes, negros ou pardos, procedentes dos estratos socioeconômicos mais desfavorecidos da sociedade, imagens que reforçam associações entre pobreza e crime. (PINHEIRO, ADORNO 1993).

Em mais uma fala, João aborda sua percepção sobre um excesso de pesquisas na periferia, sobre isso, o jovem faz uma interessante ponderação:

“Não sei o que tanta gente rica e universitário gosta de vim na favela para perguntar e tirar foto, principalmente quando a gente tá comendo; essa gente acha que pobre não come e quando vê acha que tem que registrar.” (Diário de campo, agosto de 2017).

Por essas razões, acreditei que qualquer coisa que eu perguntasse em uma entrevista seria redundante, chato, e considerado, por qualquer jovem, da Cruzeiro ou até mesmo de fora dela, algo tedioso e uma extrema perda de tempo. Além de ferir a relação de confiança que estabelecemos, não quis ser mais uma pessoa a sujeitá-los a perguntas que poderiam ser consideradas invasivas. Acabei descobrindo que sem nunca ter perguntado aos jovens: “Como é viver na Cruzeiro?” em alguns momentos mais explicitamente do que em outros, havia sempre respostas nas conversas menos pretenciosas.

Em uma conversa com Felipe e João, os meninos contam que é comum que seus professores ou professoras fiquem chocados ao saber onde eles moram. Eles me contam em tom sarcástico, como é a expressão de espanto dos docentes e colegas que passavam a ter diversos interesses e sentimentos em relação a aos meninos, entre os principais, segundo Felipe e João, estão o medo e pena. Mesmo assim, sempre os professores sempre querem ouvir sobre as histórias trágicas do lugar, como assassinatos cruéis, brigas de facções, tiroteios e etc. De acordo com Felipe:

“é só falar que moro na Cruzeiro que as pessoas acham que eu tô cheio de desgraças para contar”; é só verem a gente que o pessoal já quer saber de desgraça, parece que tem tragédia escrita na nossa testa, acham que só tem tragédia aqui” (Felipe, Diário de campo, outubro de 2017).

João traz praticamente da mesma reclamação que Felipe:

“Sora, veem a gente e só perguntam de morte e tiro, pensam na Cruzeiro e já lembram disso, a gente só fala de tragédia às vezes, mas é só porque é só isso que perguntam para a gente. Perguntam como a gente consegue sair e entrar, parece que só dá tiro o tempo todo e todo mundo é traficante” (Diário de campo, outubro de 2017).

Felipe e João estudam em escolas que se localizam em regiões centrais de Porto Alegre, este aspecto faz com que haja uma percepção diferente por parte de seus professores e colegas sobre violência, não porque ela não existe em outras

regiões da cidade, mas porque a violência não se dá do mesmo modo que se dá dentro da Vila. A opção por estudar foram da Cruzeiro se deu, segundo Felipe, porque a escola da Vila tem muitos problemas. Felipe explica:

Não dá pra ir pro Elpidio, é perto, dava pra dormir mais estudando ali, mas ela é "dos contra"<sup>29</sup>, os caras das "25"<sup>30</sup> estudam lá e "dá muita bagunça e tiro" (Diário de campo, outubro de 2017).

Segundo os jovens, quem não mora em Vila, e só o conhece a Cruzeiro pelas notícias de jornais ou pela televisão "pensa que todo mundo é bandido" (João, Diário de campo, outubro de 2017). Os jovens parecem ter razão sobre as notícias veiculadas sobre a comunidade, se nos propusermos a realizar uma rápida pesquisa num dos principais veículos de notícias de Porto Alegre, o Clic RBS, por exemplo, e escrevermos no campo de pesquisa "Vila Cruzeiro Porto Alegre", as principais notícias vinculadas a busca tratarão de violência<sup>31</sup>, tiroteios<sup>32</sup>, assassinatos<sup>33</sup> e tráfico<sup>34</sup>, tais notícias colaboram para construção de um imaginário social carregado de suposições e preconceitos, acreditando em uma violência constante e em um caráter degenerado dos moradores, sempre esperando o pior deles tanto na conduta, quanto nas histórias a contar.

## 2.2 O INICIO DA GUERRA NA CRUZEIRO

---

<sup>29</sup> Referência a qualquer grupo inimigo, dono de um pedaço ao qual não se pode ir.

<sup>31</sup> "Atendimento é muito bom. O problema é a violência", conta usuária de posto de saúde da Capital. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/11/atendimento-e-muito-bom-o-problema-e-a-violencia-conta-usuaria-de-posto-de-saude-da-capital-cjnzblqq0amx01rxmdk51q0v.html> – Acesso em 26 de janeiro de 2020.

<sup>32</sup> Tiroteios, toques de recolher e assaltos fecham postos de saúde 75 vezes em Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/11/tiroteios-toques-de-recolher-e-assaltos-fecham-postos-de-saude-75-vezes-em-porto-alegre-cjnzabicw0am801piwb5bh08a.html> – Acesso em 26 de janeiro de 2020.

<sup>33</sup> Homem é morto a tiros enquanto trabalhava em obra em Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/04/homem-e-morto-a-tiros-enquanto-trabalhava-em-obra-em-porto-alegre-cjggzdh72006401pawhopys9z.html> - Acesso em 26 de janeiro de 2020.

<sup>34</sup> Traficante condenado a 25 anos de prisão é resgatado por comparsas em Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/07/traficante-condenado-a-25-anos-de-prisao-e-resgatado-por-comparsas-em-porto-alegre-cjjeeqjc40p6001qo1sbllypc7.html> – Acesso em 26 de janeiro de 2020.

De acordo com Márcia Leite, pesquisadora que estuda as periferias no Rio de Janeiro, “comumente o discurso público dominante apreende e explica a violência urbana através da metáfora da guerra” (LEITE, 2008), trazendo uma visão unicamente focada no tráfico de drogas e na criação da imagem de um inimigo que deve ser combatido através das armas.

a construção social das periferias como o território da violência na cidade (...) caracteriza-se pela promoção, por parte do Estado, de uma “guerra” aos traficantes de drogas ali sediados. “Guerra” que termina por ser praticada também contra os moradores (vistos como “quase bandidos” e, assim, inimigos a combater), demarcando o limite das políticas públicas nessas localidades. (LEITE, 2012, P. 1)

Os discursos sobre guerra não são diferentes quando se trata da Cruzeiro, a metáfora da guerra é adotada tanto pela mídia, quanto pela polícia e moradores da região. A guerra, que passou a ser narrativa de políticas de Estado, tem por consequência o reforço “dos dispositivos segregatórios que produzem e reproduzem as periferias como o outro da cidade” (VALLADARES, 2005, P.5). Valladares ainda sustenta que a “expansão do tráfico de drogas, sua internacionalização transformou a metáfora de guerra numa política pública de segurança” (VALLADARES, 2005 P.5).

Ainda segundo Valladares “a violência nas favelas – ou, em outros termos, a construção social das favelas como o território da violência na cidade – constitui o principal dispositivo de produção das favelas (e de seus moradores) como “margens do Estado” (DAS; POOLE, 2004)”. Experiências em outras localidades do Brasil, segundo Márcia Leite, apontam diversas semelhanças e mostram que os problemas relativos a segurança pública configuram o mesmo foco, nas favelas cariocas os atores típicos são os traficantes de drogas, cujo principal ambiente são os chamados territórios de pobreza (LEITE, 2012) em São Paulo como demonstra Feltran (2011) as periferias continuam sendo o lócus de atuação dos grupos criminosos, mesmo que a lucratividade deste próspero negócio, esteja relacionada a outros espaços da cidade. Deiziane Aguiar trata sobre a realidade pernambucana, mostrando que a relação tráfico, juventude e segurança produz efeitos trágicos a realidade dos bairros pobres (AGUIAR, 2017).

Neste capítulo trago fragmentos dessa realidade de modo a dar sentido aos acontecimentos que moldam o que a Cruzeiro é hoje. Estes fragmentos serão narrados em forma de cenas etnográficas, a fim de conferir à análise um caráter multifatorial, compreendendo os usos relacionados as metáforas de guerra usadas

pelos interlocutores. Cada tópico deste capítulo traz uma ou mais cenas que ilustram de algum dado a realidade a ser analisada. As situações descritas têm relação com diversos acontecimentos na região que tiveram desdobramentos na vida dos jovens e de todos que moram ou frequentam a Cruzeiro.

Em novembro de 2014, um tiroteio na boate Stuttgart<sup>35</sup> marcou o início de um conflito entre facções de Porto Alegre. Já em 2015, dois importantes chefes do tráfico de drogas da região da Grande Cruzeiro foram mortos em decorrência do conflito que teve início no ano anterior. Segundo os jovens, o espaço vazio deixado por estas lideranças, acabou sendo o estopim de uma série de conflitos pela tomada dos pontos de venda de drogas entre grupos criminosos que já atuavam na região, mas a chegada de uma facção predominante em outras regiões de Porto Alegre - e que até então não era dona de nenhum pedaço na Cruzeiro - a dos “bala na cara” passou a disputar os mesmos pedaços, a agência desta nova facção na região alterou a lógica dos conflitos de maneira substantiva.

Diferentemente de facções que atuam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, a exemplo, o PCC (FELTRAN, 2010) que atuam de uma forma mais “pacífica”, não regulamentando territórios, não cobrando comissões de “bocas”, mantendo tribunais do crime, e conseqüentemente, regulamentando o uso da força nas comunidades, no contexto rio-grandense tem-se facções que buscam a legitimidade de sua atuação através da extrema violência, e na constante disputa e conquista de novos territórios para fins de ampliação da atuação no comércio de drogas.

Este modelo de atuação de invasão e violência, fez com que surgisse na cidade de Porto Alegre e, portanto na Cruzeiro, uma nova “facção”<sup>36</sup> chamada “anti-bala”, este grupo é resultado de uma aliança de facções criminosas que se reuniram a fim de combater “os bala”. A criação desta nova aliança teve como objetivo, a eliminação de novos atores no contexto do comércio de drogas na Cruzeiro. Isso acabou agravando o conflito, já que a partir deste momento, a

---

<sup>35</sup> Danceteria Stuttgart é interditada após tiroteio. Disponível em: <http://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/11/Danceteria-Stuttgart-e-interditada-apos-tiroteio-em-Porto-Alegre-4638157.html>

<sup>36</sup> Os anti-balas são uma articulação de várias outras facções que se reuniram por questões políticas e econômicas, a fim de evitar a tomada de mais pontos de venda de drogas pelos bala na cara. As facções têm se mostrado muito mais articuladas que grupos políticos institucionalizados no Brasil.



disputa deixou de ser apenas pelo controle de duas biqueiras, e passou a ser pela defesa do território e impedimento da atuação de uma nova facção na região.

Durante o período que se estendeu por cerca de dois meses, novembro a dezembro de 2015, o número de tiroteios aumentou muito, via-se constantemente jovens meninos circulando com grandes armas pelas ruas, além de estarem sempre na entrada de becos e vielas do bairro; já a atuação das meninas estava relacionada ao transporte de armas e drogas. Todos os dias a região era sobrevoada por helicópteros da polícia, com homens portando armas que estavam sempre apontadas para as pessoas que circulavam pelo bairro.

Pude presenciar um momento de grande tensão na comunidade, havia muita preocupação, os toques de recolher se faziam rotina. Um grande número de pessoas envolvidas com o tráfico foram assassinadas, ônibus que faziam o transporte público na região foram queimados e impedidos de circular, afetando diretamente a rotina de todos que trabalhavam e moravam na região, sendo jovens, adultos e crianças. Em uma conversa informal com Isir, pude ouvir um pouco mais sobre o desenrolar do evento:

“Assim, na Cruzeiro, existe a guerra desde o surgimento dos V7, antes não existia facção, era uma série de bocas cada uma com um dono, desde que ninguém fosse desaforado, ninguém mexia com ninguém. A guerra mesmo existe desde 2009, primeiro era com o Vascaíno, do Buraco Quente<sup>37</sup>, só bem depois que começou com os “bala”<sup>38</sup>.

Mas antes a guerra não era desse jeito que é hoje, os Manos se aliaram com outras facções formando os anti bala, isso foi em 2015. A explosão da guerra foi o episódio do tiroteio na Stuttgart, aí depois morreu o Xandy dos manos<sup>39</sup>, e depois o Tereu. Aí que virou nisso tudo.

---

<sup>37</sup> Buraco Quente é referência a Vila Buraco Quente, é mais uma pequena região dentro do bairro Santa Tereza. No topo do Morro Santa Tereza, embora seja um lugar bastante precário no que tange moradias, infraestrutura, é uma região de grande especulação imobiliária, já que é o lugar com uma das mais belas vistas para a capital gaúcha, onde pode-se ver o Guaíba, a Orla de Ipanema, o Estádio Beira Rio

<sup>38</sup> Os “bala” é mais uma referência a facção Bala na Cara, conhecida em Porto Alegre, primeiramente por dominar o tráfico de drogas na região norte, passou a ter territórios em quase todas regiões de Porto Alegre, o seu nome se deve a sua “assinatura” nos corpos dos inimigos, uma bala no rosto. A facção é conhecida também por sua ação violenta e que entrou fortemente nas cadeias do Rio Grande do Sul.

<sup>39</sup> De acordo com uma reportagem sobre o modo de ação desta facção: A forma de atuar, quase como uma franquia, se consolidou há pelo menos três anos, quando a facção ganhou respeito ao desbancar a liderança dos Manos. Mas, diferentemente do momento em que a quadrilha ficou conhecida, em 2009, dessa vez nenhum personagem ganhou notoriedade com essa ascensão. Em vez de soldados, nas cadeias os Bala passaram a atrair sócios. Ao traficante de qualquer localidade, a facção ofereceria reforços de soldados e armas — que saem de outras regiões

Não era tão cruel, os conflitos existiam, mas não matavam criança, não decapitavam, hoje tem tortura, é muita loucura. Antes não era assim, antigamente não existia isso tudo, com toda essa violência, hoje em dia tem muita covardia. (Diário de campo, outubro de 2017).

Em um momento de conversa com a coordenação e direção da ONG sobre as situações frequentes de violência, a diretora também narra as mudanças consideráveis que a atuação de novos atores do mundo do crime tiveram na Cruzeiro. De acordo com a diretora:

Nós trabalhamos aqui há anos, nunca vimos tanta violência, tem gente demais querendo lucrar com o tráfico. Antigamente os traficantes eram amigos da comunidade, tinham os filhos matriculados aqui, traficante nenhum quer que os filhos tenham o mesmo destino dele, eles protegiam a instituição, agora tem esse monte de facção. O problema da Cruzeiro é que falta um patrão. (Diário de campo, abril de 2017).

Já segundo Seu Cléber, zelador e “faz tudo” da ONG, morador da Cruzeiro há mais de 20 anos, não houve sempre essa guerra, e os constantes conflitos. A vila teria mudado muito com a chegada de novos agentes que entraram na disputa pelo comércio de drogas, o que intensificou o número de tiroteios, bem como o aumento da violência empregada durante os conflitos, nas palavras de Seu João:

“antigamente tu via os “guri”<sup>40</sup> crescendo, eles te conheciam, eram vizinhos da gente, tinha respeito, se tu via um se passando tu podia falar, tinha hora para acontecer as coisas, não era como é hoje, os traficantes até ajudavam a gente, davam rancho, ajudavam quem precisava e também tinha segurança, não deixavam ninguém se passar por aqui. Agora é um monte de gurizão que te encara e te ameaça na rua, antes nem arma mostravam, tinham respeito com as crianças, agora andam de arma de fora, dando mau exemplo, se tu fala alguma coisa te ameaçam, botam a arma na tua cara, tem gente que nem mora aqui, não são da Cruzeiro”. (Diário de campo, abril de 2017).

---

dominadas pelo grupo — para garantir o controle do território. Depois, o novo sócio se compromete a vender somente a droga fornecida pela facção. Disponível em: <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/09/quem-sao-e-como-funciona-a-quadrilha-dos-bala-na-cara-4588651.html> - Acesso em 10 de novembro de 2019.

<sup>40</sup> Guri, ou os guris, é uma expressão regional, significa menino, na Cruzeiro também é a referência para quem trabalha no tráfico de drogas neste contexto, além da categoria “envolvidos” que será melhor trabalhada no decorrer do texto, os guri é a forma corriqueira de chamar os meninos, já que dificilmente alguém mencionar seus nomes.

Cláudia Fonseca, na obra “Família, fofoca e honra” (2000), narra histórias sobre traficantes parceiros das comunidades, e que eram muito considerados pelos moradores das vilas, justamente por fornecerem ranchos, gás e mediando brigas dentro da comunidade, realidade muito parecida foi relatada nos excertos acima.

O conflito iniciado pela ação de novos grupos criminosos é reconhecido como um abalo a antiga lógica. Por esta razão, considero este momento histórico como um “evento crítico” (DAS, 1995) porque marcou a maneira de circular pelo bairro, como um evento crítico complexo e multifacetado que ocorre em temporalidades diferentes para os agentes sociais envolvidos nesse processo. (VICTORA, 2011) mudou os horários e rotinas dos moradores, e principalmente, marcou as subjetividades dos atores sociais da região, inclusive na relação que se estabeleceu entre os atores do crime com o espaço e com os moradores da região. Segundo Veena Das os “eventos críticos” podem ser descritos como fatos propensos a desatar uma cadeia de relações sociais conflituosas (DAS, 1995):

Aunque esa definición resulta amplia, los autores señalan las múltiples dinámicas de la violencia que moldean la cotidianidad, y cuestionan la idea generalizada de que la violencia es un evento extraordinario o patológico, que mantiene una relación de exterioridad con la normalidad; igualmente, ese planteamiento matiza o desvanece la rigidez de límites entre las dinámicas propias de la violencia y los esfuerzos de convivencia, el ajuste, el duelo y la rememoración. La violencia social trabaja sobre el tejido comunal, lo descompone y –em particular en aquellas ocasiones en que miembros de una misma localidad asaltan a sus convecinos– le sustrae herramientas a la comunidad para que sus miembros habiten juntos en el mundo. Lo que surge en la degradación de la violencia extrema es un entorno cuya estructura resulta similar a la paranoia: el rumor, entendido este como la otra cara del silencio de la víctima, se anticipa a los hechos y produce libretos en que las comunidades se hallan amenazadas por otros cuya subjetividad ha sido evacuada de antemano; el miedo al Otro se transforma en el otro aterrador (ORTEGA, 2000, p. 26).

Antes de seguir a diante, gostaria de fazer uma ressalva. Ao propor a análise a partir dos eventos críticos provocados por facções e outros agentes na Cruzeiro, não ignoro que há também a ação de diversas outras precariedades nas vidas dos jovens interlocutores desta pesquisa, precariedades como: moradia, falta de infraestrutura urbana, acesso a serviços públicos de qualidade, cooperaram para que os efeitos dos eventos sejam ainda mais poderosos. Acredito que a análise deva ser ampla, não esquecendo nenhuma parte desse complexo emaranhado que é a vida cotidiana, como diria Velho (1986). Aqui, vejo a própria classe como fator que desencadeia a série de eventos críticos, tendo em

vista que tais eventos, dificilmente aconteceriam, nesta escala, em áreas não periféricas da cidade.

Outra consequência do aumento dos conflitos na vila foi o fato de que muitas pessoas ficaram “pedidas”<sup>41</sup> mesmo tendo apenas laços de parentesco e nenhuma relação direta com o comércio. Esta circunstância teve impacto nas relações familiares e vicinais o que colocou ainda mais tensão sobre a comunidade. Algumas pessoas receberam prazos de pouquíssimas horas para deixarem suas residências e se mudarem para onde fosse possível, donos de “bocas” foram expulsos da vila por supostamente terem se aliado a facções inimigas.

Um caso de expulsão sem envolvimento direto com o tráfico foi o de Daniela, moradora da região há mais de 20 anos, e ex-educadora da ONG, segundo ela, alguns homens armados invadiram sua casa à noite e mandaram sua família ir embora até o início da manhã seguinte. Daniela morava com os pais e uma irmã mais nova, sua família nada pode fazer a não ser acatar o ultimato. A razão da expulsão foi devido ao envolvimento de um primo de primeiro grau de Daniela, a família recolheu tudo que podia e mudou-se em meio a madrugada para casa de parentes em outra cidade.

Outra situação já bem diferente foi a de Manuela, aluna da ONG, cuja mãe, assumiu a boca de seu companheiro depois que o mesmo foi preso. Conhecido como Beco da Juliana, o lugar onde a família da menina morava funcionava como ponto de vendas de drogas e ficava ao lado da ONG. A mãe de Manuela cooperou com a fuga de um jovem "dos bala" que estava sendo perseguido pelo grupo rival, foi descoberta, por isso, então julgada e sentenciada, teve que se apressar a fugir com os filhos para não ser assassinada. Com o passar do tempo, os filhos puderam voltar a morar na região da Cruzeiro com outros familiares, a mãe deles ainda hoje, não pode ir a comunidade.

A proteção que segundo os coordenadores da ONG, recaía sobre a instituição também deixou de existir, quando fomos todos surpreendidos por um assassinato nas dependências da área ocupada pela Educação infantil dentro da

---

<sup>41</sup> Ficar pedido ou ser prometido, significa ficar sob forte ameaça, Deiziane Aguiar trata de uma categoria muito parecida em sua dissertação de mestrado chamada “Marcados para morrer”, nela a autora desenvolve o conceito de pessoas “marcadas” e que tem suas vidas transformadas a partir de episódios de violência. Marcado para morrer: moralidades e socialidades das crianças na comunidade do Serviluz (Fortaleza-CE), 2017.

ONG, a instituição que era entendida como um “território pacífico” antes do início dos conflitos passou a ser parte da rota de fuga de muitos integrantes do tráfico. O assassinato aconteceu durante a madrugada de um dia se semana. Um jovem menino entrou na instituição durante a madrugada para fugir de um grupo inimigo que o perseguia, sem saber que havia mais pessoas o esperando dentro da instituição.

Naquela manhã, cheguei para trabalhar e assim que entrei na instituição avistei uma imensa poça de sangue. O corpo do rapaz já havia sido removido pelo IML, mas o pânico estava instaurado entre os educadores e a curiosidade sobre a identidade do morto entre os jovens educandos. Como se tratava de um dia de semana, os jovens e crianças foram a instituição como em qualquer outro dia, ficando a critério de toda equipe fazer o possível para que aquele fosse, de fato, um dia normal de trabalho para todos. A transformação da ONG em rota de fuga se deveu a instituição estar localizada entre pontos estratégicos do bairro e passando por dentro dela, rapidamente faz-se a travessia entre um pedaço e outro, além de ser esconderijo para armas, pois conta com uma grande área com muitas árvores e plantas, chamada pelos educandos de “ambiental”, o local era destinado as oficinas de educação ambiental, a quantidade de arbustos e plantas facilitava a camuflagem destes artefatos. A partir naquele momento todas as crenças sobre a segurança da instituição passaram de certas a inexistentes, pois como os novos atores na região, trabalhando pela tomada de territórios, não tinham nenhuma identificação com a instituição, não haveria por que prezar por aquele espaço.

De acordo com Ortega (2000), os conflitos estão relacionados diretamente com os territórios e contextos sociais em que estão inseridos, passando a ter espaço nos cotidianos, criando sistemas simbólicos que fazem sentido exclusivamente nos contextos em que acontecem. Segundo o autor:

Esa cotidianidad, como unidad fundamental de análisis social, encuentra su expresión concreta en las comunidades a las que pertenecen los individuos en cuestión. La comunidad no es una realidad simple y dada a priori, primera, inferior y anterior al Estado y otros modos de organización más compleja; no es tampoco el lugar de las identidades fijas, primordiales o trascendentes. A partir de ese anclaje en la comunidad cotidiana tal vez sea posible avanzar en una definición de sufrimiento social. Un buen punto de partida lo constituye la definición que Arthur Kleinman, junto con Veena Das y Margaret Lock, ofrecen como “el ensamblaje de problemas humanos que tienen sus orígenes y consecuencias en las heridas devastadoras que las fuerzas sociales infligen a la experiencia humana”. De ese modo, el sufrimiento social se

refiere a diversas dimensiones de la experiencia humana, incluida la salud, la moral, la religión, la legalidad y el bienestar, y “resulta de lo que los poderes políticos, económicos e institucionales le hacen a la gente y, recíprocamente, de cómo estas formas de poder influyen en las respuestas a los problemas sociales” (ORTEGA, 2000, P. 25).

## 2.3 AQUI É GUERRA TODO DIA: COTIDIANO E VIOLÊNCIA NA CRUZEIRO

A vida cotidiana é um conceito notoriamente difícil de pesquisar em nível empírico, pois nos pede que tornemos visível não o que está oculto, mas o que é certo diante de nossos olhos (DAS, 2007).

De acordo com De Certeau (1996) “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”, está relacionado as “artes de fazer” e as “práticas comuns” (DE CERTEAU, 1996, P. 31).

“O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (DE CERTEAU, 1996, P. 31).

A violência que se apresenta na Cruzeiro tem marcas de guerra e suas manifestações, reconhecidas dentro e fora da comunidade, mostram que a qualquer momento do dia, uma situação corriqueira pode se transformar num momento de grande tensão. De acordo com Ortega, que pesquisa a violência que se transforma em algo do cotidiano:

la cotidianidad, y cuestionan la idea generalizada de que la violencia es un evento extraordinario o patológico, que mantiene una relacion de exterioridad con la normalidad; igualmente, ese planteamiento matiza o desvanece la rigidez de limites entre las dinamicas propias de la violencia y los esfuerzos de convivencia. (ORTEGA, 2000, p.27).

Ambos conceitos são complementares e servem para a análise dos acontecimentos cotidianos da Cruzeiro e as metáforas de guerra. Veena Das ao trabalhar com o que ela chama de “metáfora da guerra” busca mostrar como essa categoria é usada para fins supostamente positivos, pois justifica aos olhos do Estado e do cidadão médio, muitas crueldades:

Es mas difícil ver como el lenguaje del “conflicto armado”, usado en relacion con las causas denominadas como “buenas”, como la guerra contra la enfermedad, la guerra contra la pobreza, la guerra contra las drogas, etc., tiene el potencial de ofrecer una solucion a cualquier amenaza recurriendo al lenguaje de la erradicacion. (DAS, p. 508, 2001).

Este tópico busca refletir sobre a metáfora de guerra trazida pelos interlocutores para ilustrarem sua realidade como moradores de um bairro popular, além de discutir sobre o cotidiano e os impactos desta guerra na vida dos jovens. Mais uma vez, me valho de cenas de campo, a fim de dar início às discussões propostas neste capítulo. A situação descrita aconteceu em janeiro de 2018.

Era um dia muito quente em Porto Alegre. Sônia, a educadora responsável pela turma durante a atividade daquela tarde, propôs que fôssemos todos para a sala de informática assistir a um filme, o que de fato era um pretexto para aproveitarmos o ar condicionado da sala para fugir do calor. Fomos para a sala e logo todos começaram a organizá-la: Felipe pega cabos e ajeita o projetor, Joana e Carolina arrumam as cadeiras, enquanto debatem que filme assistiriam, comentam que com aquele calor um refri gelado cairia muito bem. Todos os educandos concordam e Felipe imediatamente tem a ideia de mandar uma mensagem para Nairóbi que estava na rua resolvendo pendências pessoais, pedindo que trouxesse um refri quando voltasse à ONG. Felipe contou-me que Nairóbi tinha prometido que com o primeiro salário compraria um refrigerante para dividir com a turma do TE. Como já tinha passado dois meses, agora ele devia três refris: um para cada mês e um terceiro como juros pela demora. Todos ficam empolgados aguardando a resposta de Nairóbi, que respondeu dizendo que não tinha dinheiro e não poderia levar nada.

Eu perguntei para Sônia se podia entrar refrigerante na instituição, pois, pelo que lembrava a alimentação era bastante restrita. Não se podia entrar com comida de fora, os educandos não podiam comer balas, nem chicletes lá dentro, quem dirá ir ao mercado para comprar refrigerante. Ela disse que dava, mas obviamente teria que ser meio escondido. O coordenador do TE sabia, mas a coordenação e nutricionista da instituição, se soubessem, não iriam gostar. Sônia também comentou que naquele dia em especial a grande vontade de tomar refrigerante se devia ao fato de que o lanche oferecido pela instituição seria bolacha água e sal. Como os jovens não pararam de falar sobre como queriam tomar refri, me ofereci para ir buscar. Os educandos não queriam aceitar, disseram que eu não tinha nenhuma obrigação de dar nada para eles, que ali eu era visita, entre outras coisas como:

- Que isso sora, a senhora é visita! - Aqui é a gente que tem que deixar a senhora bem, a gente que tinha que te dar refri, sora
- Não sora, a senhora não precisa nos dar nada, o sor Nairóbi que tá nos devendo.

Insisti dizendo que não tinha nenhum problema, que queria dar alguma coisa para eles que sempre me recebem bem. Como naquele dia especialmente o lanche não era muito bom, não teria nada de mais comprar algo para lancharmos todos juntos.

Juliano se ofereceu para ir, disse que poderia dar o dinheiro a ele que iria no supermercado. Eu disse que não pagaria em dinheiro, mas com o cartão de débito, logo, precisava ir eu mesma. Felipe intervém e diz que Juliano deve me acompanhar para que eu não ande sozinha pela vila, nem carregue as compras.

Os educandos também advertiram que eu não deveria gastar muito, poderia ser o refri mais barato mesmo, era só para matar à vontade.

Juliano e eu fomos em direção à saída, passamos por Gabi que estava na recepção, uma menina que também era do TE e agora é estagiária na ONG. Trocamos poucas palavras com ela, dissemos onde íamos e saímos. Na saída demos de cara com Nairóbi que estava chegando na instituição, eram em torno de 14h 40min, parei para cumprimentar e conversar um pouco com ele, Juliano parou mais a frente para me esperar, contei a história do refrigerante e do lanche ruim. Nairóbi disse que eu não precisava dar nada, mas continuei dizendo que não era nada de mais e queria dar alguma coisa pra eles. E de fato, um refrigerante não é nada, os jovens bebem isso com frequência, não há nenhum jovem ali que tenha algum tipo de restrição em relação a alimentação, mesmo sendo todos de famílias bem humildes.

Juliano é um educando com algumas dificuldades cognitivas, adora correr, já ouvi muitas histórias sobre ele. Em um dia quando ele não estava presente, a turma conversou abertamente sobre ele com a estagiária do Serviço Social. Segundo os jovens ninguém sabe ao certo onde ele mora, a mãe o abandonou e apesar de muitos doarem roupas a ele, ele sempre usa as mesmas que estão sempre sujas. Os outros educandos sempre reclamam que ele não cheira bem, mesmo reconhecendo que é bem difícil manter alguma rotina de higiene não tendo uma casa. Ele sempre foi carinhoso comigo, gosta de sentar-se ao meu lado e compartilhar o fone de ouvido para me mostrar suas músicas favoritas. Desde quando eu era educadora, ele sempre me abraça e beija quando nos encontramos. . Naquela época, ele veio uma vez me pedir conselhos amorosos em relação a uma menina que na época era da minha turma. Outra especificidade sobre Juliano é que ele é o único jovem com mais de 18 anos. Suas dificuldades fizeram com que a instituição entendesse que ele precisaria de mais tempo que os demais até se enquadrar nas exigências do mercado de trabalho.



Nesse trajeto até o mercado, pedi para que ele me contasse as novidades, como estava, se estava indo a escola, como estavam as coisas no bairro, e etc. Ele não respondeu a nenhuma de minhas perguntas e começou a me falar sobre filmes de terror, perguntou se eu gostava, respondi que não era muito fã dessa categoria de filmes, então me perguntou se eu gostava de filmes de guerra, respondi que também não era meu tipo preferido, mas já assisti a muitos filmes que tinha alguma guerra como pano de fundo. Juliano começou a contar que todos os dias tinha tiro durante a noite, era difícil dormir às vezes, mas mesmo assim gostava bastante de morar na Cruzeiro, e disse: “ô sora, aqui é guerra todos os dias”.

Imediatamente ao momento que Juliano terminou a última frase, quando já estávamos quase chegando ao mercado, ouvimos som de tiros. Olhei para os lados e num primeiro momento não consegui identificar de onde vinham os sons, até que olhei a minha direita e vi um homem abaixado com uma arma atirando para algo a sua frente, me viro e vejo mais homens em pé disparando nos homens a sua frente. O número de disparos só aumenta, peguei Juliano pelo braço e começamos a correr, estávamos a poucos metros do portão de entrada do mercado; ainda havia um estacionamento para atravessarmos até o estabelecimento. Eu ainda estava atônita pela fala de Juliano sobre a vida na Cruzeiro ser uma guerra. Fiquei completamente sem saber como agir, queria entrar no mercado correndo e buscar abrigo. Juliano queria parar para assistir o que estava acontecendo do outro lado da rua. A troca de tiros entre os dois grupos ficou ainda mais intensa, mas conseguimos entrar no mercado e fomos para os fundos do estabelecimento. Algumas pessoas ficaram na rua assistindo. Assim que entramos no mercado vimos pessoas assustadas, encolhidas no chão, abaixadas, algumas correndo para os fundos da loja.

Não queria transparecer que estava apavorada, tentei agir tranquilamente, imitando Juliano. Ele não demonstrou nenhum medo. Pelo contrário, havia até certa empolgação e muita curiosidade para saber o que estava acontecendo, quem eram os rapazes envolvidos no tiroteio. Enquanto parecia que meu coração ia sair pela boca e eu só queria me esconder, ele não parava de esticar o pescoço e ficar na ponta dos pés para tentar enxergar o que acontecia na rua. Os tiros não duraram muito, acredito que tudo durou cerca de 10 minutos. Estávamos parados de pé ao fundo da loja, ouvindo e tentando acompanhar os movimentos do que acontecia em frente.

Uma vez que os tiros pararam, Juliano e eu nos olhamos e parece que nos lembramos do que tinha nos levado até lá. Começamos a circular pelo mercado para pegar as coisas que queríamos comprar. Não falamos sobre o que aconteceu, apenas perguntei o que ele queria comer, ele respondeu que queria: trakinas, waffer e refri. Pegamos tudo que ele queria e mais algumas guloseimas para dividir com a turma e rapidamente nos dirigimos ao caixa.

Enquanto atendente passava as compras, eu pensava em todas regras que infringi: saí com um educando da instituição durante o período que ele não deveria ter saído, levei aos jovens comida não prevista pela nutricionista, tendo ainda como surpresa um tiroteio. Mesmo que legalmente Juliano seja seu próprio “responsável”, pois já tem 18 anos e não tem parentes preocupados, era eu estava quem com ele. Enquanto estávamos no caixa, prestávamos atenção na movimentação da rua, das pessoas que saíam e chegavam. Juliano estava se perguntando se havia mortos e se seriam conhecidos.

Perguntei a Juliano se queria mais alguma coisa, ele disse que não. Seu semblante era de tranquilidade, ele tem um sorriso constante no rosto, mesmo sem mostrar os dentes. Ao nos dirigirmos à porta, pergunto para pessoas que passavam por nós se o tiroteio já havia terminado e todas responderam que sim. Saímos do estabelecimento e nos deparamos com a rua lotada, muitas pessoas estavam paradas em frente a suas casas, nos pátios ou até saindo de suas casas e indo correndo até o lugar onde aconteceu a troca de tiros, saíam muitas pessoas de dentro do mercado também. Juliano queria atravessar a rua para ver o que aconteceu e se haviam corpos no chão. Pedi para que ele não fosse, pois queria chegar logo na ONG. Em nenhum momento olhei para o lado, pedi para que Juliano me acompanhasse de perto. Mesmo sem olhar percebi que havia um corpo no chão, Juliano passou o tempo todo esticando o pescoço e ficando na ponta dos pés para tentar ver melhor e talvez até identificar a vítima. O saldo da troca de tiros foi um corpo estirado no meio da rua, cada vez mais pessoas se amontoavam tentando identifica-lo. Enquanto isso, carros tentavam passar, um engarrafamento começava a se formar e a cada segundo eu ficava mais preocupada com a possibilidade de Juliano identificar alguém, o que acabou não acontecendo. Não poderia imaginar, mas numa simples ida ao mercado, descobriria que na Cruzeiro a guerra é mais do que uma metáfora. (Diário de campo, janeiro, 2018).

Nada me afetou tanto em campo quanto esse episódio. Percebi que andar pelas ruas, ir ao supermercado, ir à escola pode ser uma atividade facilmente

interrompida por um tiroteio e cenas de violência abruptas e inesperadas. Estar numa situação como a que vivi com Juliano me coloca numa posição bastante abrangente no campo de pesquisa, sendo eu, pesquisadora e objeto, já que a violência passou a ser parte também do meu cotidiano. Acredito que essa cena carrega em si uma grande potência ilustrativa sobre o que significa viver nesse contexto, reconhecido como sendo de guerra.

Porto Alegre foi apresentada no Atlas da Violência 2018 como a sétima capital mais violenta do Brasil. No período analisado pelo Atlas a cidade registrou 55,6 homicídios para 100.000 habitantes, sendo que a taxa registrada no Brasil para o mesmo período é de 29,7 homicídios. A taxa do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, cujos indicadores de violência determinaram desde 2008 a intervenção militar das UPPs, desde o início de 2018 a intervenção federal nas periferias é de 25,8.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera uma epidemia de assassinatos quando são registrados mais de dez casos a cada 100.000 habitantes. De acordo com o Radar da Violência<sup>42</sup>, ferramenta elaborada por setores do ramo imobiliário e o editorial de segurança do jornal Zero Hora, que levanta dados sobre violência desde 2011, o bairro Santa Tereza, onde se localiza a Cruzeiro, é o terceiro bairro com mais homicídios na cidade. Essa ferramenta conta os registros de morte violenta e desde 2011 a capital gaúcha registrou quatro mil homicídios, sendo que 1.467 pessoas foram mortas entre os bairros Rubem Berta, Restinga, Santa Tereza, Sarandi e Mario Quintana, o que equivale a 36,6% do total de homicídios do município. Na Grande Cruzeiro foram cerca de 244 vítimas desde 2011.

Os dados do Atlas revelam que a violência não é algo extraordinário em nenhum lugar nos dias atuais. São elevados os índices de violência letal em todas as regiões do país, tendo em cada região uma diferente configuração.

De acordo com Leite, a narrativa da guerra está impregnada em todos lugares, fala-se da guerra as drogas, da guerra ao crime, reforçando políticas voltadas ao extermínio e que não necessariamente tem um impacto positivo no combate ao crime e promoção políticas de segurança pública, segundo a autora:

---

<sup>42</sup> Radar da Violência. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/> - Acesso em março de 2019.

A reação aos novos cenários de violência, insegurança e medo frequentemente recorrem à metáfora da guerra de todos contra todos que estaria em curso, pondo em risco, cotidianamente, o mais fundamental dos direitos dos indivíduos: o direito à vida (LEITE, 2001, P.20).

Nesse contexto há que se pesar a necessidade de ouvir as pessoas que vivem nesses bairros, ouvir suas histórias e não as apagar em relatos massificantes. Ortega reforça o argumento da necessidade de um olhar etnográfico:

Pero la historia de las violencias en el presente reclama simultaneamente una mirada – que llamare en este caso etnográfica – que le ponga atención a lo que de manera indiferenciada se percibio como las “victimas”, a los modos en que estos padecen, perciben, persisten y resisten esas violencias, recuerdan sus perdidas y les hacen duelo, pero tambien la absorben, la sobrellevan y la articulan a su cotidianidad, la usan para su beneficio, la evaden o simplemente coexisten con ella. (ORTEGA, 2000, P. 20)

Conforme Machado da Silva (2010), a violência urbana pode ser entendida como uma “prática organizada, uma gramática” cuja linguagem “problematiza uma ordem social específica ou, em outras palavras, reconhece um padrão de sociabilidade” (p. 286).

“A violência urbana é um “mapa” que apresenta aos atores um complexo de relações de fato e cursos de ação obrigatórios – expressão simbólica de uma ordem social, para todos os efeitos práticos. Mais explicitamente: a representação da violência urbana constrói um componente de obrigação normativa subjetivamente aceito que, em certas situações e sob determinadas condições, substitui cursos de ação relativos a outras referências sem, entretanto, cancelá-las”. (MACHADO DA SILVA, 2010 P. 286)

A violência, os eventos e os enfrentamentos não se dão descolados da vida ordinária, cotidiana, por isso, é importante que olhemos a partir das experiências trazidas por nossos interlocutores em campo.

## **2.4 NARRATIVAS PÚBLICAS SOBRE A GUERRA**

Desde os anos 90 a chamada “Guerra às drogas” têm mobilizado governos, mídia e sociedade civil. A guerra, mais que uma metáfora, é parte constitutiva de nossa sociedade, e não pode ser vista como algo à parte do âmbito das relações sociais (CLASTRES, 1977), não sendo raro o conceito ser mobilizado em

discursos midiáticos, no cotidiano durante as conversas mais informais, como também embasando políticas públicas.

A narrativa de combate e a metáfora da guerra estão frequentemente presente nos enunciados daqueles poderes engajados em combatê-la. Principalmente nas políticas de segurança pública, como afirma Leite (2012, P. 379):

“representar o conflito social nas grandes cidades como guerra implica acionar um repertório simbólico em que lado/grupos em confronto são inimigos e o extermínio, no limite, é uma das estratégias para a vitória, pois com facilidade é admitido que situações excepcionais – de guerra – exigem medidas também excepcionais e estranhas à normalidade institucional democrática”.

Indo na mesma direção, Galdeano (2014, p. 21) afirma, “se para a guerra contra o crime importa definir um ‘inimigo’ – traficante, consumidores de drogas, moradores de rua – na lógica estatal, a figura do ‘drogado’, do bandido, ou seja, desses *outros absolutos*, fazem operar a metáfora da guerra”, isso também pode ser visto em Foucault (2010) e é o que o autor chamou de racismo de Estado, acionando as capacidades estatais de provocar a morte social, política e, no limite, física.

Para Valladares (2005) desde os anos 60, vem se consolidando no país um discurso anti-favela; tal discurso baseia-se numa ideologia preconceituosa sobre os habitantes de bairros pobres e ao longo dos anos vem se transformando em política pública de segurança. Tais políticas são segregacionistas e visam muito mais eliminar os moradores de bairros considerados violentos e problemáticos do que desenvolver políticas públicas que visem a solução dos seus problemas, aliando, ora políticas de segurança, ora políticas sanitaristas, veem no morador dos bairros empobrecidos, vítimas e alvos, vítimas e problema de segurança para os demais bairros da cidade. Ainda de acordo com a autora:

(...) as favelas passaram a ser tematizadas quase que exclusivamente pela violência e insegurança que trariam aos bairros, adensando-se, assim, os estigmas sobre seus moradores. *Favela* e *favelado* passaram a ser as modalidades de identificação dominantes desses territórios e populações, configurando-se como um dos principais dispositivos que promovem e sustentam a dimensão segregatória desses espaços contida em diversas políticas públicas e, especificamente, no campo da segurança. (VALLADARES, 2005, P.5)

Segundo Márcia Leite, o discurso público dominante apreende e explica a "violência urbana" através da metáfora da guerra (LEITE, 2008), focando a visão

unicamente no tráfico e em seu combate através das armas, o que sabidamente, faz com que se tenha uma visão limitada da segurança pública. Esta visão acaba por construir muitos mitos sobre os moradores das periferias tais como, o da periferia como reduto da violência e da degradação fazendo com que moradores de bairros tidos como violentos sejam confundidos e combatidos, juntamente com criminosos, além de banalizar a violência vivida nestas localidades.

O que deveria ser o combate ao tráfico ou aos traficantes, se consolidou como forma de estigmatização dos bairros pobres e dos seus moradores. Ainda sobre a construção do discurso bélico Valladares reflete:

Elementos centrais para a estruturação desse campo discursivo foram a percepção da alteridade como ameaça e desta como imune a qualquer tipo de solução política ou institucional, restando portanto o conflito aberto nas ruas, ou, mais propriamente, uma situação de guerra. Representar o conflito social nas grandes cidades como uma guerra implica acionar um repertório simbólico em que lados/grupos em confronto são inimigos e o extermínio, no limite, é uma das estratégias para a vitória, pois com facilidade é admitido que situações excepcionais – de guerra – exigem medidas também excepcionais e estranhas à normalidade institucional e democrática. Nestes termos, o dispositivo discursivo que constituiu o principal operador da demanda por ordem pública foi a construção de duas imagens polares a partir da metáfora da guerra: de um lado, os cidadãos – identificados como trabalhadores, eleitores e contribuintes e, nesta qualidade, pessoas de bem, honradas, para quem a segurança é condição primordial para viver, produzir, consumir; e de outro, os inimigos representados na/ pela *favela* – categoria que não distingue moradores e criminosos. De fato, o uso da metonímia corresponde a uma aproximação dos dois segmentos, atribuindo aos primeiros ora a condição de reféns, ora a de cúmplices dos segundos, cujo “lado” teriam escolhido ao optarem pelo campo da ilegalidade (moradas em terrenos invadidos, sem pagar impostos e serviços públicos, inserção marginal no mercado e trabalho etc.). (VALLADARES, 2005, P.6-7)

Segundo Karina Biondi (2009), as facções acabam funcionando como “uma cópia malfeita do Estado”, funcionando de forma panóptica seriam um arremedo de Estado autoritário: “uma estrutura hierárquica dotada de uma cadeia de comando que, entretanto, é mais eficiente que a estrutura estatal porque não depende dos enlaces burocráticos a que está amarrado o Estado” (BIONDI, 2009, p. 54). Ainda segundo Valladares, devido a esse discurso e a divisão que se faz sobre as cidades e da periferia acabar se constituindo como o outro da cidade, a autora sustenta:

Assim, caberia aos mesmos arcarem com os custos de terem “optado” por um dos “lados” da “cidade partida”. A metáfora da guerra fez, assim, transitar parte da discussão da violência do campo da segurança pública para um terreno moral, em que os *favelados* foram tomados como cúmplices dos bandidos pela via das relações de vizinhança, parentesco,

econômicas e da política local. Sua convivência com bandos de traficantes de drogas nos mesmos territórios de moradia foi percebida como expressão de sua “moralidade duvidosa”. A submissão dos moradores de favelas à chamada “lei do tráfico” foi interpretada como uma escolha entre esta e a “lei do país”, como uma opção por um estilo de vida que rejeitaria as normas e os valores intrínsecos à ordem social. Para esta formulação, aqui residiria a raiz de uma forte ambiguidade que marcaria as relações dos *favelados* com as redes criminosas sediadas nesses locais, levando-os a buscar proteção e apoio destas, bem como a protegê-las da polícia. (VALLADARES, 2005, P.7)

Por dividirem o mesmo espaço que os traficantes, moradores de periferia são tidos frequentemente como parte da mesma coisa, além de serem tidos como massa suspeita, segundo Machado da Silva:

Convivência no mesmo território produziria aproximações de diversas ordens - relações de vizinhança, parentesco, econômicas, relativas à política local etc.- e, assim, um tecido social homogêneo que sustentaria uma-subcultura desviante e perigosa. Esta, por sua vez, fundamentaria a aceitação e a banalização do recurso à força, o que terminaria por legitimar a chamada “lei do tráfico”: Em consequência, os moradores de favelas estariam recusando a “lei do país” ao optarem por um estilo de vida que negaria as normas e os valores intrínsecos à ordem institucional”. (MACHADO DA SILVA, 2008, P.50).

A narrativa criada em torno da guerra é interessante, pois autoriza que se tomem medidas em desacordo com as práticas legais. No que se relaciona aos jovens, que pelo simples fato de ser o que são já são considerados “criminosos em potencial”, aumenta-se o controle do espaço, contando com a convivência de agentes da assistência social, a fim de evitar o engajamento jovem ao tráfico de drogas. Sua operacionalização envolve uma modelação do mandato policial nesses territórios, que libera os agentes do Estado para irem além da “força comedida” que é sua atribuição constitucional, ou seja, para a utilização da “força desmedida” (BRODEUR, 2004).

Além da guerra deflagrada contra o tráfico de drogas pelo Estado, há uma guerra do tráfico pelo comando da atuação nas regiões de periferia, tomada de pontos de venda de drogas e eliminação de rivais.

Na fala de jovens é constante a preocupação com o que/quem é de “fora”, como os educadores e até mesmo comigo. Quando pedi que os jovens me mostrassem por onde circulavam na comunidade ouvi que eu não poderia fazer aquilo, sob pena de ser “oprimida” (os jovens usam essa gíria para se referir a hostilidade de grupos criminosos ou até mesmo zombaria de qualquer espécie). Por não pertencer àquele espaço, por não dominar os códigos e por, segundo eles, claramente não pertencer ao bairro, a circulação era vetada. A circulação

livre dos jovens e crianças também não se dá, pois serão impedidos de ir à escola, a postos de saúde quando seus pedaços (MAGNANI, 2009) estiverem em guerra com pedaços inimigos.

De modo geral, percebo que a circulação, o medo e o silêncio de certo modo, pautam as rotinas e o cotidiano, mesmo que apresentados de modo velado, mesmo que o “outro” de cada grupo seja diferente. O medo é um espectro que circunda as vidas e rege o cotidiano, o espaço, em suma. Não se confunde com as relações sociais, mas as condiciona, já que elas “se fazem não apenas no/sobre o espaço, mas pelo espaço e em referência ao espaço” (FELTRAN, 2006, P. 319).

Para a explicação da metáfora da guerra, também vale lembrar a metáfora de fronteiras, usada por Gabriel Feltran (2010) que estudou periferias em São Paulo. Em se tratando de análise territorial, a metáfora de fronteira é interessante na medida em que, ao mesmo tempo em que denota uma separação “preserva a possibilidade de fluxos, controlados, entre as parcelas separadas” (FELTRAN, 2010, P. 228).

Não podemos olhar para a Cruzeiro como um lugar inacessível. Pelo contrário, apesar de haver conflitos reconhecidos como guerras, as facções operam numa lógica comercial e precisam de um espaço aberto para o sucesso dos negócios. O fechamento do espaço se dá em alguns momentos apenas, e devido a conflitos focados e declarados.

### **3 AS LADAIAS DA CRUZEIRO: JUVENTUDES, SOCIABILIDADES E REDES SOCIAIS**

Durante o período de campo, além de perceber as formas analógicas da interferência das territorialidades impostas por grupos criminosos, pude notar que há diferentes manifestações dessas territorialidades no mundo virtual.

As redes sociais, além de ferramentas usadas pelos jovens para fazer novas amizades, arrumar paqueras, combinar passeios em praças e shoppings, fazer fofoca e compartilhar selfies, são usadas como forma de manifestação dos jovens sobre a condição da comunidade, enquanto envolvida no que reconhecem como sendo uma guerra.



A internet hoje funciona como uma reconhecida ferramenta que conecta as pessoas de diversas formas, além do uso do conceito de sociabilidade, já bastante pesquisado no âmbito das Ciências Sociais, faço uso do conceito de tecnosociabilidades, conceito cunhado por Arturo Escobar para referir-se a um amplo processo de construção sociocultural posto em ação na esteira das novas tecnologias (ESCOBAR, 2015, P.30). Segundo o autor, é preciso:

Deslocar o debate generalista, extralocalizado e autoexplicativo que caracteriza tradições ensaísticas sobre as quais parte dessa produção tem sido desenvolvida, a etnografia posiciona e situa a cibercultura para o lugar onde ela é produzida e significada cotidianamente, ou seja, nas práticas, experiências e sensibilidades da vida vivida e não daquela imaginada. (ESCOBAR, P.10, 2015).

Deste modo, pensando que “toda tecnologia emerge de condições culturais particulares ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições culturais” (ESCOBAR, P.22, 2015), foi notado durante a pesquisa, que além dos usos difundidos pelos jovens, as redes sociais ganharam espaço entre os grupos criminosos. Por eles são usadas tanto para avisar sobre toques de recolher, o que é entendido pelos jovens como um zelo e uma forma de cuidado para com os moradores; como para “fazer o nome” (ZALUAR, 1985), já que os grupos compartilham vídeos de execuções e torturas, a fim de mostrarem quem está no poder.

Quando Alba Zaluar escreveu a Máquina e a Revolta, a antropóloga narrou como os traficantes à época “faziam o nome” se valendo de fofocas sobre seus feitos no mundo do crime, sua capacidade de matar e manter poderio bélico. Hoje, os grupos criminosos filmam e lançam seus feitos ao vivo nas redes sociais, lançando medo sobre os seus inimigos, mas também sobre a comunidade.

Isso evidencia como uma ferramenta de uso global como a própria internet, os smartphones e redes sociais, ganham usos impensados *a priori* por seus desenvolvedores e percebemos uma clara manifestação de que “serviços pensados e produzidos como ferramentas globais, são usados para produção de conteúdo difundido e compartilhado num nível local” (SEGATA, 2010).

Na ONG, além das horas dedicadas à oficina era comum que na indisponibilidade de algum educador, reunião ou outras situações que mudassem o planejamento de rotina, os jovens fossem levados à sala de informática, já que nessas ocasiões poucos recorriam a educadores. Em muitos momentos fiquei sozinha com a turma, e a princípio acreditei (de modo bastante precipitado) que

naquela sala, o trabalho de campo estava sendo inviabilizado, já que os educandos ficavam em frente aos computadores e nem mesmo falavam uns com os outros. Frequentemente me perguntei o que poderia dizer sobre territórios observando momentos como aqueles?

Observava uma sala repleta de computadores onde jovens lutavam literalmente com o Word ou Power point, dando socos nas telas e teclados quando não conseguiam executar alguma função; gritando com as CPUs quando a internet caía ou quando uma mensagem de erro na tela acabava com suas esperanças de acessar sites de jogos virtuais, os quais a placa mãe não tinha nenhuma capacidade de rodar. A habilidade dos jovens com os computadores é bastante limitada, os computadores são péssimos, lentos, velhos e frequentemente estão com vírus, situação análoga é descrita por Lúcia Scalco em pesquisa no Morro da Cruz (SCALCO, 2012). A autora ilustra alguns exemplos dos principais problemas encontrados pelos educandos:

Para ilustrar, resumo, a seguir, as principais reclamações técnicas em relação ao computador encontradas em campo: o micro inicia no modo de segurança ou trava, congela, exibe uma tela azul com mensagem de erro e precisa ser reiniciado a todo momento; PC lento, desempenho fraco; não pode abrir muitos aplicativos ao mesmo tempo. O micro não desliga, *só na marra*, forçando. O computador apresenta mensagens de que o sistema está com pouca memória, arquivos que não abrem (corrompidos), defeito na placa-mãe, aquecimento por causa do calor, (*o computador fica louco*), computador que molha por causa da chuva e de goteiras, travamento total do *Windows* (famosa tela azul, geralmente devido a instalação de *software* pirata), problemas com os periféricos, *scanner*, *mouse*, teclado, máquinas fotográficas digitais (não abre as fotos), programas em conflitos, ataque de vírus que infectam o computador de diferentes maneiras, por *e-mail*, pela internet, pelo *pendrive*, entre outros, e o campeão dos problemas: não consigo me conectar a rede, o modem 3G não funciona, lentidão com a internet. Um informante com humor resumiu o seu problema: “*Acho que tenho um computador a lenha.*” (SCALCO, 2012, p. 336).

Entre os 15 jovens que compunham a turma, apenas dois possuíam computador em casa, o que fazia com que tivessem que constantemente interromper suas atividades para auxiliar os colegas que não sabiam usar bem os computadores. Quando se tratava de celulares, a escassez não se repetia. Todos tinham celulares, alguns possuíam até dois aparelhos. Nas oficinas os jovens tinham de 15 a 20 minutos “livres” para uso do computador após o término das atividades e esse tempo era usado geralmente para ouvir música no YouTube, ou mexer no Facebook. O celular era bastante usado mesmo fora do período estipulado, já que a sala possuía wifi, sendo o WhatsApp a principal distração.

Em mais um dia na sala de informática, minhas percepções sobre a interação dos jovens com computadores, celulares e redes sociais passou a mudar. Quando Carolina e Joana, riam em frente as telas dos computadores e Joana me chamou para ver o que elas estavam vendo: Ô Ane, tu não tá escrevendo um livro da Cruzeiro? Se tu quer conhecer a vila tu tem que ver isso aqui! Joana queria me mostrar uma conta do Twitter chamada “Ladaias da Cruzeiro”. A conta se destinava a falar mal de moradores e moradoras do bairro e a época havia apenas quatro tuites. Não sabíamos naquele dia, mas a conta se reduziria a nada, além disso. A título de ilustração, podemos seguir a imagem da conta:

**Figura 7:** Imagem do perfil do Twitter "Ladaias da Cruzeiro".



**Fonte:** Facebook.

Esta cena, mês fez refletir sobre a Cruzeiro também como uma comunidade que é virtual, como uma rede de conexões. Segata (2016) fala das redes de conexões virtuais e de como estas não existem isoladas, são relacionadas aos contextos dos quais emergem. De acordo com o autor:

as redes não existem por si só – elas são inventadas e são inventivas. Inventadas, porque as criamos. Olhamos, por exemplo, para trilhos de trem, linhas telefônicas e vemos redes. Olhamos para perfis de orkut “lincados” e vemos redes, seguimos pessoas no twitter e vemos redes. Elas são também inventivas pelo fato de que ao nos utilizarmos delas

para descrever “um mundo”, o que resulta é um mundo por elas inventado ou criado. Mas as redes não estão lá nos trilhos do trem ou no twitter. Nós olhamos para essas coisas e vemos redes e elas nos permitem dar algum sentido para o que descrevemos. Ao partir de um ponto qualquer até outro formamos uma conexão e de conexão em conexão construímos uma rede – a escolha dos pontos (ou do que é um ponto para conectar) são decisões que se faz num jogo sutil entre imaginação teórica e elementos que sejam empiricamente relevantes. Nesse sentido, as redes são como rastros – eu olho para trás e vejo os rastros – e digo que é uma rede, mas esqueço que são meus rastros formando conexões a partir de pontos que decidi seguir por razões teóricas ou nativas – ela nunca “está lá” em si. A rede não é um dado é um resultado. (SEGATA, 2016, P.108).

Enquanto conversava com as meninas sobre a conta do Twitter e algumas ladaias que aconteciam para além do espaço virtual, como traições, pegações e brigas entre vizinhos, Richard me chama para mostrar as páginas que gosta no Facebook. Para ele Twitter não tem nada a ver, já que nem tem stories<sup>43</sup>. Perguntei o que mais haveria sobre o bairro na internet onde os moradores pudessem se manifestar ou fossem compartilhadas notícias sobre a região. Foi nesse momento que Felipe se aproximou perguntado se eu queria ver um vídeo que ele acabara de receber, e que segundo ele, dizia muito sobre o bairro.

Felipe estava bastante nervoso, de algum modo revoltado, repetindo muitas vezes que não entendia os motivos de alguém compartilhar aquele tipo de vídeo. Ainda mais colocar no “status” do WhatsApp. Vinicius disse que havia compartilhado e não via nada de mais, todos os jovens começaram a dizer que já tinham passado os olhos já que também haviam recebido o tal vídeo; alguns assistiram até o fim, outros não.

Assisti ao vídeo pelo celular de Felipe (um erro, motivado por uma curiosidade mórbida, tenho de reconhecer. Não consegui dormir por algumas noites seguidas depois disso). O vídeo mostrava a execução, uma mulher que um dia havia namorado uma liderança de um grupo criminoso que atua na região na venda de ilícitos e que teria se envolvido com outro homem enquanto esse líder estava preso. Esse comportamento violaria uma conduta bastante conhecida dentro da vila, configurando traição: a vontade de seu companheiro era que a mulher fosse sentenciada a morte e foi o que aconteceu. Em um terreno baldio a

---

<sup>43</sup> Traduzido do inglês, as Histórias do Facebook são curtas coleções de fotos ou vídeos geradas pelo usuário. O Facebook Stories foi criado em 28 de março de 2017. Eles são considerados um segundo feed de notícias para o site de mídia social. [Wikipedia \(inglês\)](#)

mulher teve membros arrancados a cortes de um facção quase cego. A cena foi filmada por um homem que dá um recado, antes da tortura e execução começarem avisando que: “Se fosse mulher direita, isso não aconteceria.” Pouco tempo depois o vídeo circulava nas redes sociais de vários jovens, passando a ser o assunto do dia na turma do TE.

Assim que Felipe me mostrou o vídeo, todos os jovens passaram a comentar sobre os vídeos que recebiam com conteúdo similar. Perguntei como isso era compartilhado e eles me contaram que aquilo era só mais um de muitos vídeos que circulavam por grupos de WhatsApp. Todos os jovens estavam em pelo menos dois grupos da Cruzeiro, onde além de receberem esse tipo de vídeo, era comum também que algumas pessoas compartilhassem, do mesmo modo que Vinicius fez, colocando estes vídeos como “status”.

Além dos vídeos com execuções, havia vídeos que mostravam meninas tendo seus cabelos cortados por condutas tidas como traições, do mesmo modo que o vídeo descrito, talvez considerado menos graves, ou proferidas a homens menos poderosos. Vídeos com execuções ou punições de pessoas que ficaram com dívidas no tráfico, ou que eram parte da facção, mas que cometeram algum deslize se faziam presentes, meninos tendo mãos cortadas por roubarem dentro da vila não eram incomuns.

Estes grupos também são usados para avisar tanto os jovens, como qualquer morador, já que o acesso se fazia via compartilhamento público, sobre possíveis conflitos entre facções ou com a polícia. Também eram publicados avisos sobre os toques de recolher. Como a rede de relações vicinais fazia com que de algum modo as pessoas do bairro se conhecessem, era fácil que através de compartilhamentos pessoa a pessoa os vídeos ganhassem uma ampla divulgação entre os moradores do bairro. Quando a polícia era vista “circulando demais”, mensagens eram enviadas também a fim de pedir alerta, já que os conflitos são iminentes quando isso acontece. Os jovens entendiam esse comportamento de avisar os moradores como zelo por parte dos “representantes” dos grupos criminosos. Segundo Felipe, é sempre bom avisar, porque ninguém quer “tomar tiro de graça”:

“sora, a facção, pelo menos avisa a gente, a polícia nem isso, teve uma pá de gente que tomou tiro de graça já, tem que avisar, senão tem gente que fica de bobeira na rua.” (Diário de campo, novembro de 2017).

Além de avisar sobre potenciais conflitos, os vídeos têm por objetivo o que os jovens chamam de “fazer o nome”. Ainda segundo Felipe:

“os caras que são envolvidos<sup>44</sup> tem botar que uma pressão, tem que mostrar que matam, senão eles perdem o respeito, é assim que os caras crescem e fazem o nome” (Diário de campo, novembro de 2017).

Alba Zalular (1985) já narrava essa conduta como sendo uma forma de construir carreira no crime. Na época de sua pesquisa, as fofocas eram tidas como a forma eficaz de espalhar a fama de um bandido. Tudo o que ele fazia contra seus inimigos ou pessoas que infringiam o código de conduta do crime era relatado para algumas pessoas e espalhado de modo que chegasse aos ouvidos de todos. Para fazer fama, era preciso que todos soubessem que o bandido era capaz de matar, e que por algumas vezes poderia ser bastante cruel.

A prática se faz bastante atual e é muito presente em comunidades onde há atuação de grupos criminosos. Para fazer o nome as redes sociais se mostraram uma boa ferramenta, já que não precisam mais contar com as fofocas e rumores. Agora, basta uma câmera de celular e internet no aparelho para que uma vila inteira saiba do que se é capaz.

Os vídeos são gravados de maneira bastante simples, bastando a câmera de um telefone celular. Há lugares conhecidos pelos moradores da vila, terrenos baldios, apartamentos que se localizam em prédios populares, que têm como finalidade exclusiva, servir de cenário para essas gravações. Alguns vídeos compartilhados nos grupos da Cruzeiro, parecem ter unicamente a finalidade de entretenimento, segundo os jovens, não são de pessoas da Cruzeiro, mas sim de outros bairros perdendo assim o caráter disciplinador havia vídeos de outros estados, o era possível perceber graças aos diferentes sotaques, o que nos faz pensar no alcance desse tipo de atuação.

Alguns jovens pareciam gostar de assistir os vídeos, há quem pareça não se importar, enquanto outros ficavam chocados. Os jovens que não ligavam ou

---

<sup>44</sup> Envolvido é mais uma categoria “nativa”, os jovens a utilizam para se referirem as pessoas que são envolvidas no mundo do crime. Além de indicativo de pertencimento a um grupo criminoso, envolvido é o termo utilizado para justificar quem morre de forma brutal, assassinado pela facção a qual pertenceu em outro momento, mas passou a dever dinheiro, não cumpriu algum combinado, violou alguma norma. O Envolvido pode ser alguém marcado para morrer, Deisiane Aguiar discorreu sobre situação similar em sua dissertação de mestrado na UFPE, Marcado para morrer: moralidades e socialidades das crianças na comunidade do Serviluz (Fortaleza-CE), 2017.

achavam a prática correta, explicavam que já que não se tratava de “inocentes”, não era possível que tivessem um futuro diferente. Eram todos de algum modo “envolvidos”, ou infringiram o código de conduta do crime, assaltando na vila, fazendo dívidas com o tráfico, ou até mesmo traindo um chefe do crime, como no caso da execução que assisti. Logo essas pessoas eram menos dignas de pena, ou lamento e os vídeos seriam apenas o registro de um destino dado como certo, pois devido a suas já estavam “marcados para morrer” (AGUIAR, 2017). Sempre que indagados sobre o interesse nos vídeos ouvia as seguintes frases: “quem mandou se envolver;” “também né, mereceu”“.

Os que não gostavam de assistir os vídeos, pelo menos viam vantagens nos avisos dados nos grupos, ou através do status compartilhados.

As diferenças observadas mostram não apenas as formas de relacionar-se com o ciberespaço, mas sensibilidades dos jovens em relação aos envolvidos e as normas de conduta dentro da vila com as quais ainda não estava familiarizada.

A cena etnográfica aqui descrita, marca a mudança de minhas observações durante a realização do campo de pesquisa, que passou a valorizar os espaços on line, na mesma medida que valoriza os espaços off line e as relações face a face, ou relações estabelecidas sem a mediação de computadores ou aparelhos celulares. Deixando de tomar uma observação como mais importante do que a outra, mais real do que a outra, pois segundo Segata, essa forma específica de etnografia praticada na internet pode ser vista como a reafirmação de pontos que precisavam ser superados em favor do desfazimento das fronteiras entre “realidade” e “virtualidade” – ou do ciberespaço como uma externalidade. (SEGATA, 2016, P.109)

Em se tratando da observação de grupos jovens, os usos da internet e das redes sociais não poderiam ser deixados de lado, para a análise sobre as sociabilidades jovens na Cruzeiro pois precisava entender também a conduta dos jovens frente a internet e as redes sociais. Não era possível também, diminuir ou até mesmo ignorar que a Cruzeiro seja uma comunidade virtual e virtualizada, onde as conexões entre os indivíduos passam pelas conexões de redes sociais, celulares e computadores. Daniel Miller e Heather Horst alertam sobre como as mídias mudaram as formas de comunicação e as relações, e que por muito a antropologia tentou ignorar. Tendo sua fundação na observação de comunidades

tradicionais, demorou a atentar para as formas de socialização que se dão em meios virtuais.

Sobre o compartilhamento de vídeos por facções criminosas, podemos dizer que desde 2015, devido às novas configurações destas facções que atuam na venda de drogas no município de Porto Alegre, e a emergência de novos grupos na disputa por territórios e mercados de ilícitos, as condutas dos grupos passaram a ser cada vez mais violentas (CIPRIANI, 2010). Isto pode ser um indicativo do motivo pelo qual as facções criminosas passaram a adotar condutas como as descritas. O compartilhamento dos vídeos é reflexo desta violência que se originou das novas configurações e que se valeu das tecnologias para explorar mais facilmente suas práticas. Aliando condutas de autoafirmação e uma pedagogia do medo.

Em outro momento, mais uma situação tornou-se elucidativa dos usos das redes sociais, neste caso, o WhatsApp. Narro a seguir:

Por volta das 16h 30min, Leonardo levantou exaltado de sua cadeira dizendo que estava dando tiro perto do Martin Aranha, ele havia sido avisado através do WhatsApp, pediu pra ir embora, o educador responde-lhe que só poderia sair as 17h. A partir desse momento todos os jovens ficaram preocupados em como voltariam pra casa, durante a meia hora que restava até o momento de sair, ficaram todos juntos pensando em estratégias de como iriam para casa. Em primeiro lugar todos iriam andar a maior parte do caminho juntos, pensaram por quais ruas iriam de modo a realizar o objetivo. Quando chegou a hora de ir embora, Leonardo já havia sido avisado que os tiros acabaram, mas mesmo assim os jovens continuaram tensos e seguiram seus planos e rotas traçados durante a oficina (Diário de campo, agosto de 2017).

Leonardo faz questão de sempre demonstrar uma postura valente, ele e os outros meninos estão sempre falando sobre armas que já viram, pegaram ou têm em casa. Ele está sempre querendo meter medo nos educadores contando sobre suas condutas violentas e suas passagens pelo DECA. Mesmo assim, nesse momento pude perceber o medo, a preocupação que Leonardo e os demais jovens sentem diante de uma situação que rompe a rotina habitual. Mesmo que a guerra, seja tida em diversos momentos como algo constante, nota-se que esse momento de ruptura é carregado de tensão, ao mesmo tempo, que se pode



observar a solidariedade existente entre os jovens e que é colocada em ação com o acontecimento de um aviso de tiroteio.

Neste mesmo dia depois do trabalho de campo, fui ao encontro de um educador que trabalha em uma escola municipal do bairro. Combinamos de tomar um café e conversar sobre a Cruzeiro. Esta foi a única entrevista que fiz de modo mais formal: seu nome é Vinicius e ele dá aulas de filosofia e práticas ecológicas na Escola Martin Aranha; nos conhecemos devido a uma visita minha a escola para tratar da pesquisa e negociar quem sabe até algumas observações, o acesso foi negado pela direção, mas o professor tendo ficado sabendo do foco da pesquisa, quis conversar comigo.

Vinicius chegou ao nosso ponto de encontro bastante abatido, me contou sobre o tiroteio que tinha acontecido mais cedo, foi ao lado da escola e dois meninos morreram. Mencionei que um aluno havia comentado a situação e mencionei o aviso no WhatsApp, Vinicius comentou que isso é muito comum e também vê isso como uma forma de consideração as pessoas da vila. Ele me explicou o contexto do ocorrido: "- A Orfanatórfio está em guerra com Cantão, Cantão é dos aliados V7, Orfana (abreviação comum usada para referir-se a avenida Orfanatórfio) com Cruzeiro, estão em guerra para retomar a Orfana do Cantão. Vinicius diz que essa guerra dura anos, mas desde a semana passada tem sido constantes os tiroteios, a briga é territorial. Desde a semana passada foram pelo menos 8 mortos, há relatos de que havia jovens vivos quando a Polícia chegou, ninguém chamou o resgate e há relatos de que executaram os que ainda estavam respirando. Fico imaginando com quantos mais isso já aconteceu, quantos a polícia sentencia a morte diariamente nas periferias, sem serem ao menos julgados, sem saberem seus nomes ou que relação tinham de fato com a disputa. Vinicius falou de forma emocionada que perdeu alguns de seus alunos, ele acredita no tráfico como fonte de renda de uma elite, provento para muito poucos, que implantam uma política do medo para justificar extermínio da população negra e periférica que acaba tomando para si uma briga muito maior que imaginam. A nossa conversa não durou mais de uma hora. Eram longos os períodos de silêncio entre uma fala e outra, ele estava abalado".(Diário de campo, agosto de 2017).

A conversa com Vinicius evidencia a experiência de viver a violência mesmo não morando no bairro, mostrando como além dos regramentos dos territórios, a convivência com situações de violência são uma constante.

### 3.1 ROLÊS, ENCONTROS E FORMAS DE LAZER

Hilary é muito animada, vive falando de festas, resenhas e encontrinhos dos quais participa. Os jovens comumente falavam sobre os tais encontrinhos, que são encontros marcados via internet em shoppings e praças perto da Cruzeiro. Normalmente acontecem no Barra Shopping ou no Praia de Belas, a única questão apontada como negativa nos encontrinhos, era o fato, segundo Hilary, “de ter muita ladaia”: os mais ricos sempre tiram a gente, os seguranças dos shoppings seguem a gente achando que vamos roubar, esses dias a gente pegou mesmo umas barras de chocolate do Big, conseguimos sair correndo, peguei só de raiva mesmo (Diário de campo, fevereiro de 2018).

Mariana e Vinicius me contaram sobre os encontrinhos, como eram organizados, o que acontecia neles e sobre alguns furtos que cometeram em alguns desses eventos. Marina começou a me falar sobre as Melissas (marca de calçados) que havia comprado e pagou muito caro. No “mundo jovem” que observo, pode-se afirmar que “ter é ser”. As marcas são fundamentais para afirmação de alguns jovens da turma, Mariana deixa isso evidente quando fala sobre as Melissas. Assim, ter algo caro, de marca, faz com que uma jovem se sobressaia sobre as demais. Conforme Marina me explica: circular pela comunidade, entre pessoas que não conhecem as marcas, e seus preços, é sem graça. Legal mesmo é circular entre pessoas que tem os mesmos gostos, mais do que usar algo “bom”, segundo Marina, é preciso mostrar.

Encontrinhos ou rolêzinhos<sup>45</sup> como ficaram conhecidos em muitos lugares do país, são o lazer preferido dos jovens interlocutores desta pesquisa. Os encontros acontecem pelos shoppings perto da região, praças ou outros lugares da cidade onde há grande circulação de pessoas.

---

<sup>45</sup> Encontros realizados entre diversos grupos de jovens, comumente da periferia, são conhecidos também como “rolêzinhos”. “No início de 2014, o fenômeno conhecido como rolezinho ganhou ampla visibilidade nacional e internacional. Trata-se de adolescentes das periferias urbanas que se reúnem em grande número para passear nos shopping centers de suas cidades.” (PINHEIRO MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marca, consumo e segregação no Brasil. Revista de Estudos Culturais, 1: 05-25, 2014.)

O evento tornou-se um fenômeno porque tem esse poder catalizador de reunir e revelar profundas estruturas da desigualdade social não apenas da sociedade brasileira, mas igualmente das relações políticas e econômicas entre o Norte e o Sul do planeta. Ao contrário de um fenômeno genuinamente nacional *sui generis*, o rolezinho é uma manifestação à brasileira de um comportamento da periferia global. É igualmente verdade, contudo, que o momento político e econômico do país traz nuances muito especiais e diferenciadas a esse processo. (PINHEIRO MACHADO, SCALCO, 2014).

Segundo Gilberto Velho, a cidade é o lócus da luta de classe. A partir desta afirmação, gostaria de discorrer brevemente sobre essas disputas entre classes sociais que ocorrem na cidade e que ganham uma perspectiva específica através da juventude. De acordo com pesquisadoras do tema Lucia Scalco e Rosana Pinheiro Machado:

O tema é complexo não apenas porque desvela a segregação de classe brasileira, mas porque descortina a tensão da desigualdade entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, entre o Norte e o Sul. E enquanto esses símbolos globais forem venerados entre os mais fracos, a liberdade nunca será plena e a pior das dependências será eterna: a ideológica. (PINHEIRO MACHADO, SCALCO, 2014.)

Na “vila” segundo os/as jovens não há, ou há pouquíssimos lugares que se destinem ao lazer. Há bailes funk na comunidade, alguns pagodes, como eles chamam, mas nem todos tem idade para frequentar. A opção para sair um pouco da rotina, circular, ver e ser visto é ir ao shopping que fica muito próximo a Cruzeiro, o Barra, é lá onde jovens promovem os encontrinhos. Ainda segundo Scalco e Pinheiro Machado:

Os jovens, dentro de um estilo de vida peculiar à sua geração, tendem a ter uma relação mais visceral, exacerbada e ritualizada com essa lógica operante. Ao mesmo tempo em que eles afirmam a positividade de seu *self* por meio das roupas exibidas publicamente, despertam a apreensão e o preconceito das camadas mais elevadas que veem seus privilégios a bens e espaços ameaçados. O preconceito, assim, procura reordenar um estado de ordem das coisas e manter “o pobre em seu lugar”. (PINHEIRO MACHADO, SCALCO, 2014.)

A questão dos furtos apareceu de maneira mais velada, mas partiu dos jovens a fala de que durante os encontrinhos é comum pegarem comida no mercado dentro do shopping; perguntei se já haviam sido pegos, disseram que sim, mas sendo eles “de menor, não dá nada”.

Os encontrinhos são um pequeno recorte de realidade que deixa a mostra a grande segregação social e espacial nas zonas urbanas. Quando o grupo residente na Cruzeiro cruza com um segundo grupo, jovens oriundos des

camadas mais abastadas da região sul da capital gaúcha, as diferenças e estigmas se tornam mais aparentes. Por exemplo, quando Marina relata que é seguida, ouve provocações por pessoas que considera de estratos sociais mais ricos ou quando os próprios shoppings passam a monitorar a possibilidade dos encontrinhos acontecerem visando evita-los ou até mesmo restringem a entrada de jovens.

Parece-me, que a ultrapassagem de fronteiras territoriais e simbólicas, tanto sociais, quanto econômicas fica em evidência nesse momento. Parece-me emblemático o cenário ser um shopping, pois, dentro de uma sociedade de mercado, esse passa a ser um centro de lazer, mesmo que extremamente vinculado ao consumo. Uma vez que quem não tem “cara” de quem compra, é visto como intruso e deve ser evitado ou impedido de circular. Os jovens interlocutores relatam também o desrespeito de jovens de camadas mais abastadas que circulam pelo mesmo shopping, ora reunindo-se para eventos relativos a APPS, como Pokémon Go, ora usando o espaço como ponto de encontro com seus pares, mas nunca vigiados ou seguidos.

Estes grupos de jovens que circulam na capital porto-alegrense e que se encontram nestes espaços evidenciam suas mais gritantes diferenciações e posições dentro da sociedade. Eles são muito diferentes no que se refere a posição econômica, social, escolaridade e acesso à cidade e aos espaços de lazer. Nesses “encontrinhos” há cenas explícitas de reprovação, de quem vê os jovens da periferia frequentando espaços que não lhes são destinados. Ambos os grupos usam de retaliações e ofensas um com o outro, chegando até a, em algum momento, a agressões físicas. Rosana Pinheiro Machado em entrevista ao jornal Sul 21 em 2014<sup>46</sup> fala sobre suas observações a eventos como os encontrinhos:

"Uma vez um menino disse que usava as melhores roupas e marcas para ir ao shopping para ser visto como gente. Ou seja, a roupa tentava resolver uma profunda tensão da visibilidade de sua existência. Mas noutro canto, os donos da loja se assustavam e cuidavam para ver se eles não roubavam nada" (Pinheiro Machado, SUL 21, 2014)

Esta situação lembra o trabalho de Norbert Elias, assim como na cidade fictícia de Winston Parva (ELIAS, 2000), os “estabelecidos” forjam uma imagem e

---

<sup>46</sup> Etnografia do Rolêzinho: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2014/01/etnografia-rolêzinho-por-rosana-pinheiro-machado/>. Acesso em dezembro de 2019.

uma narrativa de que os “outsiders” representam um problema a ser combatido, algo a ser evitado e temido. Os dois grupos carregam uma série de crenças que fazem parte do imaginário coletivo sobre si e sobre os “outros”, esse imaginário trabalha na criação de subjetividades sobre os grupos, criando rivalidades e reforçando estereótipos e preconceitos.

O círculo vicioso, o processo de gangorra em que estavam envolvidos o bairro antigo e o novo, os estabelecidos e os outsiders, (...) mostrava a plenitude de sua força no relacionamento entre os jovens. As crianças e adolescentes da minoria desprezada do loteamento eram evitados, rejeitados e tratados com frieza por seus contemporâneos “respeitáveis” da “aldeia”, com uma firmeza e crueldade ainda maiores do que as reservadas a seus pais, porque o “mau exemplo” que eles davam ameaçava as defesas dos jovens “respeitáveis” contra seus próprios impulsos desregrados; e, como a minoria mais rebelde sentia-se rejeitada, ela procurava ir à forra portando-se mal, de maneira ainda mais deliberada. Saber que, sendo barulhentos, destrutivos e agressivos, esses jovens seriam capazes de aborrecer aqueles por quem eram rejeitados e tratados como párias funcionava como um incentivo a mais ou, talvez, como o principal incentivo à “má conduta”. Eles se compraziam em fazer justamente as coisas pelas quais eram censurados, num ato de vingança contra aqueles que os censuravam. (ELIAS, 2000, P.120)

Os jovens da periferia são privados dos direitos à cidade e à cidadania. A falta de espaços públicos que se destinem a suas atividades, mesmo que se coloque em evidência os momentos históricos distintos, e a distância geográfica de ambas situações, vemos que em Porto Alegre e Winston Parva, os jovens tem “suas oportunidades de passar as horas de lazer de maneira agradável e produtiva, na companhia de terceiros, extremamente limitadas (...) não havia associações especiais nem prédios comunitários onde os jovens pudessem reunir-se. As escolas ofereciam algumas oportunidades para a prática de esportes, mas também estas eram extremamente restritas. (ELIAS, 2000, p.108).

Essa evitação, segregação de espaços, que corrobora para construção narrativa dicotômica do “eu” e os “outros” faz com que os jovens da periferia sejam vistos como menos humanos e menos dignos de direitos e de cidadania. É sobre essa narrativa que está ancorada a construção de um discurso recorrente na sociedade contemporânea, o medo urbano. Tendo os “outros” são como fonte de temor e risco na cidade. O medo é usado como pano de fundo para narrativas sobre a cidade e construção dessa retórica é produzida pelos grupos que detém o poder, tanto econômico, como social e da mídia: “um grupo só pode estigmatizar

outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS, 2010, P.16).

Além disso, o medo também está associado à outros marcadores como classe, raça e preconceitos que estão profundamente cravados em nossa história, que são reforçados entre os “estabelecidos” a respeito dos “outsiders”. A questão é que os jovens não querem impor medo, eles só querem passear, ainda de acordo com Pinheiro Machado, em entrevista ao Instituto Humanitas podemos ver que:

Eles (os jovens) não queriam assustar, porque nem imaginavam que discriminação fosse tão grande que eles pudessem assustar. Muito pelo contrário: eles faziam um ritual de se vestir, de usar as melhores marcas e estar digno a transitar pelo shopping. (Pinheiro Machado, SUL 21, 2014).

Esse tipo de comportamento, de romper fronteiras e de enfrentamento mostra que os jovens querem a cidade, independentemente do que a organização sócio-espacial pressupõe, eles e elas não ficarão parados no lugar que lhes impuseram, a cidade e seu caráter público são requeridos constantemente por esses jovens.

Os encontros relatados são um reflexo da sociedade de mercado, em que eles se veem em espaços de consumo e se relacionam a partir do que consomem. Mesmo que se tenha uma ideia de que aquele espaço não lhes pertence, os jovens não se intimidam diante das barreiras simbólicas que se colocam a sua frente recusando isolamento frequentemente imposto aos moradores de periferias.

### **3.2 OS ENVOLVIDOS**

Segundo Judith Butler (2014), no livro *Vida precária: el poder del duelo y la violencia* o reconhecimento da vida se dá através da possibilidade de "enlutamento", quando a morte de um indivíduo gera comoção significa que sua vida foi um dia reconhecida. O “envolvido” é uma categoria utilizada pelos jovens em referência a pessoas que tem algum envolvimento com o tráfico de drogas, que fazem parte de alguma facção ou trabalham para alguma boca. Para ilustrar a necessidade de refletir sobre este conceito, trago mais uma cena de campo:

Em mais um dia de campo, me deparo com outra situação que elucida a categoria nativa dos “envolvidos”.

Cheguei ao mesmo horário de sempre, em torno das 13h30min, os educandos tinham acabado de sair do refeitório e se dirigiam à sala do TE, Bernadete a coordenadora do TE é a responsável pelo primeiro horário e estava dando seguimento ao trabalho da semana anterior, onde os jovens deveriam pensar em projetos que visassem a identificação de problemas no bairro e formulassem propostas para resolvê-los. A sala estava equipada com projetor, computador, pois além de escrever o projeto os jovens deveriam organizar uma apresentação da sua proposta de ação no bairro. Antes de começar, os educandos mexiam no computador e projetor, encontraram algumas fotos antigas e começaram a projetar na parede. Todos jovens se reuniram para ver as fotos. Carolina começou falando de todos os que “pegou”, Felipe comentou das meninas que queria beijar, mas não beijou e quem acabou beijando João, conhecido justamente pela “talaricagem”. Para cada foto que aparecia projetada na parede havia uma enxurrada de histórias sobre os rostos conhecidos, os jovens riam o tempo todo, e cada um queria dividir sua história com os demais do grupo. Havia quem ainda estava na ONG, outros já saíram da instituição porque fizeram 18 anos, ainda havia outros que se mudaram de bairro. Em uma das fotos vimos Jéferson, um antigo educando do TE que conheci quando fui educadora. No entusiasmo das histórias contei das vezes que o vi, e seu antigo professor e eu fizemos algum trabalho conjunto entre turmas. Minhas impressões sempre foram boas, pois ele é um menino muito educado, foi quando Carolina disse que não é mais. ‘- ERA sora, ele não é mais. Ele está morto!’

Perguntei espantada qual era o motivo e pedi que me contassem a história. Carolina respondeu rindo que não havia história, ele morreu e pronto. Mas segundo ela, a verdade é que ninguém sabe ao certo o que aconteceu, a única coisa que se sabe, é que ele foi assassinado na Restinga.

Felipe imediatamente retruca, em tom irônico e assertivo ele afirma: “morreu porque era envolvido”. Carolina disse que ele não era envolvido e só estava em um lugar errado em uma hora errada. Felipe prossegue: ele era envolvido sim! Quem é envolvido sabe que fim tem, disse rindo.

Eu disse que lembrava de Jéferson como um menino legal e continuo espantada. Carolina conta que ficou com ele e retruca Felipe dizendo que não dava para saber se ele era envolvido ou não, que ninguém sabe a verdade.

Eu perguntei a Bernadete sobre o caso de Jéferson e o que de fato tinha acontecido. Ela disse que ninguém sabe ao certo, pois ele havia se mudado para a Restinga e foi assassinado lá, logo não se pode afirmar se ele se envolveu lá na Restinga ou na Cruzeiro, mas seu envolvimento não era uma dúvida quando que ele frequentava a ONG. Felipe conta que nesses fogos cruzados nunca morre nenhum bandido, ninguém envolvido, eles ficam atirando uns contra os outros e não se acertam, as vezes acertam quem não tem nada a ver com a história, o que dá raiva; os envolvidos só morrem quando alguém quer realmente matar, as vezes tem um grupo parado numa esquina e para um carro e atira exatamente em quem “precisa” morrer. (Diário de Campo, novembro, 2017).

Os envolvidos são geralmente meninos; os principais recrutados para o tráfico de drogas vivem e morrem pela facção para qual trabalham. Essa categoria mexe muito com as moralidades dos jovens, como dos demais moradores do bairro, sejam crianças, adultos e até policiais que trabalham na região. Todos conhecem algum envolvido, todos sabem quem são, mesmo que em algumas circunstâncias a ligação seja negada ou apareça sempre como uma dúvida. Para elucidar melhor essa categoria trago o trabalho de Deiziane Aguiar que em sua dissertação intitulada “Marcados para Morrer”: Moralidades e socialidades das crianças na comunidade do Serviluz (Fortaleza-CE) ” trata da sociabilidade de crianças com seus familiares que estão “marcados para morrer”. De acordo com Deiziane Aguiar:

Marcado” é uma categoria nativa que representa estar ameaçado de morte, jurado para morrer, “marcado para a morte” em decorrência de variadas motivações, podendo ser por conflitos interpessoais ou por conflitos com práticas criminosas, como exemplo, dívida de drogas e outras. Quem está “marcado”, geralmente, passa a tornar suas práticas cautelosas no sentido de preservar sua vida, por exemplo, mudar-se do bairro, refugiar-se em casa de parentes ou amigos distantes do seu bairro, ir embora sem avisar ninguém, afastar-se da escola, dos amigos. Mas na maioria das situações o afastamento é recíproco por parte da rede de relações de um jovem “marcado”, as pessoas “não-envolvidas no crime” com receio de estarem acompanhadas com um “marcado” afastam-se dele, pois podem ser confundidas e entrarem na dinâmica da marcação. Dessa maneira, o jovem “marcado” tem sua primeira morte simbólica. Se formos mais longe, ele é “marcado” em maior potência por sua rede de relações afetivas, parentais e de amizades do que por aqueles inimigos que desejam exterminá-lo fisicamente. (AGUIAR, 2017, P. 70).

Envolver-se com o comércio de drogas dá, por algum tempo, privilégios aos meninos, que ganham *status* dentro da vila, acesso a bens de consumo, roupas e



tênis de marca, mas em contrapartida, o envolvido está sempre em perigo de vida, já que sua presença em conflitos é constante. O jovem envolvido tem sua circulação limitada, mesmo dentro do bairro, ficando restrito ao seu pedaço. A circulação em outras regiões ou pedaços pode resultar em um encontro inesperado com um “contra” o que pode gerar um conflito que culmine em alguma morte

Os envolvidos, assim como os marcados para morrer, são sujeitos indesejados, sujeitos matáveis (BUTLER, 2014), são meninos que perdem o *status* de seres humanos por ganharem o status de bandidos, logo, suas vidas não são valorizadas e suas mortes não são passíveis de luto. A morte de um “envolvido” não é uma surpresa entre seus amigos e familiares, sua vida circula em uma espécie de limbo de existência, já que do dia para a noite essa pessoa pode morrer. O envolvimento de alguém pode vir a tornar a sua família alvo de represálias, pois muitas vezes, para atingir um envolvido, os inimigos assassinam familiares próximos, segundo um dos interlocutores não é raro uma criança pequena morrer no lugar de um irmão mais velho ou até mesmo de seu pai. Ainda de acordo com Deiziane Aguiar:

Dentro de uma configuração simbólica de favelas enraizadas por alta vulnerabilidade civil e socioeconômicas, lutas faccionais armadas, disputas pela verdade, mas também, pelas territorialidades simbólicas e subjetivas de lugares marcados por infinitos conflitos sociais inflamados, cotidianos, de amplas dores sociais que respingam sobre os universos infantis de meninos e meninas moradoras desses lugares, onde crianças estão expostas à violência e são as principais vítimas, onde as mortes de *peessoas indesejáveis* (ARENDDT, 2013) ou “mortes desejáveis”, tanto a de seus próximos quanto de pessoas da comunidade, acabam por fragilizar suas concepções sobre as relações sociais e mobilizam redes de desrealização do universo infantil, tanto para elas quanto para os adultos. Potencializam-se as descrenças e se multiplicam as zonas de desconfiança, exclusão de meninos e meninas que não se “enquadram” nas morais do lugar (ou aqueles que se tornaram “marcados”, mas ainda não os são, afinal, estão sobre *suspeita social*), quando estes são as vidas *indesejáveis* (ARENDDT, 2013), numa tensão da exclusão dentro da exclusão, por exemplo, meninos “marcados” não podem participar dos projetos sociais dentro da comunidade. (AGUIAR, 2017, P. 72-73)

Os envolvidos acabam sendo reflexo do ingresso massivo dos jovens no mundo do comércio de drogas e marcam uma importante categoria moral, já que são seres humanos com status de humanidade suspenso devido seu vínculo as facções. De acordo com Machado da Silva:

(...) é cada vez mais comum jovens entrarem para o tráfico, no caso específico dos jovens moradores de periferias ou vilas como mencionamos no texto. (Mais “do que as ambiguidades de uma existência que não implica engajamento, sonhos e planos de futuro

melhor que o presente, haveria proximidade, idealização do estilo de vida dos traficantes e adesão ativa” MACHADO DA SILVA, 2008, p. 50), isso se dá devido à juvenilização dos grupos criminosos que parece corresponder a uma tendência real ao crescente recrutamento de menores de idade. (MACHADO DA SILVA, 2008, P. 50).

### 3.3 AQUI NINGUÉM É VÍTIMA

O fazer da antropologia é justamente colocar em xeque ideias essencialistas e universais que temos muitas vezes, sobre nós mesmos e sobre os outros, ou dos nossos sentimentos e dos sentimentos das outras pessoas. Pensando que as emoções são construídas socialmente e que "os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem" (REZENDE, COELHO, 2010 P. 11), tem-se a intenção neste tópico de problematizar a construção da identidade e as formas de sociabilidade entre os jovens interlocutores desta pesquisa e como já foi dito, a influência do contexto violento nesta construção identitária.

Através da categoria de “vítima”, usada pelos jovens para referir-se ao Outro, e nunca a eles mesmos, trago excertos de falas e postagens em uma rede social que indicam a forma de lidar com essa categoria como morador de um bairro periférico e violento. Nesse esforço visou pontuar o caráter social da categoria “vítima” e as emoções que circundam esta construção, mostrando desta forma que as “experiências emocionais são, a um só tempo, subjetivas e sociais” (REZENDE, COELHO, 2010 P. 74).

A categoria “vítima” será mobilizada como chave de leitura para a análise por se fazer presente constantemente nas narrativas dos jovens. Eles e elas a usavam para referirem-se a pessoas que não tinham “a maldade”, segundo eles, de viver em uma vila, ou não sabiam identificar zonas perigosas ou situações suscetíveis a assaltos, por exemplo. A vítima é sempre alguém de fora do território, alguém distante. Em muitos momentos, a vítima era eu mesma, que com frequência me assustava ao ouvir qualquer som que lembrasse o de um tiro.

Durante uma saída para visita ao Parque Marinha em Porto Alegre, em uma conversa com Felipe, fui alertada sobre como deveria ser a minha conduta em espaços públicos, e como poderia me prevenir de assaltos, já que “minha cara de vítima” seria um convite aos assaltantes. Segundo Felipe: “tu não pode ficar aí olhando paisagem, tu tá vendo aqueles caras

ali na frente? Os de boné? Eles estão te encarando e tu nem viu, te liga com esse celular, olha para os lados, com essa cara de vítima que tu tem os caras vão te pegar, tu tem que ter mais maldade. ” (Diário de Campo, janeiro, 2018).

Alguns comportamentos dos jovens embaralham algumas categorias convencionais que temos para pensar a violência e se constituem em um modelo para complexificarmos às definições de agência. A insistência em não se colocar dentro de uma ideia de “vítimas”, como muitos podem pensar que são os jovens negros e moradores de um bairro periférico, ou de pessoas que sofrem por viverem em um contexto de constante violência tornam mais evidentes estas complexidades. Lembrando Goffman (1975), podemos ver que há entre os jovens, formas de apresentar-se em diferentes momentos e para diferentes pessoas, mobilizando diferentes “estratégias de apresentação de si” (GOFFMAN, 1975), contrariando representações negativas de suas identidades.

Os jovens moradores da Cruzeiro são vistos frequentemente como vítimas, ou como suspeitos, a depender de quem os observa. Pelos agentes de políticas públicas ou da assistência social, os jovens são vistos como pessoas frágeis, sujeitos a serem protegidos e tutelados, para a polícia, comumente são vistos como suspeitos. O ponto interessante neste tópico é notar que ainda existem as definições atribuídas pelos próprios jovens que não condizem com nenhuma das abordagens mencionadas.

A construção do conceito de vítima na contemporaneidade, segundo Arosi (2013), está ligada a catástrofes naturais ou eventos de grande violência como guerras e conflitos políticos. No contexto pesquisado pela autora, as vítimas enunciam seus sofrimentos publicamente a fim de mobilizar políticas de reparação, buscando sensibilizar a sociedade para suas questões; este contexto dá as vítimas uma margem grande de agência, “pois permite que a violência seja narrada a partir de suas perspectivas” (AROSI, 2013, P. 60). Mas não é assim que a vítima é vista a todos momentos, é comum vermos as vítimas sendo tomadas como indivíduos passivos, traumatizados, que apenas falam de uma “vida bruta” (AROSI, 2013, P. 62). Ainda segundo Arosi, construção da categoria de vítima é tomada como algo do cotidiano, dependendo do contexto do qual se fala e do que as vítimas enquanto agentes querem mobilizar. No caso dos jovens da Cruzeiro,

ser associado a este conceito é visto como algo negativo, sendo sempre mobilizado como algo relacionado ao “outro”.

Em uma das muitas tardes que passei com eles e elas falando do cotidiano e das complexidades que se colocavam, por exemplo, por um toque de recolher, fiz uma pergunta que veio a ser guia para o desenvolvimento deste texto. Aos três jovens que estavam ao meu lado perguntei: Como é ser jovem na periferia?

Felipe foi o mais contundente em sua resposta, segundo ele: “tudo que a gente fala já olham torto, não pode falar nada que já querem chamar a polícia”, frase semelhante já havia sido mencionada, reforçando seu incômodo com a constante suspeita pela qual os jovens passam. Não é preciso citar os altos índices de mortalidade dos jovens negros nas periferias de todo Brasil, a regionalização da pobreza e das mortes se faz presença constante e os reflexos disso são sentidos pelos jovens e refletem em suas narrativas.

Outra questão sabida é que as representações da periferia são majoritariamente negativas, retratando comumente apenas os conflitos decorrentes do tráfico, assassinatos e ações policiais. Há uma carência de representações positivas da periferia e essa fala de Felipe, de alguma forma elucida isso. Os jovens interlocutores desta pesquisa negam uma imagem que os relaciona exclusivamente à tragédia, e a não vinculação com a categoria vítima também é uma forma de mostrar essa negação. Felipe nesta observação, não afirma que apenas quer falar de outros assuntos que não os trágicos, mas que não se reconhece nesse discurso.

Segundo Joana, o maior incômodo é com a categorização recorrente de vítima. Segundo ela:

“aqui ninguém é vítima”, “os de fora”, acham que é tudo sempre uma correria, mesmo que tenha problemas, não é só isso que tem na Cruzeiro, “a gente até que é limpinho” (Diário de Campo, janeiro, 2018).

Guga se intromete na conversa para dizer que “vítima é essa professora aí, se veste mal, é feia e nem tem luzes no cabelo”. Os jovens riem e Joana reforça:

“Vocês que não são daqui não podem ouvir um barulho de tiro que já se atiram no chão, tem tudo umas caras de vítima”. (Diário de Campo, janeiro, 2018).

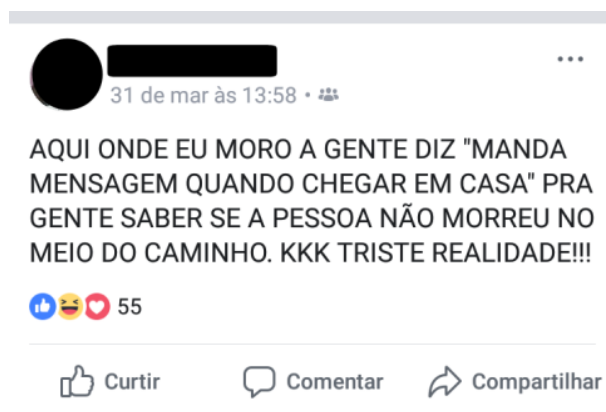
Na fala de Joana, nota-se certa jocosidade, um tom irônico sobre o que seriam as vítimas e como é esperado que se comportassem. A vítima é alguém que se abateria com um som de tiro, ou ameaça de conflito, já ela não, ela vive lá, e mesmo adotando rotinas em que demonstra prezar por sua segurança, não se comportará como uma vítima. Ainda pensando nas narrativas de Joana, selecionei postagens de uma rede social, na qual ela também se vale da jocosidade para relatar momentos relacionados ao território onde vive e sobre estereótipos sobre as pessoas que moram em vilas.

**Figura 8:** Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook.



**Fonte:** Facebook.

**Figura 9:** Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook.



**Fonte:** Facebook.

**Figura 10:** Imagem retirada do perfil de Joana no Facebook.



**Fonte:** Facebook.

Em nenhum momento durante o trabalho de campo, falou-se abertamente sobre medos e acredito que os jovens jamais assumiram sentirem algo relacionado. Algumas falas deram a ideia de que havia impedimentos sobre assuntos relativos às facções, pois jamais me falaram nomes de pessoas que faziam parte delas ou apontaram localidades de pontos de venda de drogas. Até mesmo falar sobre os pontos de venda de drogas era vetado, e em tom de brincadeira disseram “a gente não diz nada porque senão morre né, Sora”.

Na Figura 8 Joana fala sobre como se prepara para dormir em um dia de conflito entre facções, sabendo que haveria troca de tiros, a noite tem sua rotina de certo modo transformada pelo conflito. Rindo, mas marcando que não há necessariamente uma felicidade neste gesto.

Na Figura 9, percebe-se uma realidade que não é exclusiva da Cruzeiro, mas de todos e todas que vivem em uma grande metrópole. No caso específico desta localidade, o risco não é de assalto como é recorrente em outras regiões da cidade, mas de morte.

Na Figura 10, vemos mais um exemplo do que observamos anteriormente com a fala de João: a associação da periferia a algo ruim ou perigoso, neste sentido, algo a ser evitado. O contexto da postagem da Figura 9 se dá quando a menina, ao circular pela cidade com amigas, se vê conversando com outros jovens e quando interpelada sobre seu local de residência percebe uma reação hostil.

A ironia faz parte do modo de expressar-se de Joana, mas dentro de um mundo de caracteres em que é usada a escolha por corações partidos, pode nos dar pistas de que a ironia é usada para aliviar algumas tensões e situações que podem ser bastante difíceis de narrar.

Viver em um lugar que tem características como as da Cruzeiro faz com que os jovens passem constantemente por situações de ruptura abrupta da rotina. Isso afeta as emoções e faz com que busquem estratégias para enfrentar tais situações e para lidarem com o que estes acontecimentos causam em suas subjetividades. Nas Ciências Sociais falar da subjetividade e preocupar-se com as emoções não é uma novidade. Desde os trabalhos de Durkheim, Marx e Weber, conhecidos como *pais* das ciências sociais, nota-se uma preocupação por parte dos autores de pensar as consequências subjetivas dos grandes acontecimentos sociais nos indivíduos.

Nos breves excertos demonstrados aqui, pode-se notar a atribuição de um novo sentido na apresentação da vida na Cruzeiro. Joana nega o uso palavras que se refere a medo, evita melindres, em contrapartida usa da ironia e brincadeira. Acredito que estas narrativas demonstram uma agência por parte dos jovens, uma forma de se colocarem no mundo, negando o discurso de vítimas e referindo-se ao seu cotidiano e atribuindo a ele mais leveza, se comparado ao horror de uma *guerra*, usando de formas narrativas diferentes, foge-se da atribuição da vítima e dá-se ao cotidiano um caráter menos negativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa busquei compreender em que medida as territorialidades do tráfico de drogas interferem no cotidiano de moradores de uma região localizada num bairro periférico na zona sul de Porto Alegre, conhecida como Grande Cruzeiro, em especial, dos jovens que lá residem. Os territórios apareceram como uma categoria sócio espacial de fundamental importância no contexto observado, já que regra vidas e trajetos, traz impedimentos à circulação dos jovens moradores, e ao acesso a políticas públicas, serviços básicos e aparelhos urbanos.

Cheguei a campo cheia de suposições, acreditando que o trabalho seria muito diferente do que foi de fato, considero este o mais valioso aprendizado trazido pela pesquisa, mudar as percepções e interesses de pesquisa devido a novas percepções através dos interlocutores, deu um caráter totalmente novo ao projeto, mostrando que o trabalho de pesquisa é muito mais complexo na prática do que na teoria. Deste modo acabei tratando menos dos assuntos que pensei que trataria e mais sobre os que os interlocutores queriam que fosse abordado.

Permiti-me passar tempo de lazer com os jovens, realizei atividades no TE, fui a passeios, brinquei, participei das aulas de esportes, informática, andei pelo bairro, fui as suas casas, vivi experiências traumáticas como a fuga com Juliano, e estive o tempo todo aberta ao que quisessem me contar ou mostrar.

O trabalho se valeu fortemente da análise de situações de violência, pois durante o trabalho de campo, elas apareceram com frequência nas narrativas como vimos ao longo do texto, foram usadas como molduras, “enquadramentos” nas palavras de Butler, para observar e analisar situações que se fizeram presentes e tem impacto nas vidas e formas de socialização. Em nenhum momento é a intenção deste trabalho essencializar a Cruzeiro como um lugar violento, embora situações violentas sejam narradas, elas não constituem a totalidade da vida neste lugar.

Pude notar que há muitas maneiras de viver o espaço urbano e de demonstrar os impactos das territorialidades. Percebemos que os pedaços, extrapolam o caráter espacial, não estando ligado apenas a um pedaço de chão, ganhando caráter até mesmo virtual, impactando formas de ser e estar na vila e de ser e estar nas redes.



Pensar as tecnosociabilidades foi uma surpresa, embora tenham assurgido como possibilidade analítica apenas no fim do campo, por isso acabou sendo pouco explorada. A “novidade” na atuação das facções aparece com uma dupla significância, o “serviço” prestado tem duplo caráter, sendo vista com o intuito de proteger, por alguns moradores, e colocar medo, dentro da lógica do “mundo do crime”. A questão dos vídeos de torturas e assassinatos serem vistos por alguns jovens como entretenimento, ainda é uma questão vaga e inquietante, e acredito que haja possibilidade de realizar mais investigações sobre esta realidade.

Estou ciente que esta pesquisa tem caráter limitado ao tempo e espaço em que se deu e não tenho pretensões generalizantes sobre as realidades das periferias de Porto Alegre. A partir de uma base qualitativa, a pesquisa tratou da realidade observada e tentou aprofundar temáticas relativas àquele espaço e pessoas, tendo como maior objetivo refletir sobre a Cruzeiro e suas configurações territoriais dos últimos anos. Outro adendo é que é comum que se refira aos agentes do comércio de drogas como pessoas do “movimento” (FELTRAN, 2010), sendo assim, a qualquer momento todas as configurações podem mudar o que mudará também a realidade do bairro e, por conseguinte algumas das considerações realizadas ao longo deste trabalho.

Espero de alguma maneira contribuir para reflexão dos temas abordados. Nenhuma temática foi esgotada e acredito que há muito que ser aprofundado, se nos valermos de mais tempo em campo e outras técnicas de pesquisa. Acredito que apenas o investimento em mais políticas públicas contribuirá para o impedimento da ação de grupos criminosos sobre o acesso e usufruto da população que vive nas periferias aos aparelhos urbanos.

As garantias de liberdade e acesso aos direitos para as pessoas que moram as periferias é fruto de vários esforços somados. Infelizmente, por diferentes questões, a guerra foi adotada como política pública. Percebemos ao longo desta pesquisa, e de muitas outras realizadas pelas Ciências Sociais no Brasil, que tal recurso não é eficaz no combate ao problema, sendo de extrema importância que medidas sejam tomadas quanto às políticas de segurança pública e de enfrentamento ao problema das drogas no Brasil.

Nesta pesquisa vemos que os jovens inventam, e buscam todo e qualquer espaço possível para sonharem e viverem suas vidas alegremente, fazendo tudo ou quase tudo virar piada. A negação do atributo de vítima, nos mostra que apesar

da dura realidade, eles ignoram uma designação que os posiciona como alguém que está à mercê da própria realidade. Entre as explicações possíveis, acredito que os jovens buscam mostrar que são donos de suas próprias narrativas e a negação do atributo de vítima refere-se àquelas que acabam por massificá-los e invisibilizá-los.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar Dávila. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2005.

AGUIAR, Deiziane Pinheiro. **Marcado para morrer: moralidades e socialidades das crianças na comunidade do Serviluz**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia (Fortaleza-CE). 2017.

\_\_\_\_\_. **Entre brincadeiras, silêncios e conversações: interagindo no campo com crianças numa favela à beira-mar em Fortaleza. Anais 30ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) 2016 na UFPB, João Pessoa/PB**.

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. Tradução de Graça Índia Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011 [2009], 213 pp.

\_\_\_\_\_. **“O humanitário como terreno de pesquisa”** (Entrevista concedida a Susana Durão). *Sociologia - problemas e práticas*, n. 50: 133-150.

\_\_\_\_\_. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro**. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

BARBOSA, ANA PATRICIA. **Políticas públicas e construção de identidades sociais: um estudo etnográfico acerca das experiências juvenis na região da grande cruzeiro, em Porto Alegre/RS**. *Gestão e Desenvolvimento*, Novo Hamburgo, a. XIII, v. 13, n. 1, p. 99-111, 1º sem. 2016.

\_\_\_\_\_. **Entre sociabilidades e representações sociais: uma experiência etnográfica na vila cruzeiro do sul, Porto Alegre**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.165-180, jan./jul. 2015.

BARCELLOS, Christovam; ZALUAR, Alba. **Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro**. *Revista de Saúde Pública*, v. 48, p. 94-102, 2014.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BIONDI, Karina. **Junto e Misturado: imanência e transcendência no PCC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Departamento de Antropologia – Universidade Federal de São Carlos.2009.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. *Questões de sociologia*, p. 112-121, 1983.

BUTLER, Judith. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A cidade de muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Edusp; Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **A política dos outros, o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo, Brasiliense, 1984, 300p.

\_\_\_\_\_. **A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia**. In: NOVOS ESTUDOS CEBRAP. n. 21, julho 1988.

\_\_\_\_\_. **Imagens do poder e da sociedade, o mundo cotidiano de moradores da periferia**. 1982. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo**. GT coordenado por Ruth Cardoso e Gilberto Velho. Ciências Sociais Hoje-1, Recife; Brasília, ANPOCS; CNPq, p. 332-354, 1981. CAMARGO, C. P. F. et al. São Paulo 1975; crescimento e pobreza.

CARDOSO, Ruth C. L.; DURHAM, Eunice. **A investigação antropológica em áreas urbanas**. Revista de Cultura, São Paulo, v. 67, n. 2, p. 49-54, 1973.

\_\_\_\_\_. **Conversa com Eunice Durham e Ruth Cardoso**. In: GROSSI, Miriam et al. Conferências. Blumenau, Nova Letra, 2007. p. 221-242.

\_\_\_\_\_. **Elaboração cultural e participação social nas populações de baixa renda**. In: Ciência e Cultura, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 171-177, 1977  
COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos. **Introdução. O campo da antropologia das emoções. Cultura e sentimentos-ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2011.

DAMATTA, Roberto. (1987). A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Guanabara.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. **“El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas”**. In: Revista Acadêmica de relaciones Internacionales, núm.8, junio de 2008, Geri-Uam. Disponível em [www.relacionesinternacioles.info](http://www.relacionesinternacioles.info).

\_\_\_\_\_. **Ordinary Ethics: The Perils and Pleasures of Everyday Life**. 2014.

\_\_\_\_\_. **In the region of Rumor. Life and words. Violence and the descend into ordinary**. California, University of California Press; Berkeley Los Angeles London, 2007, pp.108-134.

\_\_\_\_\_. **The event and the everyday. Life and words. Violence and the descend into ordinary**. California, University of California Press; Berkeley Los Angeles London, 2007, pp.1-17.

\_\_\_\_\_. **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade.** Cadernos Pagu, 37, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200002)

\_\_\_\_\_. **Sufrimientos, teodiceas, prácticas disciplinarias y apropiaciones.** International Social Science Journal. Dossier sobre Antropología: temas y perspectivas, UNESCO, Vol. XLIX, No. 154, 1997. In: ORTEGA, F. (ed.). **Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidade.** Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Ponticia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/11785299/Veena\\_Das\\_Sujetos\\_del\\_dolor\\_agentes\\_de\\_dignidad\\_Francisco\\_Ortega\\_ed.\\_](https://www.academia.edu/11785299/Veena_Das_Sujetos_del_dolor_agentes_de_dignidad_Francisco_Ortega_ed._)

\_\_\_\_\_. **Trauma y testimonio.** In: ORTEGA, F. (ed.). **Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidade.** International Social Science Journal. Dossier sobre Antropología: temas y perspectivas, UNESCO, Vol. XLIX, No. 154, 1997. In: ORTEGA, F. (ed.). **Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidade.** Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Ponticia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/11785299/Veena\\_Das\\_Sujetos\\_del\\_dolor\\_agentes\\_de\\_dignidad\\_Francisco\\_Ortega\\_ed.\\_](https://www.academia.edu/11785299/Veena_Das_Sujetos_del_dolor_agentes_de_dignidad_Francisco_Ortega_ed._)

DAS, Veena (entrevista). **Entre palavras e vidas: Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos.** In: Misse, M., Birman, P. et al. Dilemas, n.2, 2012. [\\_http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-5-2-Art6.pdf](http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-5-2-Art6.pdf)

DAUSTER, Tania. ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana.** Horizontes Antropológicos, n. 41, p. 433-436, 2014.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** Revista de Antropologia, p. 13-37, 1996.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano, artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 1994.

DIAS, Santiago Pavani. Educadores e educadoras sociais em busca de reconhecimento. Dissertação de Mestrado, rograma de Pós-graduação em ciências Sociais, PUCRS/RS. 2018.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. (1981). **“Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos”.** Boletim do Museu Nacional – Nova Série, n. 36.

\_\_\_\_\_. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (1986).

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau.** Revista Diálogo Educacional, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

DURHAM, Eunice. **A pesquisa antropológica com populações urbanas, problemas e perspectivas.** In: CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. p. 17-38.

ECKERT, Cornélia. **"A cidade" com qualidade": estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre.** Sociedade e cultura: revista de pesquisas e debates em ciências sociais. Goiânia, GO. Vol. 10 n. 1 (jan./jun. 2007), p. 61-79 (2007).

ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Cidade sitiada, o medo como intriga.** ILUMINURAS, v. 9, n. 21, 2009.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Zahar, 2000.

GADEA, Carlos A. **Realidade Juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre – contextos, situações e perspectivas.** Porto Alegre: Cirkula, 2015 36

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** 2012

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo.** Lua Nova, São Paulo, n. 79, p. 201-233, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo.** Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/ Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo.** Caderno CRH, v. 23, n. 58, 2010.

FERNANDES, Adriana; FERREIRA, Mariana Tavares. Dimensões políticas do sensível em Veena Das (notas preliminares).

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares.** Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2000.

\_\_\_\_\_. CARDARELLO, Andrea. **Direitos dos mais e menos humanos.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 83-121, July-Dec. (1999)

\_\_\_\_\_. **Lá onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico.** Revista Mundaú, (2), 96-118.116. (2017)

\_\_\_\_\_. **“Ordem e Progresso” à brasileira: lei, ciência e gente na “co-produção” de novas moralidades familiares.** In: FERREIRA, Jaqueline; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Direitos e ajuda humanitária: perspectivas sobre família, gênero e saúde.** Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2010. p. 151-181.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas, o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas**. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.

GIACOMAZZI, Maria Cristina G. (1997). **O cotidiano da Vila Jardim: Um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades, sob o prisma do medo na cidade – Porto Alegre, RS**. Tese. Porto Alegre, UFRGS.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 458p.

KANT DE LIMA, Roberto. **A política da cidade do Rio de Janeiro, seus dilemas e paradoxos**. Rio de Janeiro, Forense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Violência, criminalidade, segurança pública e justiça criminal no Brasil, uma bibliografia**. BIB – Boletim de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais, n. 50, p. 58, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1988). **“Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça”**. In, Motta, Alda Brito da et all. Nordeste o que há de novo?. Natal, Ed. Universitária, pp. 147 a 150.

\_\_\_\_\_. (2008). **De que João Pessoa tem medo?: uma abordagem em antropologia das emoções**. Ed. do GREM/Editora Universitaria da UFPB.

\_\_\_\_\_. (2003d). **“Sofrimento Social, Exclusão, Pobreza e Trabalho de Luto no Brasil Urbano”**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.2, n.6, pp.250 a 272, <http://www.rbse.org3.net>.

\_\_\_\_\_. (1993). **“Luto, pobreza e representações da morte”**. In, Ximenes, Tereza, org., Novos paradigmas e realidade brasileira. Belém, UFPA/NAEA, pp. 281 a 292.

\_\_\_\_\_. (1994). **“As violências invisíveis na Paraíba - 1993”**. Política & Trabalho, n. 8/10, pp. 3 a 12.

\_\_\_\_\_. (1999) **“A dor como objeto de pesquisa social”**. Ilha, Revista de Antropologia, nº 0, pp. 74 a 84. .

KUSCHNIR, Karina. **O cotidiano da política**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Política e sociabilidade, um estudo de antropologia social.** 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LEITE, M. P. **UPPs: uma unanimidade?**. O Fluminense – suplemento: revista O Fluminense, p. 10-11, 2011.

\_\_\_\_\_. **Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas.** In: MACHADO DA SILVA, L. A. (Org.). **Vidas sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Para além da metáfora da guerra.** Percepções sobre cidadania, violência e paz no Grajaú, um bairro carioca. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2001

\_\_\_\_\_. **Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da cidadania e da política no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 15, n. 44, 2000.

MACEDO, João Paulo. **A invenção da “juventude violenta”: análise da elaboração de uma política pública.** Rio de Janeiro: LACED/E-PAPERS, 2009.

MACHADO DA SILVA, Luís Antônio. **“Violência urbana”, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual.** CADERNO CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, Maio/Ago. 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **"Festa no pedaço."** São Paulo: Brasiliense (1984)

\_\_\_\_\_. **“De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006”.

\_\_\_\_\_. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em <http://www.nau.org/ruasimboloesuporte>.

\_\_\_\_\_. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes antropológicos 15.32 (2009): 129-156.

MAUSS, Marcel & Hubert, H. (1974). Sociologia e Antropologia. Vol. I e 2. São Paulo.

MISSE, Michel. **Crime Urbano, Sociabilidade violenta e Ordem legítima: comentários sobre as hipóteses de Machado da Silva.** s/d. Conversas e Controvérsias, Porto Alegre, vol.3, n.2.

OLIVEIRA, Jaiane Araujo de; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados.** Revista do NUFEN, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014.



ORTEGA, Francisco (ed.). **Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidade.** Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Ponticia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008. Disponível em versão completa: [https://www.academia.edu/11785299/Veena\\_Das\\_Sujetos\\_del\\_dolor\\_agentes\\_de\\_dignidad\\_Francisco\\_Ortega\\_ed.\\_](https://www.academia.edu/11785299/Veena_Das_Sujetos_del_dolor_agentes_de_dignidad_Francisco_Ortega_ed._)

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos.** *Análise social*, p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria da Silva (ORGS.) **Tribos urbanas: produção artística e identidades.** São Paulo, Annablume, 2004.

PAIVA, Luiz Fábio S. **A biografia como problema sociológico: reflexões sobre condições, continuidades e eventos críticos na trajetória de sujeitos vítimas de violência.** *Revista Espaço Acadêmico*, v. 14, n. 163, P. 21-33, 2014.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma antropologia no plural, Três experiências contemporâneas.** Brasília, Ed. UNB, 1991.

\_\_\_\_\_. **Etnografia não é método.** *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n.42, P. 377-391, dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Onde está a antropologia?** *Mana*, v. 3, n. 2, P. 67-102, 1997.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais.** *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 1, 2007.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **Juventude e violência.** LIMA, Renato Sérgio de, RATTON, 2014.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ADORNO, Sergio. **Violência contra crianças e adolescentes, violência social e estado de direito.** *São Paulo em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 106-117, 1993.

PINHEIRO MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. **Rolezinhos: marca, consumo e segregação no Brasil.** *Revista de Estudos Culturais*, 1: 05-25, 2014.

REGUILLO, Rosana. **Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión.** *Revista Brasileira de Educação*, núm. 23, mai-ago, 2003, P.103-118 – ANPED Brasil.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. **Lealdades, silêncios e conflitos: ser um dos “grandes” em um abrigo para famílias.** *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 40-55, jan.-abr. 2011.

RUI, Taniele. **Corpos abjetos: etnografia em contexto de consumo e comércio de crack**. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH / Unicamp, 2012 a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Cuidar: notas sobre a atuação estatal na “cracolândia”**. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 6, p. 336-351, 2012b.

SANTOS, Leonel. **Redes Sociais e usos da Internet em dois grupos de jovens**. 2010. Tese de Doutorado.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. ABA, 2016.

SCALCO, Lucia Mury. **“Fala K É Nós”**: etnografia de um projeto de inclusão digital entre jovens de classes populares em Porto Alegre. 2008

\_\_\_\_\_. **A inclusão digital sob a perspectiva do educador social: contestando a escassez com criatividade** in ETNOGRAFIA, O ESPÍRITO DA ANTROPOLOGIA, p. 336.

SIMMEL, Georg. **“A metrópole e a vida mental”**. In: VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. P. 11 a 25.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006. (Texto original how is Society Possible? American Journal of Sociology, v. 16, 1910-11).

SCHUCH, Patrice. **Práticas de justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA**. EDUFRGS, 2009.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A cidade, a palavra e o poder**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **O tráfico de drogas no Rio de Janeiro e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento sócio-espacial**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano 8, números 2/3. P. 25-39, 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **O desafio metropolitano. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **Imagens da participação das crianças da periferia em projetos sociais esportivos**. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; MARTINS, Raquel Silveira (Orgs.). **Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 97-115.

VELHO Gilberto. (Org.). **O desafio da cidade**. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1979.  
\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Desvio e divergência, uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **“O cotidiano da violência, identidade e sobrevivência”**. In: Boletim do Museu nacional. Nova série, Rio de Janeiro, Brasil. Antropologia nº 56 – 30 de abril de 1987.

\_\_\_\_\_. **A utopia urbana, um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mudança, crise e violência**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

VALLADARES, L. do P. **A invenção da favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VELHO, Gilberto; MACHADO, Luiz Antônio. **A organização social no meio urbano**. In: Anuário Antropológico 76. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 71-80, 1977.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Org.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro, UFRJ; FGV, 1996.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas, desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2003 in VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1967.

VIANNA, Adriana. **O mal que se adivinha: polícia e minoridade no Rio de Janeiro, 1910-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

WENETZ, Ileana. **As crianças ausentes na rua e nas praças - Etnografia dos espaços vazios - Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 346-363, maio-ago. 2013

WRIGHT MILLS, Charles. Do artesanato intelectual. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 211-243, 1980.

WACQUANT, Loïc. **Marginalidade, etnicidade e penalidade na cidade neoliberal: uma cartografia analítica**, Tempo Social, v. 26, n. 2, p. 139-164.

\_\_\_\_\_. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Freitas Bastos Editora, 2001.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da UNICAMP, 19.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)